

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CAMPUS DE BAURU

AUGUSTA – Rua de mão dupla

Laís Montagnana

Bauru - SP

2011

LAÍS MONTAGNANA

AUGUSTA – *Rua de mão dupla*

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discentes Laís Montagnana, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CAMPUS DE BAURU

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Laís Montagnana, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões.

Banca Examinadora

Membros:

Prof. Ms. Cláudio Rodrigues Coração
Prof^a. Dr. Larissa Pelúcio

Presidência e Orientação:
Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões

Dedico este trabalho
aos meus avôs e avós.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avôs, por o Liberato Montagnana me chamar de Marta Rocha e me escrever poemas, e pelos primeiros palavrões que escutei com a rainha subversiva Maria Wanyr Montagnana.

À minha mãe, por todos os anos de doação, amor incondicional, paciência e por nem sempre me entender, mas sempre me apoiar. Nossas divergências são infinitamente menores que o nosso amor: Maria Cecília Montagnana.

Ao meu pai, por, apesar do pouco tempo que tive o privilégio de conviver com ele, conseguiu me deixar um exemplo a ser seguido e muita saudade: Márcio Aparecido Montagnana (*in memoriam*).

Aos irmãos Lucas Montagnana e Sheyla Mendes, pelas “brigas” e cumplicidades.

Ao companheiro Luiz Fernando Nobrega de Assis Neto, por sempre acreditar em mim, me inspirar e ser meu parceiro de loucuras e lençóis.

À eterna *roomate* de vida Marina Burity, pelas ideias, cervejas, companhia, Pedra 90, suporte, abrigo e carinho.

Aos meus amigos pelo tempo compartilhado, apoio e amor: Marcel Verrumo, Marina Watanabe, Marina Cugler, Nathália Colon, Paulo Gomes Netto, Regina Colon, Rodrigo Alves, Viviane Denadai, entre tantos outros.

Ao querido professor Marcelo Bulhões, pela dedicação, paciência, colaboração, incentivo e compreensão desde o primeiro dia de aula.

Aos entrevistados que participaram desse livro, por me deixarem roubar um pouquinho de suas vidas e por agora também fazerem parte de mim.

SUMÁRIO

Introdução	9
2 Propósitos Gerais	11
3 Objetivos	13
4 Procedimentos	14
5 Referencial Teórico	15
5.1 Gêneros jornalísticos	15
5.1.1 Reportagem	15
5.1.2 Entrevista	16
5.1.3 Perfil	17
5.2 Livro-reportagem	18
5.3 <i>New Journalism</i>	20
5.3.1 <i>Repórter-flâneur</i>	24
5.3.2 Jornalismo Gonzo	25
6 Produto Jornalístico	28
6.1 <i>Augusta – Rua de mão dupla</i>	28
6.1.1 Ideia inicial	28
6.1.2 A escolha do título	29
6.1.3 Subtítulos	30
6.1.4. Entrevistas	32
6.1.5 Estrutura	34
6.1.6. Linguagem Verbal	35
6.1.7 Subjetividade	35
6.2 Projeto Gráfico	37
6.2.1 Características técnicas de produção	37
6.2.2 Diagramação	38
6.2.3 Fotografia	38
6.2.4 Mapa infográfico	39
Considerações Finais	41
Referências	43
Anexos	45

RESUMO

O presente trabalho consiste num livro-reportagem que aborda a Rua Augusta de São Paulo, um local emblemático da cidade, uma de suas ruas mais importantes e famosas e que já foi cenário de várias transformações do país. Dos áureos tempos da Jovem Guarda à decadência dos *lócus* de prostituição e drogas. Atualmente a via passa por um processo de duvidosa “revitalização”. Surge então o questionamento de quando parou de existir vida na Augusta e a vontade de captar através de palavras esse momento transitório que está acontecendo no logradouro. Ao percorrer os 3 km da rua pretende-se observar, como um *flâneur*, as duas Augustas, aquela que vive durante o dia e a outra cuja vida começa à noite. Ao descer as ladeiras, traçar um perfil da rua única e extraordinária e desnudar as contradições que fazem da Augusta uma via de mão dupla.

Palavras-chave

Livro-reportagem. Rua Augusta. Revitalização.

ABSTRACT

This project is about a book-report, which will discuss the Augusta Street in São Paulo, a place emblematic of the city, one of its biggest and most famous streets and that has been the scene of several transformations of the country. From the heady days of Jovem Guarda to the decadence of the *infernhos* locus of prostitution and drugs. Currently the route passes through a dubious process of "revitalization." Then comes the question of when life ceased to exist in Augusta and the desire to capture in words the transitory moment what is happening in this street. When you scroll through 3 km of the street you want to be seen as a flaneur, the two Augusta, one which lives on day and another whose life begins at night. Down the hills, draw a profile of one extraordinary street and lay bare the contradictions that make Augusta a two-way street.

Keywords

Book-report. Augusta Street. Revitalization.

INTRODUÇÃO

Eis que termino minha noite cantando “Happiness is a warm gun” com um junkie-maluco-beatnik da Augusta. É que eu havia acabado de atravessar a Avenida Paulista, e mal começava a preparar minhas narinas para sentir o cheiro da decadência que estava por vir do sentindo Centro, quando sou interpelada:

- E aí Beatles, não quer comprar um pouco de arte hoje?

Seu nome é Verdi, igual ao compositor de óperas, Giuseppe Verdi, ele me diz. Aliás, ele me diz várias coisas. Para ele, não falta o que dizer e sim quem escutar. Retira do saco de lixo que carrega nas costas vários panfletos e revistas. Pega uma revista Veja de 2007 para me contar das barbaridades que estão acontecendo no Planalto Central. Conta-me que ama a filha e que faz anos que não a vê, mas que morre de vontade de juntar uma grana para visitá-la na Argentina. Conta-me que ama as drogas, que se viciou em crack e que, se tivesse grana, já estaria morto porque iria fumar pedra todo dia. Confessa-me inclusive pequenos furtos que cometeu em uma livraria da região, a fortuna que confiscou: um Box de DVDs do Led Zeppelin e o outro da Janis Joplin. Ele também me diz que não sabe se prefere os Beatles aos Rolling Stones e, pra fugir dessa pergunta capciosa, escolhe Jimi Hendrix como o seu “deus”.

Conheci Verdi, o “beatnik” velho e incansável, em uma noite de quinta-feira no canteiro do Center 3. Só pude conhecê-lo e ouvir suas histórias e opiniões graças ao meu Trabalho de Conclusão de Curso. O projeto é um livro-reportagem que pretende montar um retrato da Rua Augusta, com uma forma narrativa que sugere o “flanar” por seu asfalto, e através de perfis de desconhecidos e pessoas que não estão nos jornais. Nessa “brincadeira” já colecionei histórias dos mais variados tipos que já andaram pelas calçadas augustianas, e pude chegar a uma conclusão: eu sempre me apaixono um pouco por cada entrevistado. É inevitável ouvir sem se “contaminar”, a sinceridade daquelas pessoas ao revelarem para mim, uma desconhecida, as dores, os amores e as alegrias de suas vidas. Eu sou um pouquinho de cada entrevistado meu. Se não sou, gostaria de ser. Eu sou a audácia

e o desajuste do Verdi. Também sou persistente e orgulhosa como a Nair, cabeleireira do salão Giva. Sou sonhadora e um pouco utópica como o Seu Milton, farmacêutico da Drogaria Bela Vista. Sou notívaga e boêmia, igual aos meninos da banda Rock Rocket. Gostaria de ser centrada como o Lin, da relojoaria, mas também sou espontânea como o Marquinho, morador de rua.

Eu sou passional como só eu sei que sou, e escolhi o jornalismo porque esse tem sido o objeto de minha paixão. Na verdade, o meu momento de “epifania” veio praticamente junto com uma canção pop. Ao ler uma matéria sobre a contemporaneidade das músicas dos garotos de Liverpool e o seu poder de, após 40 anos lançadas, ainda atingirem crianças de 11 anos, descobri que também queria contar histórias. Gosto de ouvir e de reproduzi-las, e acredito que o jornalista é, essencialmente, um contador de histórias da “vida real”. Então, pego emprestado das minhas canções favoritas, dos meus livros de cabeceira, de meus filmes prediletos e de meus seriados viciantes alguma inspiração, o tema, o tom e a visão de mundo que retrato em meus textos. Porque, afinal, um bom repórter não aperta o botão de “desliga” quando sai da redação. Ele vê pauta em tudo e em todos.

2 PROPÓSITOS GERAIS

A agilidade do *hard news* e do jornalismo contemporâneo não deixa brecha para um maior aprofundamento num determinado assunto ou se pautar fora do agendamento. A notícia relata o fato, o aqui e o agora. A reportagem, embora mais aprofundada, não deixa de lado a premissa da objetividade, amputando a criatividade do jornalista, além é claro do limite de caracteres.

A notícia convertida em produto e sua rápida degustação abordam de uma maneira rasa o assunto. Desta forma, o livro-reportagem se justifica aqui pela abordagem diferenciada que propõe. Segundo Edvaldo Pereira Lima, o produto escolhido apresenta um “grau de amplitude superior” aos demais costumeiros tratamentos dos meios de comunicação:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido maior de ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (1995, LIMA, Edvaldo Pereira, p. 29)

No presente projeto buscou-se, então, ultrapassar os “limites” da notícia ao escolher o formato do livro-reportagem como suporte para *Augusta – Rua de mão dupla*. Essa escolha foi feita a fim de realizar um “mergulho” no assunto abordado, procurando desdobrar todas as suas possíveis facetas.

A Rua Augusta é uma importante via arterial da cidade de São Paulo, ligando os Jardins ao centro da cidade. Atualmente, o trecho que vai do início da rua até o cruzamento com a Avenida Paulista, que se localiza na região central de São Paulo, abriga várias boates, saunas e casas de espetáculos. No restante da sua

extensão localizam-se bancos, lojas, boutiques de alto nível, teatros, restaurantes de luxo e cinemas, possuindo um aspecto mais nobre.

Por meio da observação do cotidiano, pretendeu-se mostrar a proximidade e a distância das pessoas que passam, trabalham ou moram nessa Rua, e fazer dessas pessoas comuns, personagens de uma história, que deixam suas marcas ao sobreviverem ao caos da grande metrópole.

A premissa deste trabalho é exatamente focar nos paradoxos da Rua Augusta, descrever e analisar distintas identidades que compõem essa Rua, podendo, assim, também entender um pouco mais as contradições de uma cidade de contrastes que é São Paulo.

Ao abordar os contrastes físicos e ideológicos da Rua Augusta, dar voz as pessoas e colocar holofotes nas histórias do cotidiano, buscou-se traçar o perfil e estabelecer a identidade do mosaico humano que é a Augusta. Este livro-reportagem pretendeu fugir do enfoque dado pelas grandes mídias, e através de uma abordagem mais ampla expor a organização geral da rua.

3 OBJETIVOS

Planejou-se traçar um panorama abrangente de uma das ruas mais famosas de São Paulo através de relatos, entrevistas com moradores e transeuntes, levantamento de dados históricos junto aos órgãos públicos da cidade e pesquisa de campo.

O presente livro-reportagem almejou traçar o perfil da rua em questão por meio de entrevistas com os moradores, comerciantes e frequentadores do local. Outro objetivo também foi explicar as modificações históricas pelas quais a rua passou e o que isso influenciou na sua composição atual.

Por meio da descrição do cenário, do cotidiano na Rua Augusta, da observação das proximidades e das distâncias nas relações entre as pessoas que frequentam o local, e através de entrevistas e pesquisas, buscou-se dar atenção para os contrastes presentes na rua. Através dessas oposições relatadas, pretendeu-se estabelecer ligações entre as pessoas e reportar a configuração atual do ambiente.

Objetivou-se a elaboração de um livro-reportagem utilizando pesquisas teóricas e práticas sobre o tema e por meio da realização de uma série de entrevistas. Pretendeu-se construir o produto com uma abordagem do jornalismo literário, o que possibilitaria uma narrativa mais envolvente e prazerosa.

4 PROCEDIMENTOS

O primeiro passo para a realização do presente livro foi levantar as referências bibliográficas necessárias e fichá-las, para embasar a produção. Foi estudada a estrutura do livro-reportagem, como fazer uma boa entrevista, o que é realização e a história da Rua Augusta. Também houve uma coleta de dados sobre o local, através da pesquisa em jornais antigos.

Em seguida, partiu-se para a pesquisa de campo propriamente dita. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com os moradores, donos de estabelecimentos comerciais e frequentadores da Rua Augusta. As entrevistas são um dos pilares do livro-reportagem, e a construção da pesquisa se deu através da observação da realidade dos frequentadores do local escolhido. As entrevistas foram feitas individualmente, e apresentavam não um “roteiro de perguntas”, mas uma base na qual buscou-se entender a relação do entrevistado com a rua e elucidar fatos marcantes da história do bairro.

A observação e as entrevistas com os frequentadores da Rua foram a base para a compreensão histórica da formação da composição do local. Logo após, foi feita a transcrição de todas as entrevistas realizadas, bem como a avaliação desse material.

É válido observar que, durante a organização do material e produção do livro, foi necessário o contato com algumas obras de jornalismo literário e livros-reportagem para buscar “inspiração” e também consultar como alguns procedimentos narrativos podem ser utilizados na composição do texto, tornando-o mais expressivo.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Gêneros Jornalísticos

O livro-reportagem *Augusta – Rua de mão dupla* busca explorar uma mescla de gêneros jornalísticos, tais como a reportagem, a entrevista, e o perfil (que não deixa de ser uma modalidade de reportagem). Portanto, a seguir serão explanados características, objetivos e especificidades de cada um desses gêneros.

5.1.1 Reportagem

Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), a reportagem é caracterizada pela predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. Logo, podemos notar que se diferencia da notícia. Apesar de buscar o efeito de objetividade, ela é mais densa e detalhada, o texto é mais longo, muitas vezes fragmentado por subtítulos, e o assunto recebe maior aprofundamento.

Estudiosos concordam que esse gênero é o aprofundamento da notícia. Ela conta detalhadamente aquilo que já foi anunciado pela notícia. Enquanto a notícia atenta para o aqui e o agora, a reportagem não se restringe ao presente. Ela busca as causas e efeitos através de elementos do passado e do futuro.

As linhas de *tempo* e *espaço* se enriquecem: enquanto a notícia fixa o *aqui*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o *já* no *antes* e no *depois*, deixa os limites do acontecer para um *estar acontecendo atemporal*, ou menos presente. (LIMA, 1995, p.24)

A reportagem se debruça sobre determinado assunto através de uma angulação pré-estabelecida. Não se prende ao *lead* do onde, quando, como e por quê. Faz a contextualização, procura informar o leitor de forma menos superficial, buscando destrinchar os acontecimentos que levaram ao fato principal e, se

possível, apresentar várias versões de pessoas envolvidas com o assunto tratado. Sendo assim, é possível afirmar que esse gênero é o núcleo do jornalismo, como defende Traquina (2005, p. 45): “A reportagem se entende como a essência do jornalismo, isto é, como a forma mais ‘verdadeira’ de ser jornalista”.

Segundo Bulhões, a reportagem traz voz a quem convive estreitamente com os fatos, permitindo um discurso individualizado, com marcas de personalidade:

Daí dizer-se que a reportagem é o ambiente mais inventivo da textualidade informativa. Na dilatação do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um cenário. Ou desdobrar-se plenamente na narratividade, em que estão implicados personagens em processo de mudança de estado. É desse modo que ela ensaia alguma proximidade com realizações da prosa de ficção ou transporta marcas da própria literariedade. (BULHÕES, 2007, p.45)

5.1.2 Entrevista

Tecer uma realidade através do relato de entrevistados não é uma tarefa fácil. Muitas vezes a fonte pode contar só o que lhe convém, ou pode se sentir intimidado com o interrogatório do jornalista munido de seu gravador. Portanto, a “arte” de entrevistar deve ser desvendada com cautela. No presente trabalho busquei aplicar a entrevista de compreensão, que despreza a especularização e tem o intuito de compreender:

“Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre o entrevistador e o entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel de multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali, espontaneamente, perfeito. Nessas ocasiões, o jornalista-escritor atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor.” (LIMA, 1995, p. 85)

A princípio, este gênero tem como propósito obter informações através de entrevistas para dar credibilidade ao texto jornalístico. Para reconstituir uma história,

o repórter não pode se basear apenas no que viu, mesmo porque muitas vezes ele sequer presencia o fato, chegando ao local em que dão os acontecimentos após o ocorrido ou apenas obtendo informações de terceiros na redação. Faz-se necessária a apuração dos fatos, que envolve, entre outros elementos, a entrevista. Indivíduos envolvidos na ação – desde aquele que a pratica, sofre suas consequências, até o que apenas a presencia – tornam-se fontes.

No caso do livro-reportagem *Augusta – Rua de mão dupla*, as entrevistas não são apenas depoimentos que acrescentam detalhes à informação. Os depoimentos coletados são a base de tudo. Os entrevistados são os personagens e fontes necessários para o “retrato” da rua que se pretende obter.

5.1.3 Perfil

O perfil é um estilo jornalístico que tem como núcleo narrativo pessoas. O gênero pode ser escrito através de entrevistas com a pessoa perfilada, seus familiares e amigos próximos, com base em pesquisas na trajetória de vida do “personagem”, e até pelo olhar de terceiros.

Além de considerar como sendo uma mescla da reportagem com a entrevista, Sergio Vilas Boas descreve o perfil como a combinação de cinco elementos básicos: memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos. Segundo Vilas Boas, o perfil não tem graça sem uma pitada de literatura, pois “não hipnotiza”. O autor ainda ressalta que para se fazer um bom perfil é necessária a empatia. O personagem deve dividir suas alegrias e tristezas, envolver o leitor.

Os perfis cumprem um papel importante que é justamente gerar empatia. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê). (BOAS, 2003. p.14)

Ricardo Kotscho descreve o perfil como a parte mais rica das “matérias humanas”, no qual o jornalista tem a oportunidade de fazer um texto mais trabalhado. Mas, para isso, é necessário conhecer profundamente a vida do entrevistado, seja através de entrevistas ou pesquisas.

Kotscho ainda ressalta que para fazer um bom perfil é necessário ter sensibilidade e conquistar a confiança do perfilado.

Preparar perguntas e levantar os pontos polêmicos que serão tratados na matéria é o início do trabalho. Mas o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria (...). O repórter deve ganhar a confiança do entrevistado, para poder conseguir arrancar tudo dele. Sempre é bom conversar um pouco antes de começar a matéria propriamente dita – sentir, estudar o outro como numa luta de boxe. (KOTSCHO, 2003. p.42)

5.2 Livro-reportagem

O livro-reportagem é o gênero que ultrapassa as fronteiras do jornalismo diário no sentido de se prestar como uma extensão da reportagem no formato de livro, com um alcance cronológico que não é efêmero. Esse veículo permite um ganho maior de tempo de elaboração e apuração, possibilitando explanar o assunto tratado da forma mais ampla possível.

Segundo Eduardo Belo, o livro-reportagem é um tipo diferente de se fazer jornalismo porque ele tem claras diferenças com o modelo praticado hoje pela imprensa brasileira. Contudo a reportagem em livro segue o mesmo padrão técnico como se fosse publicada em qualquer outro meio de informação.

Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que o livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006. p.41)

Ou seja, o livro-reportagem guarda uma densa relação com o chamando jornalismo de profundidade. Ele se mostra o meio ideal para tratar mais detalhadamente de assuntos que não estão na agenda e que o *hard news* pincela rapidamente. Desta maneira, o livro-reportagem revela-se, do ponto de vista técnico, como o instrumento mais rico para o exercício jornalístico.

Contudo, o livro-reportagem não precisa se ater à simples informação, como no jornalismo diário. A liberdade é imensamente maior. Tanto na abordagem e profundidade quanto na forma de contar, que pode ser descontraída, em tempo não linear e não objetiva. Segundo Edvaldo Pereira Lima, o autor do livro-reportagem procura cativar o leitor através de memórias, identificações e projeções.

Ao articular um livro-reportagem, o autor inicia um jogo implícito com seu leitor. O jogo consiste em captar o leitor, atraí-lo do seu mundo mental e emocional, cativá-lo para abstrair-se - no momento da leitura ou nos momentos dos diversos segmentos que constituem a leitura de uma obra escrita - desse mundo, em alguma medida, para um mergulho no universo particular contido, representativamente, no livro." (LIMA, 1995, p. 110)

Eduardo Belo também reforça que "o mergulho profundo nos fatos, personagens, situações" é uma das características mais marcantes do livro-reportagem como veículo jornalístico. Segundo ele, essa é a vantagem do livro-reportagem em relação aos periódicos, já que é possível explorar ramificações de um tema, os desdobramentos de cada história e as várias maneiras de contá-las. Tais possibilidades permitem uma visão mais ampla e profunda, sem a fragmentação característica da cobertura jornalística cotidiana.

O livro-reportagem conta uma história real factual, às vezes tendendo para o literário. Sua temática é legítima, mas não necessariamente alvo da imprensa cotidiana. A atualidade não se faz extremamente necessária e quando o assunto é atual aprofunda-se, buscando elementos anteriores. Para Belo, como o livro foge do imediatismo da cobertura midiática, é necessário maior durabilidade no assunto.

Segundo ele, o espaço permite reportagens mais abrangentes, criativas, originais e que prezem menos pela urgência, mais para o aprofundamento.

O autor também elenca algumas condições necessárias para a reportagem ganhar *status* de livro.

A concepção de um livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito e muito tempo. Pede também densidade, análise, conteúdo. Esses dois fatores estão quase sempre associados à extensão do texto e à capacidade do autor de construí-lo. (BELO, 2006, p. 42)

5.3 *New Journalism*

Na década de 1960, os Estados Unidos foram o berço do movimento da contracultura, que aparece para afirmar que a sociedade deveria moldar-se conforme as necessidades humanas, já que o homem é a única justificativa para a existência da sociedade. Com o foco de atenção voltado para o ser humano, o jornalismo também sofre os efeitos das transformações no mundo, e acaba estreitando suas conexões com a literatura através do surgimento do então chamado *New Journalism*.

Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote são os mais conhecidos expoentes da “nova corrente”, que propõe mudanças drásticas no modo como se apura, redige e edita o fato noticioso; utilizando-se de uma série de técnicas da literatura de ficção e mantendo uma visão mais “humanitária” na sua abordagem, contrariando a distância e a frieza do jornalismo tradicional.

O *New Journalism* nasce para, de certa forma, satisfazer uma necessidade que muitos jornalistas possuíam: o sonho de escrever um grande romance. Tom Wolfe (1973) acreditava em uma espécie de hierarquia da literatura, na qual o status de romancista era o ponto mais alto a ser buscado. Em

contrapartida, o jornalista desempenhava o papel mais baixo na escala de valores literários.

Para Bulhões, os representantes do *New Journalism* se apropriam de recursos da narrativa literária em seus textos jornalísticos:

Compreende-se que o *New Journalism* tenha adquirido o sentido de uma prosa libertária. E para elaborar formas expressivas de uma “nova” textualidade jornalísticas, desatrelada a pasteurização e do pragmatismo noticiosos, desatando o nó da gravata da burocracia redacional, os representantes do *New Journalism* convocaram conscientemente as armas – e os barões assinados – da literatura. (BULHÕES, 2007, p. 146)

A influência que a literatura de ficção europeia do século XIX exerce sobre o *New Journalism* é verificada especialmente na forma com que o material é coletado. A escola do realismo social caracterizou-se, algumas vezes, por longas e detalhadas “pesquisas de campo” que os escritores faziam antes de escrever. Antes de escrever um livro, o escritor inglês Charles Dickens realizava extensas pesquisas sobre a linguagem, os tipos humanos e os costumes de pessoas pertencentes às classes marginalizadas.

Já o francês Honoré de Balzac, celebrou-se pelo alto nível de detalhamento que conferia às suas descrições de ambientes. O trecho a seguir é um exemplo de como era empregada, na literatura de Balzac, uma descrição detalhada de hábitos e costumes, por meio da observação minuciosa da realidade, que auxilia o leitor a inteirar-se do cenário no qual a história acontece:

Os condenados a trabalhos forçados, com seus costumes e sua linguagem, com suas transições bruscas do cômico para o horrível, sua grandeza terrível, sua familiaridade, sua baixeza, de repente foram representados nessa interpelação e por esse homem, que não era mais um homem, mas o modelo de toda uma nação degenerada, de um povo selvagem e lógico, brutal e suave. Nesse momento, Collin tornou-se um poema infernal no qual se pintaram todos os sentimentos humanos menos um, o remorso. Seu olhar era o do arcanjo caído que sempre quer a guerra. Rastignac baixou os

olhos, aceitando o parentesco criminal como uma expiação por seus maus pensamentos.

- Quem me traiu? – perguntou Collin.
(BALZAC, 2002, p. 201)

Em *The New Journalism* (1973), Tom Wolfe enumera os quatro principais procedimentos literários aplicados no *New Journalism*: a construção cena-a-cena, o uso de diálogos, o ponto de vista na terceira pessoa e os símbolos de *status*. Segundo Wolfe, estes quatro fundamentos seriam responsáveis pela força extraordinária que faz com que um texto torne-se apaixonante para quem o lê.

Segundo Ferreira Júnior (2003), Wolfe propõe a utilização de elementos da literatura como característica principal do *Novo Jornalismo*.

Além de um determinado tipo de reportagem-observação que busca a informação que está na cabeça das pessoas (seus pensamentos, emoções, em torno do acontecimento central) e aquela que está no modo de vida dos envolvidos (tudo o que os situa socialmente, de tipo de vocabulário, olhar, maneirismo, até o que comem, onde moram etc.), Wolfe propõe como característica principal do Novo Jornalismo, para ele um novo gênero literário, a utilização pelos seus autores do instrumental da literatura, isto é, das técnicas do realismo: da construção “cena-a-cena” ao diálogo (narração mais linear e reprodução das conversas), do ponto de vista da terceira pessoa ao registro dos detalhes simbólicos, da vida cotidiana dos envolvidos (nesses dois últimos casos, conforme ligação com a necessária reportagem observação mencionada antes). (FERRERIRA JÚNIOR, 2003, p. 286-287)

O uso dos diálogos ajuda a compor com maior profundidade os personagens históricos ou tipificados, uma vez que através da sua linguagem e reações é possível informar muito mais e de maneira muito mais direta e precisa ao leitor do que por meio de descrições. Além de aproximar o formato do texto jornalístico ao de uma obra de ficção como o conto ou o romance, os diálogos tornam o ritmo da leitura bastante agradável e, portanto, têm um poder muito maior de persuasão.

Quanto ao uso do ponto de vista na terceira pessoa, ele serve principalmente para dar ao leitor a sensação de estar presente na cena que está sendo descrita ou narrada, como se experimentasse as sensações através da focalização em uma personagem em particular, com a qual pode identificar-se. Isto demonstra o quão importante é a habilidade do jornalista em fazer com que os seus personagens despertem empatia nos seus leitores. O uso do foco narrativo em terceira pessoa consagrou os aspectos descritivos de caráter plástico e visual, além de garantir credibilidade ao texto por ocultar as marcas de enunciação e transmitir a impressão de isenção do autor. Segundo Wolfe (1973, p.65), através do uso desse foco narrativo "o autor se mantém completamente invisível".

Em um texto jornalístico (ou seja, claramente não-ficcional) escrito em primeira pessoa, seria impossível acreditar na hipótese de reproduzir com precisão os pensamentos de outra pessoa. Através de uma intensa bateria de entrevistas com cada personagem, contudo, é possível extrair-lhes confissões, segredos e outras particularidades de suas personalidades para, posteriormente, utilizar tais informações na confecção da narrativa em terceira pessoa.

A intensa descrição de gestos, hábitos e outras particularidades dos personagens não são gratuitas e a sua função não se limita a enriquecer e “enfeitar” a narrativa. Vem a ser mais um recurso que demanda uma pesquisa bastante atenta e reverte-se em elementos que ajudam a aprofundar o nível de informação que o leitor recebe sobre determinado personagem. As descrições tanto de ambientes quanto de comportamentos são, em geral, bastante ricas, de modo a informar ao leitor o máximo possível.

A influência do *Novo Jornalismo* no Brasil foi significativa porque estimulou a produção de livros-reportagem e matérias especiais. Tivemos a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, como exemplo desse movimento.

5.3.1 O repórter-*flâneur*

Lugar de repórter é na rua, diz Ricardo Kotsho (2003). Com pauta ou sem pauta, é lá que as coisas acontecem e a vida se transforma em notícia. Tal preceito se relaciona com a noção de repórter-*flâneur*.

Para Marcelo Bulhões, o jornalista que se comporta como um *flâneur* é aquele que passeia ociosamente e caminha a esmo. É assumir a postura despreocupada de quem vagueia pelas ruas, aberto ao acaso. Lançado à indeterminação da vida, o jornalista-*flâneur* não tem pauta pré-definida, nem roteiro de perguntas pré-estabelecido. Sua principal ferramenta é a observação atenciosa e deslumbrada da realidade ao redor. Bulhões ainda destaca que há uma “certa exaltação da despreocupação, do ócio, como apologia a vadiagem, um elogio à inutilidade”. O jornalista-*flâneur* vai ao palco dos acontecimentos e, dessa forma, ao narrar os fatos pode assumir a postura de um personagem de ficção.

Em muitos casos, as narrativas processarão as peripécias de um personagem-narrador-repórter no trabalho de colher o material jornalístico. Com isso, não há um efeito de separação entre o narrador-personagem e o fato narrado (...) no cronista há o ficcionista; no repórter, um personagem. (BULHÕES, 2007, p. 108)

Sendo assim, o repórter-*flâneur* deixa marcadas as suas próprias impressões ao fornecer explicitamente traços de subjetividade no texto jornalístico. Bulhões destaca que o ato de flânar é uma atividade descompromissada e errante, de quem caminha a esmo acompanhando os acontecimentos e demonstrando-se íntimo deles.

O *flâneur* se deixa mover pelo acaso e não disfarça o deslumbramento diante do que vê. Ele se inscreve liricamente na “alma encantadora das ruas”. Ambos, repórter e *flâneur*, estão consubstanciados. (BULHÕES, 2007, p. 111)

No Brasil o principal expoente, considerado por Bulhões como o nosso primeiro repórter literário (“um repórter sim, mas *flâneur*”), é jornalista carioca Paulo Barreto. Sob o pseudônimo de João do Rio, ele escreveu reportagens que marcaram um pioneirismo inconfundível.

Em João do Rio, *flâneur* e repórter não são estranhos um ao outro. Há nele muito de postura aristocrática do dândi despreocupado que vagueia pelas ruas, aberto às contingências do acaso. Mas, ao mesmo tempo, ele é o jornalista, alguém investido de uma atitude profissional, que realiza entrevistas e apura os acontecimentos, notifica a realidade. (BULHÕES, 2007, p. 106)

Para a pesquisa e confecção do livro-reportagem *Augusta – Rua de mão dupla*, a jornalista assumiu a postura de *repórter-flâneur*. Sem se basear em pautas elaboradas, na maior parte das vezes o processo de captação de material para o livro-reportagem consistia em ir à Rua Augusta munida de olhos atentos e “esperar” as situações acontecerem. Perdi a conta de quantas vezes subi e descii as ladeiras augustianas. A cada *tour* uma nova história era escutada, um novo personagem conhecido e outro ponto de vista explorado. Durante minhas caminhadas pelos 3 km da via, mantive-me aberta ao que o acaso iria me preparar.

5.3.2 Jornalismo Gonzo

O *New Journalism* nasceu atrelado à rebeldia de uma geração de “novos jornalistas” – inspirados em matrizes da ficção realista do século XIX – dispostos a romper com os padrões de redação jornalística vigentes em meados do século XX. De uma rebeldia ainda mais incisiva surgiria o Jornalismo Gonzo.

O efeito de objetividade jornalística sempre foi algo que os jornalistas buscaram imprimir em seus textos. Em seu livro “O relógio pascal” (2006), Caio Túlio Costa acrescenta que a objetividade jornalística é uma balela, mas aproximar-se dela é dever do profissional. Na década de 1960, entretanto, surge um estilo jornalístico que contesta radicalmente essa tão procurada objetividade. O Jornalismo Gonzo propõe a valorização da subjetividade na profissão de jornalista.

Dizem que o Jornalismo Gonzo se confunde com o seu próprio criador: Hunter Thompson. Adepto de técnicas que o aproximam muito mais dos ideais *beatniks* e hippies (como o obrigatório abuso de drogas, os caóticos métodos de captação e a liberdade criativa na hora de escrever os textos) do que os seus contemporâneos, Thompson dá origem ao estilo que ainda hoje é reconhecido academicamente como uma escola de um só autor.

O estilo prima pela total anarquia, pelo sarcasmo e pelo exagero. É a tradução mais aproximada dos ideais libertários da época: a busca incessante pelo Sonho Americano - coisa que todos, de uma forma ou outra, estavam fazendo nos Estados Unidos nos anos 60.

Para o próprio Thompson (1990), Gonzo seria um estilo de reportagem no qual “a melhor ficção é muito infinitamente mais verdadeira que qualquer tipo de jornalismo”. Thompson acredita que tanto a ficção quanto o jornalismo são categorias artificiais e que as duas, quando feitas da melhor forma possível, são caminhos diferentes para um mesmo fim: informar alguém sobre alguma coisa.

O Jornalismo Gonzo não possui manifesto ou regras e não existe uma definição única do que se trata. Todavia, são evidentes algumas características particulares, como a captação participativa, já que o Gonzo jornalista não se contenta em observar ou recolher depoimentos de pessoas que vivenciaram determinadas experiências. Para oferecer uma maior dimensão de informações, ele próprio precisa viver a experiência. Tornando-se parte do objeto de sua reportagem, o Gonzo jornalista acaba interferindo - ainda que involuntariamente - no destino da história. Uma vez que a captação de dados é feita de forma participativa, o uso do narrador na primeira pessoa imprime legitimidade às histórias contadas pelo Gonzo jornalista e o transforma em uma espécie de *jornalismo confessional*.

Thompson admite que muitas das histórias descritas em seus artigos nunca aconteceram. Seu estilo de escrever, de caráter extremamente confessional e fazendo uso de uma linguagem clara e direta, faz com que o leitor acredite que os fatos que estão sendo expostos correspondam exatamente ao que aconteceu (...). Por ser uma persona literária, Thompson não conseguia

dissociar sua vida e sua obra, o que ajudava a alimentar a controvérsia sobre a veracidade dos episódios que relatava. (CZARNOBAI, 2003)

Nos textos Gonzo há uma dificuldade de discernir ficção da realidade. Isso porque é permitido o uso de personagens e situações que nunca existiram, se isso contribuir para aumentar o nível de informações e conferir maior dramaticidade à cena que está sendo descrita e narrada. É importante também que a diferença entre ficção e realidade não seja jamais explicitada.

Por ser personalizado de acordo com as demandas e expectativas do escritor, o Jornalismo Gonzo encontra dificuldades em ser definido com precisão. Isso não se relaciona apenas com o fato de Thompson ser talvez o único autor do gênero – ditador da maioria dos seus conceitos e princípios –, mas também devido à anarquia e libertinagem que o gênero permite, uma vez que não existem regras. Gonzo é uma mistura de fato e ficção, escrito em um estilo instintivo e cativante.

6 PRODUTO JORNALÍSTICO

6.1 *Augusta – Rua de mão dupla*

Nesta parte do relatório, estão apontadas as características gráficas e editoriais do livro-reportagem *Augusta – Rua de mão dupla*.

6.1.1 Ideia inicial

Este presente projeto teve o seu desabrochar em meados de abril de 2010. Com inspiração na história do Beco das Garrafas – uma travessa do Rio de Janeiro que, nas décadas de 1950 e 1960, era reduto dos músicos que criaram a Bossa Nova –, queria também encontrar em São Paulo um lugar incomum e que transpirasse arte. Inicialmente, pensei em focar no bairro da Barra Funda (inspirada por uma matéria da revista *Bravo!*, que citava a efervescência cultural incipiente da região), mas, mudei meu rumo ao encontrar a Augusta e me apaixonar por sua história e suas contradições.

A Rua Augusta era meu tesouro secreto, ainda incompreendido ou desinteressante para a grande mídia. Era, porque no final de 2010, para a minha surpresa comecei a encontrar matérias sobre a Rua Augusta em jornais e até mesmo na Rede Globo. O estopim veio, em 2011, com uma matéria sobre a “minha” rua no *Los Angeles Times*.

No entanto, ao contrário de me desestimular, todo esse interesse da grande mídia pela Augusta serviu de incentivo para justificar meu projeto e apontar também o *outro lado* da tal “revitalização”, que os veículos de comunicação ignoravam.

6.1.2 A escolha do título

A noção dos “contrastes” que a Rua Augusta apresenta foi considerada para a escolha do nome do livro-reportagem: *Augusta – Rua de mão dupla*.

A Rua Augusta tem seu início, na Praça Roosevelt, no Centro, e seu término, na esquina com a Rua Estados Unidos, nos Jardins. A topografia da rua é muito interessante porque ela liga as “ruínas” históricas do Centro da cidade com a Zona Oeste e, no meio do caminho, tem seu corpo cortado em duas metades pela Avenida Paulista, que “enobrece” um lado e “amaldiçoa” o outro.

Para quem conhece São Paulo, é quase um consenso dizer que a rua tem duas “pernas”: uma Augusta “diurna” e outra “noturna”. O livro-reportagem busca contrapor esses dois lados da rua: a dimensão do *underground*, “noturna”, e a dimensão “diurna”, mais bem-comportada. O título *Rua de mão dupla* sugere exatamente essa oposição entre os dois lados separados pela Paulista.

Contudo, é interessante ressaltar que o nome já indica que, por ser uma via de mão dupla, as diferenças entre as “duas Augustas” são da mesma natureza, por isso não são antagônicas, mas complementares. Em uma via de mão dupla, apesar de haver carros seguindo caminhos opostos, eles acabam se cruzam em algum ponto, havendo assim comunicação entre eles. Suas metades, às vezes tão paradoxais, são complementares, pois existe um pouco dos dois lados da rua em cada uma das Augustas: é como se uma metade abastecesse a outra.

Apesar de a rua ser de mão dupla, não é todo trecho da Augusta que mantém essa característica, gerando assim o seu hibridismo característico. O título escolhido busca atrair o leitor para essa característica principal da rua.

Outro título que gostaria de chamar atenção é o do primeiro capítulo: “Crepúsculo da Augusta”. Apesar de todo o espaço urbano ser transitório, o título busca registrar esse momento, também efêmero, mas único que a Augusta está

passando nessa última década, pois ele marca a convivência dos contrastes augustianos. Como crepúsculo é aquela claridade frouxa, que precede o nascer do sol ou persiste algum tempo depois de ele se pôr; achei apropriado relacioná-lo com a situação atual da Rua Augusta: o momento que persiste antes da propriamente dita “revitalização”.

6.1.3 Subtítulos

A música é uma linguagem universal, que tem o poder de provocar sensações, sentimentos e transmitir emoções de uma forma subjetiva e muito eficaz. Justamente pelo seu “poder de alcance” e de evocar percepções, todos os títulos de capítulos e perfis têm como subtítulo uma canção. É uma sugestão para que o leitor escute enquanto estiver lendo.

Os títulos das canções foram cuidadosamente escolhidos para cada perfil ou capítulo pensado em provocar emoções, e até mesmo antecipar ao leitor um pouco do que ele irá ler.

Foi um recurso poético, utilizado com a intenção de caracterizar o personagem retratado. Seja através do ritmo, da melodia ou da letra, cada canção escolhida relaciona-se com a parte do livro onde ela foi inserida.

Também há cinco títulos de canções na lista que não estão ligadas a nenhum capítulo específico, mas por também serem canções que têm muito a ver com a Augusta, foram incluídas como “faixas bônus”.

As letras das canções encontram-se anexadas no final deste relatório. As canções estão disponíveis para download no endereço: <http://www.mediafire.com/?f94k47n97efrs6r>, e também é possível escutar online todas as canções na lista de reprodução *Músicas Augustianas*, no site:

<http://grooveshark.com/#/playlist/M+licas+Augustianas/61724693>. Também foi anexado ao presente relatório um CD contendo as canções.

Abaixo, por ordem de aparição, seguem os nomes de todas as canções e seus respectivos intérpretes, que constam no livro-reportagem:

- “Um Lugar do Caralho” – Júpiter Maçã
- “Vida Bandida” – Lobão
- “Nightwalker” – Thiago Pethit
- “Hey boy” – Mutantes
- “Walk on the wild side” – Lou Reed
- “Sampa” – Caetano Veloso
- “Rum and Coca Cola” – The Andrews Sisters
- “Mercedita” – Gal Costa
- “Cowboy fora da lei” – Raul Seixas
- “Sobre o tempo” – Pato Fu
- “Sweet Virginia” – The Rolling Stones
- “Happiness is a warm gun” – The Beatles
- “Quem te viu, quem te vê” – Chico Buarque
- “Preta Pretinha” – Novos Baianos
- “Por um Rock and Roll mais Alcoólatra e Inconsequente” – Rock Rocket
- “I wanna be your dog” – Iggy Pop and The Stooges
- “Geni e o Zepelim” - Chico Buarque

- “Menina gata Augusta” – Jorge Ben
- “Augusta, Angélica e Consolação” – Tom Zé
- “Não existe amor em SP” – Criolo

Faixas Bônus:

- “Rua Augusta” – Mutantes
- “Decência” – Cérebro Eletrônico
- “Rua Augusta” – Emicida
- “Efêmera” – Tulipa Ruiz
- “Não vá se perder por aí” – Mutantes
- “Silvia – 20 horas, domingo” – Ronnie Von

6.1.4 Entrevistas

Foram muitas as conversas e bate-papos que deram corpo ao livro. As entrevistas foram realizadas na cidade de São Paulo, no período de julho de 2010 a outubro de 2011. A grande maioria do material foi gravado e, posteriormente, transcrito. Alguns entrevistados não permitiram que a conversa fosse gravada. Nesses casos foram feitas anotações. Algumas entrevistas também, devido à impossibilidade de marcar um encontro pessoal, foram feitas por telefone. Contudo, todos os perfilados foram entrevistados pessoalmente.

Abaixo, por ordem de aparição, seguem os nomes de todos os entrevistados que constam no livro-reportagem:

- Leandro Marcio Ramos – ex-morador da Augusta.

- Facundo Guerra – empresário da noite e um dos sócios do clube Vegas.
- Cláudio Medusa – DJ residente e um dos sócios do bar Astronete.
- Nelson Ojeda Iribarra – sapateiro.
- Paula da Silva – gerente da Augusta Discos.
- Sabrina Rosa – prostituta.
- Luís Cuza – presidente da Ação Local Roosevelt.
- Regina Meyer – coordenadora do Laboratório de Urbanismo da Metrópole (Lume) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP.
- Cecília Cardoso Teixeira de Almeida – doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em planejamento regional.
- Beto Silva – garçom.
- Edson do Nascimento – comerciante informal.
- Seu Manuel – pipoqueiro.
- Ludwing Henriquez – artista/comerciante informal.
- Cão – artista plástico.
- Thiago Rodrigues – comerciante informal.
- Maurice Plas – alfaiate.
- Helena da Paixão – gerente da Ropahara.
- Sandra Alencar – prostituta.
- Antônio Jesus de Carvalho – alfaiate.
- Sandra Keller – dona da loja Santa do Cabaré.

- Marquinhos – morador de rua.
- Lin Chun-Lone – relojoeiro.
- Verdi Tavares de Lima – flâneur.
- Milton Luiz Toledo – dona da Drogaria Bela Vista.
- Nair de Castro – cabeleireira do salão Giva.
- Rock Rocket – banda paulistana.
- Ivam Cabral – um dos fundadores da Companhia de Teatro Os Satyros.

6.1.5 Estrutura

O livro apresenta um Prefácio, três capítulos e um Posfácio.

No Prefácio da obra, intitulado “Lugar do Caralho”, é apresentado ao leitor como a repórter-narradora teve seu primeiro contato com o tema do livro, bem como o objetivo da obra. Ao contar como surgiu a relação da repórter com a Augusta, o texto antecipa algumas características do ambiente, e também busca “preparar” o leitor para o caminho que será percorrido no transcurso narrativo.

No Capítulo I, “Crepúsculo da Augusta”, é feito um panorama geral de como a rua se encontra atualmente. Nesse ponto, busca-se focar em quais são as ações de “revitalização” que estão ocorrendo na região e saber, de todos os possíveis lados afetados por esse processo, o que a “revitalização” representa. Este capítulo é o mais factual de todo o livro, e pretende trazer esse contexto atual.

O Capítulo II, “Uma rua, dois mundos”, é um convite ao leitor para percorrer os 3 km da Augusta, do Jardins ao Centro cruzando a Paulista. Durante o caminho é observada a Augusta atual, e lembrados fatos passados que iluminam o seu atual momento, ao mesmo tempo em que possibilitam um cotejo entre o presente e passado da rua.

No capítulo III, “Do céu ao inferno em 3 km”, novamente é obedecida a topografia da rua para flunar por ela. Mas dessa vez, a ênfase recai sobre os tipos humanos. Pretendeu-se contar um pouco da Augusta através da história dos perfilados, já que eles têm uma forte relação com o espaço urbano. Portanto, através dos perfis busca-se entender mais sobre a rua, e vice-versa.

Finalmente, no Posfácio, “O amor termina na Augusta”, é feito praticamente uma declaração de amor à rua, na qual se tenta transmitir o que a rua representa para a repórter. Neste ponto também é exposto um possível desfecho imaginado para a rua, e qual é a postura da repórter perante isso.

6.1.6 Linguagem verbal

A linguagem verbal do livro tende ao informal e coloquial, buscando equivalência com o próprio tema. O tratamento da linguagem é indissociável do conteúdo, por isso, o verbal se impregna de gírias, linguagens próprias da juventude e termos informais que são utilizados pelas pessoas que vivem na rua.

Principalmente no capítulo de perfis, é possível observar como a linguagem verbal transita de um personagem para o outro. É como se ela absorvesse as características do perfilado e se contaminasse com as pessoas da rua. Essa característica também reafirma a necessidade do uso de palavrões, para transmitir uma “exatidão de espírito”.

6.1.7 Subjetividade

Foi na sala de espera de um consultório médico, folheando tediosamente revistas velhas enquanto esperava para ser atendida que uma notinha pequena, da

revista Veja de 2005, sobre a morte de um tal de Hunter S. Thompson me chamou a atenção.

Fiquei encantada com subversão do jornalista que, em 1970, foi escalado para cobrir uma famosa corrida de cavalos americana, se afundou no álcool, terminou o evento sem saber quem tinha ganhado a corrida, mas produziu o artigo “The Kentucky Derby is Decadent and Depraved”. O texto é uma ácida crítica ao estilo de vida da população local, repleto de digressões, e interferência do autor no curso dos acontecimentos, quebrando totalmente com a objetividade jornalística.

A narrativa do escritor norte-americano ícone da contracultura dos anos 60 era uma alternativa ao modelo convencional do jornalismo que eu via circular por aí de maneira desinteressante.

Quando em 2009, por incentivos da colega Regina Colon, assumi a editoria do canal de Entrevistas da revista virtual e Projeto de Extensão, “Livre-vista”, me veio a responsabilidade de, quinzenalmente, encontrar pessoas interessantes para alimentar a editoria. Ao longo de quase dois anos de “Livre-vista”, foram muitas histórias que tive a oportunidade de conhecer e tentar traduzir nas páginas de entrevistas.

Com esse trabalho também fui percebendo que, por mais que, teoricamente, busquemos a objetividade jornalística em todos os gêneros jornalísticos, a entrevista, ainda mais a velha amiga feita em “ping-pong”, é o estilo em que o efeito enunciativo de isenção jornalística mais se mantém. Por ser bem direto o bate e volta de perguntas e respostas, ocultando as marcas de comunicação no texto, sem dar muita oportunidade ao jornalista de “direcionar” seu olhar ao longo do texto, o gênero produz o efeito de objetividade. E por isso, a cada quinzena que passava eu percebia que de todo o trabalho, a parte de que eu mais gostava de escrever era aquele textinho inicial antes da entrevista, para preparar o leitor ao que ele iria ler.

Pronto: descobri meu ponto de fuga para a subversão no “textinho inicial” do entrevistado, no qual eu tinha a liberdade para manter minha parcialidade e trazer elementos narrativos comuns à prosa literária.

O livro-reportagem *Augusta – Rua de mão dupla* foi então o *playground* onde pude extravasar os limites da minha subjetividade. O único momento em que talvez mantenha um efeito enunciativo de isenção jornalística seja o primeiro capítulo, “Crepúsculo da Augusta”. Por seu caráter factual, tentei manter minhas impressões afastadas do texto para dar espaço ao leitor criar sua própria e primeira opinião sobre a “revitalização” do local.

Contudo, esse capítulo é uma exceção. O ponto alto de afirmação da subjetividade fica por conta do Prefácio e Posfácio, visto que no primeiro introduzo a Augusta aos leitores através de experiências pessoais, e, no último, termino o livro transmitindo o que a Augusta representa para mim. Mas, durante o livro inteiro a marca enunciativa da subjetividade é assumida através da narrativa da repórter em primeira pessoa.

6.2 Projeto Gráfico

Enquanto o livro-reportagem ia se mostrando, também foi pensado em todo o projeto gráfico do produto, que foi inteiramente elaborado em conjunto com os designers Luiz Fernando Nobrega de Assis Neto e Marina Burity.

6.2.1 Características técnicas de produção

- Formato: 22 X 16 cm
- Número de páginas: 130
- Papel utilizado: *colorplus marfim*
- Número de cores de impressão: capa 4 cores/ miolo PB

- Sistema de impressão: digital
- Sistema para captação e tratamento de imagens: fotografia digital com tratamento digital em Adobe Photoshop CS.

6.2.2 Diagramação

Além de embelezar a estética do trabalho, a diagramação, se bem trabalhada, possibilita uma leitura confortável do texto. Sua importância é fundamental, já que é a diagramação que direciona o olhar do leitor para o que ele deve prestar atenção.

A diagramação do livro-reportagem buscou elementos que colocassem em evidência o próprio texto. Para conseguir um resultado minimalista, os recursos utilizados para organizar as informações não deveriam competir com os textos.

A proposta foi fazer uma diagramação que propiciasse “leveza” às páginas do livro, na qual os espaços em brancos foram levados em conta, e poucos elementos foram utilizados, como algumas linhas para as capitulares, mas nada agressivo.

6.2.3 Fotografia

A fotografia sempre tem uma finalidade importante, seja retratar, denunciar, flagrar, informar ou levar a uma reflexão. É possível até mesmo saber o que o texto diz antes de lê-lo apenas analisando uma fotografia. Através de uma leitura mais aprofundada, a imagem transmite uma série de ideias e valores, muitas vezes imperceptíveis à primeira impressão.

No presente livro, as fotos não foram escolhidas ao acaso. Uma a uma têm sua função pré-definida, com um cunho mais artístico do que documental. Apesar de no livro haver um capítulo inteiro de perfis, optou-se por não ter nenhum retrato dos perfilados. Como a “personagem” principal do livro é a Rua Augusta, mostrou-se mais válido apresentar fotos de ambientes que representariam as pessoas perfiladas.

Também optou-se por imagens em preto e branco, pois esses são os tons mais contrastantes do sistema de cores, fazendo, assim, referência às oposições da Augusta. Desse modo, as imagens do livro têm como propósito atrair o olhar do leitor e instigá-lo a refletir, não apenas exercendo a função da cristalização do instante visual e embelezamento de páginas.

6.2.4 Mapa infográfico

A infografia tem a função de facilitar a comunicação, permitir uma visão geral dos acontecimentos e ampliar o potencial de compreensão pelos leitores. Sendo assim, os mapas infográficos são aqueles que exercem a função de uma infografia, seja em um contexto jornalístico ou não.

Logo depois do capítulo “Crepúsculo da Augusta” e antes do capítulo “Do céu ao inferno em 3 km”, optou-se por inserir um mapa infográfico. Além de marcar a transição dos capítulos para a parte de perfis, a gravura serve para informar o leitor sobre o caminho que ele irá “percorrer”, além, é claro, de dar informações adicionais, como lugares marcantes da Augusta e uma representação dos perfilados.

Dessa forma, o objetivo do mapa infográfico não preza meramente por indicar localizações, até mesmo pelo fato do mapa não seguir corretamente as proporções e distâncias geográficas. Foi utilizado um *layout* que lembra um papel amassado, e os traços do mapa são simples, minimalistas e rústicos. A ideia é

remeter o suporte do mapa a um guardanapo de bar, e os desenhos a rabiscados improvisados, como se eles tivessem sido rascunhados em um boteco da Augusta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido destacar que a escolha de um livro-reportagem abrange o jornalismo em diversos aspectos como levantamento de pauta, apuração dos fatos, entrevistas, e retratar uma realidade ao leitor. O diferencial fica por conta do “toque de literatura”, a profundidade que pode ser atingida e a liberdade para pautar um assunto fora do agendamento da mídia jornalística diária.

Desde o primeiro ano sabemos que iremos ter que escolher um tema para o Projeto de Conclusão de Curso. E devo revelar que, apesar do vasto tempo disponível para amadurecer a decisão, não foi nada fácil fazer essa escolha. Foi um verdadeiro desafio para essa jornalista aceitar para si a responsabilidade de escrever um livro-reportagem. Mas também devo dizer que não me arrependo em nenhum momento da escolha feita.

Foi um enorme prazer realizar as entrevista, conhecer as pessoas que conheci e abrir minha mente da forma como abri. Posso dizer que, várias vezes, voltei para casa maravilhada ou tocada de alguma forma pelas vidas que conheci. As histórias dos entrevistados mexeram comigo de tal maneira a ponto de eu acordar durante a madrugada chorando copiosamente sem saber o porquê. Com certeza, o presente trabalho contribuiu muito para o meu crescimento pessoal. Atrevo-me até dizer que há uma Laís pré-TCC e outra pós-TCC.

Encantei-me pela Augusta da mesma forma como adorei me jogar na escrita do livro. O processo criativo foi muitas vezes divertido e instantâneo, mas também se mostrou inquietante, agonizante, tortuoso e desesperador. Nada pior do que saber quais são as palavras, mas não conseguir exprimi-las. Contudo, todas as suas formas foram válidas, e espero, de verdade, que durante a leitura do livro-reportagem o leitor possa experimentar, pelo menos, algum momento de prazer. Porque foi com muito prazer que ele foi escrito. Talvez, com uma excitação adolescente que só os recém-formados possuem.

Como já disse, a jornalista que aqui escreve é extremamente apaixonada. Quando digo que me apaixonei pela Augusta, não é de boca para fora. Só uma paixão como essa para me dar forças e me motivar nesse projeto, que realizei com carinho e prazer. Degustando a cada momento da liberdade de poder escrever desatrelada de linhas editoriais impostas ou tendências mercadológicas.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, João. **Ô Copacabana!** São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- COSTA, Caio Túlio. **Ombudsman - O Relógio Pascal.** São Paulo: Geração Editorial, 2006.
- BALZAC, Honoré de. **O pai Goriot.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BARBARA, Vanessa. **O livro amarelo do terminal.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- BELLO, Eduardo. **Livro-reportagem.** São Paulo: Contexto, 2006.
- BEVINS, Vincent. **A hip street in Sao Paulo, Brazil, moves to a different beat.** [3 de outubro, 2011]. Los Angeles Times. Disponível em <www.latimes.com/news/nationworld/world/la-fg-brazil-rua-augusta-20111004,0,2908910.story#tugs_story_display>. Acesso em: 5 de outubro, 2011.
- BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis: e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência.** São Paulo: Ática, 2007.
- CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo o filho bastardo do New Journalism.** Monografia de conclusão de curso em jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/>>. Acesso em: 19/06/2011.
- FERREIRA JÚNIOR, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas: Discursos e Contradiscursos, o Novo Jornalismo, O Romance-reportagem e os Livros-reportagens.** São Paulo: Edusp, 2003. (Ensaio de Cultura; 24).
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole.** São Paulo: Cortez/Edusp, 2000.
- KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem.** Editora Ática, São Paulo, 2003.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas: Unicamp, 1995.
- PAIM, Antonio. **Chácara do Capão.** Legislação Municipal, Acervo do Arquivo Histórico Municipal e Vieira. In "Revista do Arquivo Municipal", Vol. CXVIII. São Paulo: Departamento de Cultura, 1952.

RAGAZZO, Cleber. **Rua Augusta: a Calçada de Glória**. São Paulo: Digerati Books, 2005.

REALE, Ebe. **Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos**. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1982.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de redação: o texto no jornalismo impresso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

THOMPSON, Hunter. **Medo e delírio em Las Vegas**. São Paulo: Conrad, 2007.

_____. **Rum: Diário de um jornalista bêbado**. São Paulo: Conrad, 2005.

_____. **Songs of the Doomed: More Notes on the Death of the American Dream**; The Gonzo Papers, Vol. 3. New York: Simon and Schuster, 1990.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis, Insular, 2005.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

WOLFE, Tom. **The New Journalism**. Nova York, Harper & Row: 1973.

Filmes

BELLINE e a Esfinge. Produção de Roberto Santucci Filho, Theodoro Fontes, Tony Bellotto e Alexandre Plosk. São Paulo: Imagem Filmes, 2000. (120 min.).

RUA Tão Augusta. Produção Luiz Sérgio Person, Glauco Mirko Laurelli e Carlos Reichenbach. São Paulo: Lauper Filmes, 1968. “35 mm, Preto e Branco, 8 minutos”.

ANEXO

Encarte do CD

Músicas Augustianas

1. "Um Lugar do Caralho" - Júpiter Maçã
2. "Vida Bandida" - Lobão
3. "Nightwalker" - Thiago Pethit
4. "Hey boy" - Mutantes
5. "Walk on the wild side" - Lou Reed
6. "Sampa" - Caetano Veloso
7. "Rum and Coca Cola" - The Andrews Sisters
8. "Mercedita" - Os Serranos
9. "Cowboy fora da lei" - Raul Seixas
10. "Sobre o tempo" - Pato Fu
11. "Sweet Virgínia" - The Rolling Stones
12. "Happiness is a warm gun" - The Beatles
13. "Quem te viu, quem te vê" - Chico Buarque
14. "Preta Pretinha" - Novos Baianos
15. "Por um Rock and Roll mais Alcoólatra e Inconsequente" - Rock Rocket
16. "I wanna be your dog" - Iggy Pop and The Stooges
17. "Geni e o Zepelím" - Chico Buarque
18. "Menina gata Augusta" - Jorge Ben
19. "Augusta, Angélica e Consolação" - Tom Zé
20. "Não existe amor em SP" - Criolo

Faixas Bônus:

21. "Rua Augusta" - Mutantes
22. "Decência" - Cérebro Eletrônico
23. "Rua Augusta" - Emicida
24. "Efêmera" - Tulipa Ruiz
25. "Não vá se perder por aí" - Mutantes
26. "Sílvia - 20 horas, domingo" - Ronnie Von



Letras das músicas

“Um Lugar do Caralho” – Júpiter Maçã

Eu preciso encontrar
Um lugar legal pra mim
Dançar e me escabelar
Tem que ter um som legal
Tem que ter gente legal
E ter cerveja barata

Um lugar onde as pessoas
Sejam mesmo afudê
Um lugar onde as pessoas
Sejam loucas e super chapadas
Um lugar do caralho

Sozinho pelas ruas de São Paulo
Eu quero achar alguém pra mim
Um alguém tipo assim
Que goste de beber e falar
LSD queira tomar
E curta Syd Barrett e os Beatles
Um lugar e um alguém
Que tornarão-me mais feliz

Um lugar onde as pessoas
Sejam loucas e super chapadas
Um lugar do caralho
Lugar do caralho

Sozinho pelas ruas de São Paulo
Eu quero achar alguém pra mim
Um alguém tipo assim
Que goste de beber e falar
LSD queira tomar
E curta Syd Barrett e os Beatles

Um lugar e um alguém
Que tornarão-me mais feliz
Um lugar onde as pessoas
Sejam loucas e super chapadas
Um lugar do caralho
Lugar do caralho

“Vida Bandida” – Lobão

A cara do cara caído, traiu
Traiu seu melhor, seu melhor amigo
Bateu, corrente, soco inglês e canivete

E o jornal não para de mandar

Elogios na primeira página
Sangue, porrada na madrugada
Sangue, porrada na madrugada

Vida! Vida, vida, vida
vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida!

É preciso viver malandro assim
Não dá pra se segurar, não
a cana tá brava
E a vida tá dura
Mas um tiro só não vai me derrubar não

Correr, com lágrima
com lágrima
Com lágrima nos olhos
Não é definitivamente pra qualquer um
Mas o riso corre fácil
Quando a grana corre solta
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida

É preciso ver o sorriso
da mina
Pra subida da barra
Aí é só, é só, é só
de brincadeira

Ainda não inventaram
Dinheiro
Que eu não pudesse ganhar
Ainda não inventaram
Dinheiro
Que eu não pudesse ganhar

“Nightwalker” – Thiago Pethit

My shoes
They took me for a walk
I guess
We walked a hundred blocks
When it was time to go back
We were getting off the tracks
They said
'Just one more cigarette'
A drink or two would not be bad
My shoes
They took me to a bar
Quite soon
I said
'We're in a trap, we are'
One shot made me feel brand new
Two and all I thought was you
Dancing, dancing
Dreaming of a neon light
Dancing, just dancing
I've got you deep inside of my mind
How sad
Is a dancer on his own?
Too bad
The steps they all seem wrong
One shot just made me feel blue
Two, I'm getting through with you
One day
I hope I might be right
One night
Like any other night
Your shoes will take you for a walk
And they will lead to my door

“Hey boy” – Os Mutantes

He he he hey boy
 O teu cabelo tá bonito hey boy
 Tua caranga até assusta hey boy (Tchu aa uu)
 Vai passear na rua Augusta tá

He he he hey boy
 Teu pai já deu tua mesada hey boy
 A tua mina tá gamada hey boy (Tchu aa uu)
 Mas você nunca fez na na na

No pequeno mundo do teu carro
 O tempo é tão pequeno
 Teu blusão importado (úúúa)
 Tua pinta de abonado (tuas idéias modernas)

He hey boy
 Mas teu cabelo tá bonito hey boy
 Tua caranga até assusta hey boy (Tchu aa uu)
 Vai passear na rua Augusta tá

A menina e as pernas
 Vão aparecer
 Nos passos ritmados (úúúa)
 No iê iê iê bem dançado (Da cuba libre gelada)

Hey boy
 Viver por viver
 Hey boy
 Viver por viver
 Hey boy
 Viver por viver

“Walk on the wild side” – Lou Reed

Holly came from Miami, FLA
 Hitch-hiked her way across the USA
 Plucked her eyebrows on the way
 Shaved her legs and then he was a she
 She says, Hey babe
 Take a walk on the wild side
 She said, Hey honey
 Take a walk on the wild side

Candy came from out on the Island
 In the backroom she was everybody's darlin'
 But she never lost her head
 Even when she was giving head
 She says, Hey babe
 Take a walk on the wild side
 Said, Hey babe
 Take a walk on the wild side
 And the colored girls go doo do doo do doo do doo doo,

Little Joe never once gave it away
 Everybody had to pay and pay
 A hussle here and a hussle there
 New York City's the place where they said, Hey babe
 Take a walk on the wild side
 I said, Hey Joe
 Take a walk on the wild side

Sugar Plum Fairy came and hit the streets
 Lookin' for soul food and a place to eat
 Went to the Apollo
 You should've seen 'em go go go
 They said, Hey sugar
 Take a walk on the wild side
 I Said, Hey babe
 Take a walk on the wild side
 All right, huh

Jackie is just speeding away
 Thought she was James Dean for a day
 Then I guess she had to crash
 Valium would have helped that bash
 Said, Hey babe,
 Take a walk on the wild side
 I said, Hey honey,

Take a walk on the wild side,
and the colored girls say, doo do doo do doo do doo,

“Sampa” – Caetano Veloso

Alguma coisa acontece no meu coração
 Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
 É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
 Da dura poesia concreta de tuas esquinas
 Da deselegância discreta de tuas meninas

Ainda não havia para mim Rita Lee
 A tua mais completa tradução
 Alguma coisa acontece no meu coração
 Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
 Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
 É que Narciso acha feio o que não é espelho
 E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
 Nada do que não era antes quando não somos mutantes

E foste um difícil começo
 Afasto o que não conheço
 E quem vende outro sonho feliz de cidade
 Aprende depressa a chamar-te de realidade
 Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
 Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
 Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
 Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
 Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva

Pan-Américas de Áfricas utópicas, tórumulo do samba
 Mais possível novo quilombo de Zumbi
 E os novos baianos passeiam na tua garoa
 E novos baianos te podem curtir numa boa

“Rum and Coca Cola” – The Andrews Sisters

If you ever go down trinidad
 They make you feel so very glad
 Calypso sing and make up rhyme
 Guarantee you one real good fine time
 Drinkin' rum and coca-cola
 Go down point koomahnah
 Both mother and daughter
 Workin' for the yankee dollar
 Oh, beat it man, beat it
 Since the yankee come to trinidad
 They got the young girls all goin' mad
 Young girls say they treat 'em nice
 Make trinidad like paradise
 Drinkin' rum and coca-cola
 Go down point koomahnah
 Both mother and daughter
 Workin' for the yankee dollar
 Oh, you vex me, you vex me
 From chicachicaree to mona's isle
 Native girls all dance and smile
 Help soldier celebrate his leave
 Make every day like new year's eve
 Drinkin' rum and coca-cola
 Go down point koomahnah
 Both mother and daughter
 Workin' for the yankee dollar
 It's a fact, man, it's a fact
 In old trinidad, i also fear
 The situation is mighty queer
 Like the yankee girl, the native swoon
 When she hear der bingo croon
 Drinkin' rum and coca-cola
 Go down point koomahnah
 Both mother and daughter
 Workin' for the yankee dollar
 Out on manzanella beach
 G.i. romance with native peach
 All night long, make tropic love
 Next day, sit in hot sun and cool off
 Drinkin' rum and coca-cola
 Go down point koomahnah
 Both mother and daughter
 Workin' for the yankee dollar
 It's a fact, man, it's a fact

Rum and coca-cola
Rum and coca-cola
Workin' for the yankee dollar

“Mercedita” – Gal Costa

Que doce encanto traz à minha lembrança Mercedita
 Minha flor e a mais bonita, que uma vez tanto amei
 Há conheci no campo, há muito tempo, numa tarde
 Onde crescem os trigais, província de Santa Fé

(e assim nasceu)
 Nosso querer
 (com ilusão)
 Com muita fé
 (mas eu não sei)
 Porque a flor foi murchando até morrer
 (e abandonei)
 Um louco amor
 (assim cheguei)
 A compreender
 (o que é querer)
 O que é sofrer por ter lhe dado o coração

E como o vento errante nas coxilhas vai soprando
 Um eco vago do meu canto
 Vai lembrando aquele amor
 Mas apesar do tempo já passado, és Mercedita
 A lembrança que palpita
 A minha triste canção

E como o vento errante nas coxilhas vai soprando
 Um eco vago do meu canto
 Vai lembrando aquele amor
 Mas apesar do tempo já passado, és Mercedita
 A lembrança que palpita
 A minha triste canção
 Há conheci no campo, há muito tempo, numa tarde
 Onde crescem os trigais, província de Santa Fé

“Cowboy fora da lei” – Raul Seixas

Mamãe, não quero ser prefeito
Pode ser que eu seja eleito
E alguém pode querer me assassinar
Eu não preciso ler jornais
Mentir sozinho eu sou capaz
Não quero ir de encontro ao azar
Papai não quero provar nada
Eu já servi à Pátria amada
E todo mundo cobra minha luz
Oh, coitado, foi tão cedo
Deus me livre, eu tenho medo
Morrer dependurado numa cruz

Eu não sou besta pra tirar onda de herói
Sou vacinado, eu sou cowboy
Cowboy fora da lei
Durango Kid só existe no gibi
E quem quiser que fique aqui
Entrar pra historia é com vocês!

“Sobre o tempo” – Pato Fu

Tempo, tempo mano velho, falta um tanto ainda eu sei
Pra você correr macio

Tempo, tempo mano velho, falta um tanto ainda eu sei
Pra você correr macio
Como zune um novo sedã

Tempo, tempo, tempo mano velho
Tempo, tempo, tempo mano velho
Vai, vai, vai, vai, vai, vai
Tempo amigo seja legal

Conto contigo pela madrugada
Só me derrube no final

“Sweet Virginia” – The Rolling Stones

Wading through the waste stormy winter
And there's not a friend to help you through
Trying to stop the waves behind your eyeballs
Drop your reds drop your greens and blues

Thank you for your wine, California
Thank you for your sweet and bitter fruits
Yes, I've got the desert in my toenail
And hid the speed inside my shoe

But come on come on down Sweet Virginia
Come on honey child I beg of you
Come on come on down you got it in you
Got to scrape that shit right off your shoes

“Happiness is a warm gun” – The Beatles

She's not a girl who misses much
 Do do do do do do, oh yeah
 She's well acquainted with the touch of the velvet hand
 Like a lizard on a window pane

The man in the crowd with the multicoloured mirrors
 On his hobnail boots
 Lying with his eyes while his hands are busy
 Working overtime
 A soap impression of his wife which he ate
 And donated to the Nation Trust

I need a fix 'cause I'm going down
 Down to the bits that I left uptown
 I need a fix cause I'm going down
 Mother Superior jump the gun

Happiness is a warm gun
 When I hold you in my arms
 And I feel my finger on your trigger
 I know nobody can do me no harm
 Because happiness is a warm gun mama
 Happiness is a warm gun
 -Yes it is
 Happiness is a warm
 -Yes it is
 Gun
 Don't you know that happiness
 Is a warm gun mama

“Quem te viu, quem te vê” – Chico Buarque

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala
Você era a favorita onde eu era mestre-sala
Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua
Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

Quando o samba começava, você era a mais brilhante
E se a gente se cansava, você só seguia adiante
Hoje a gente anda distante do calor do seu gingado
Você só dá chá dançante onde eu não sou convidado

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

O meu samba se marcava na cadência dos seus passos
O meu sono se embalava no carinho dos seus braços
Hoje de teimoso eu passo bem em frente ao seu portão
Pra lembrar que sobra espaço no barraco e no cordão

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

Todo ano eu lhe fazia uma cabrocha de alta classe
De dourado eu lhe vestia pra que o povo admirasse
Eu não sei bem com certeza porque foi que um belo dia
Quem brincava de princesa acostumou na fantasia

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

Hoje eu vou sambar na pista, você vai de galeria
Quero que você assista na mais fina companhia
Se você sentir saudade, por favor não dê na vista
Bate palmas com vontade, faz de conta que é turista

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

“Preta Pretinha” – Novos Baianos

Enquanto eu corria
Assim eu ía
Lhe chamar!
Enquanto corria a barca

Por minha cabeça não passava
Só! Somente Só!
Assim vou lhe chamar
Assim você vai ser

Eu ía lhe chamar!
Enquanto corria a barca

Abre a porta e a janela
E vem ver o sol nascer

Eu sou um pássaro
Que vivo avoando
Vivo avoando
Sem nunca mais parar
Ai Ai! Ai Ai! Saudade
Não venha me matar

“Por um Rock and Roll mais Alcoólatra e Inconsequente” – Rock Rocket

Hoje eu vou beber para provocar o caos, a desordem, anarquia, vou atingir o grau
De loucura!

Pode ser noite ou dia, pinga pura ou caipirinha, eu não faço restrição, eu quero o
caos, badernação!

Hoje eu vou beber para provocar o caos, a desordem, anarquia, vou atingir o grau
De loucura!

Pode ser noite ou dia, pinga pura ou caipirinha, eu não faço restrição, eu quero o
caos, badernação!

Ahhhh! desce mais uma, Durval! desce mais uma, Durval, mais uma, por favor!

“I wanna be your dog” – Iggy Pop

So messed up I want you here
In my room I want you here
Now we're gonna be Face-to-face
And I'll lay right down In my favorite place
And now I wanna be your dog
Now I wanna be your dog
Now I wanna be your dog
Well c'mon
Now I'm ready to close my eyes
And now I'm ready to close my mind
And now I'm ready to feel your hand
And lose my heart on the burning sands
And now I wanna be your dog

“Geni e o Zepelim” - Chico Buarque

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Com os velhinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim
Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios
Com dois mil canhões assim
A cidade apavorada
Se quedou paralisada
Pronta pra virar geleia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo – Mudei de ideia
– Quando vi nesta cidade
– Tanto horror e iniquidade
– Resolvi tudo explodir
– Mas posso evitar o drama
– Se aquela formosa dama
– Esta noite me servir

Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Mas de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso
Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro
Acontece que a donzela
– e isso era segredo dela
Também tinha seus caprichos
E a deitar com homem tão nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos
Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão
Vai com ele, vai Geni
Vai com ele, vai Geni
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um
Bendita Geni

Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco
Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado
Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado

E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir
Joga pedra na Geni
Joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

“Menina gata Augusta” – Jorge Ben

Menina Augusta Gata

Menina menininha
O que ela vai comprar, eu não sei
Mas se ela quisesse comprar o meu amor
Eu lhe daria de graça
Sobe e desce e sobe e desce até cansar
Depois vai pro Yara lanchar
Contando os babados
E tomando o seu chá
Como eu queria ser o gato do lugar
Mas eu, um pobre gatinho
Nunca tem vêz

Pois fico esperando outro dia chegar
Quem sabe a gatinha pra mim vai olhar
Pois fico esperando outro dia chegar
Quem sabe a gatinha pra mim vai olhar

E o pulo do gato eu vou lhe ensinar

“Augusta, Angélica e Consolação” – Tom Zé

Augusta, graças a deus,
Graças a deus,
Entre você e a angélica
Eu encontrei a consolação
Que veio olhar por mim
E me deu a mão.
Augusta, que saudade,
Você era vaidosa,
Que saudade,
E gastava o meu dinheiro,
Que saudade,
Com roupas importadas
E outras bobagens.
Angélica, que maldade,
Você sempre me deu bolo,
Que maldade,
E até andava com a roupa,
Que maldade,
Cheirando a consultório médico,
Angélica.
Augusta, graças a deus,
Entre você e a angélica
Eu encontrei a consolação
Que veio olhar por mim
E me deu a mão.
Quando eu vi
Que o largo dos aflitos
Não era bastante largo
Pra caber minha aflição,
Eu fui morar na estação da luz,
Porque estava tudo escuro
Dentro do meu coração.

“Não existe amor em SP” – Criolo

Não existe amor em SP
Um labirinto místico
Onde os grafites gritam
Não dá pra descrever
Numa linda frase
De um postal tão doce
Cuidado com doce
São Paulo é um buquê
Buquês são flores mortas
Num lindo arranjo
Arranjo lindo feito pra você

Não existe amor em SP
Os bares estão cheios de almas tão vazias
A ganância vibra, a vaidade excita
Devolva minha vida e morra afogada em seu próprio mar de fel
Aqui ninguém vai pro céu

Não precisa morrer pra ver Deus
Não precisa sofrer pra saber o que é melhor pra você
Encontro duas nuvens em cada escombros, em cada esquina
Me dê um gole de vida
Não precisa morrer pra ver Deus

Faixas Bônus:**“Rua Augusta” – Os Mutantes**

Subi a Rua Augusta a 120 por hora
Botei a turma toda do passeio pra fora
Fiz curva em duas rodas sem usar a buzina
Parei a quatro dedos da vitrine
Hi, hi, Johnny
Hi, hi, Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo
Hi, hi, Johnny
Hi, hi, Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo
Meu carro não tem luz, não tem farol, não tem buzina
Tem três carburadores, todos os três envenenados
Só para na subida quando acaba a gasolina
Só passo se tiver sinal fechado (Que legal!)

Hi, hi, Johnny
Hi, hi, Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo

“Decência” – Cérebro Eletrônico

Perdi a decência
Ontem eu perdi a noção
Perdi a compostura, a cabeça
Eu perdi a razão

Perdi as chaves do apê
E dormi no corredor
Naturalmente, eu perdi a moral
Com minha mulher e com o zelador

Acordei no melhor estilo
Sexo, drogas e rock n' roll
Não me dei por vencido
E muito menos
Dei alguma explicação

Meti o pé na porta
E dediquei essa canção
Pra você que me fez perder a linha
E botou fogo no meu coração

“Rua Augusta” – Emicida

As maquiagem forte esconde os hematoma na alma.
 Fumando calma ela observa os faróis que vem e vão, viver em vão.
 Os que vem e não te tem são se necessário homem de bem fujão.
 Que não agüentou ser solitário.
 Mema grana que compra sexo, mata o amor.
 Traz a felicidade, também chama o rancor.
 As madrugada que testemunho vermelho sangue na unha.
 Sem nome varias "alcunha" dentro da bolsa de punho.
 Garota propaganda da cidade fria em seus caminhos.
 1 milhão de seres 1 milhão de seres sozinhos.
 Sonha como se não vivesse, vive se perguntando.
 Porque que não morre mistura lagrima e suor no corre.
 Conta dinheiro no banco do passageiro e só.
 Que vira leite pro filho ou 15 gramas de pó.
 Foda-se se é erro quem fez o certo? Jesus.
 E seis agradeceram como ? Pregando ele numa cruz!

Cortando às hora com um casaco de "vizon"
 No olho a cor ta combinando com o batom
 Atenta nas buzina ela vai pelo som
 Escrevendo sua história com neon...

Piscando "pô bell" as vezes falha.
 Auto-ditada aprimora o estilo enquanto trabalha.
 E se flagra chorando em frente ao espelho.
 Bola mais um acende puxa disfarça o olho vermelho. Volta..
 O seu novo amor ta de partida.
 Ele espera acaba a noite ela espera acaba a vida
 Cada cigarro leva 1 ano de sofrimento.
 Ela manda um maço, e de novo ta pronta pro arrebento.
 Ri com os "traveco" no breu, com o vulgo que a rua deu.
 Entra no carro se lembrando das amigas que morreu, Sampa...
 Pra quem vem de fora é uma beleza.
 Mas a única coisa que todos tem aqui é a certeza.
 Seu pai só reclamava enquanto trampava ela dormia.
 Isso não deixava a vida nos conforme.
 Pra se redimir ela vaga todas as madrugada ai.
 Fazendo um dim como pode enquanto ele dorme.

Cortando às hora com um casaco de "vizon"
 No olho a cor ta combinando com o batom
 Atenta nas buzina ela vai pelo som
 Escrevendo sua história com neon...

A vizinhança réu, um mar de juiz papel.
Afago pra lá infeliz, mais um trago miss.
Com sorte passaporte América do norte. Please.
Europa diz "ahhhh" um sonho eu quis.
Assassinada por um rato, num motel barato.
Agoniza na cama DRAMA, estatística fato.
Um nóia sujo advogado bêbado confuso.
Pai de família, pastor com a fé em desuso.
Matilha de dois ou de homem grande vilão.
Cliente frio produto sem coração.
Corpo marcado cicatriz de gado, ao relento.
Vai pra coleção de sofrimento.
Princesa dos esgoto sujo seio novo sobre o bojo.
Virgem em solo inimigo, nojo!
Esperança triste.
Adubo do sonho da infância pura, buscando em si se isso ainda existe.

“Efêmera” – Tulipa Ruiz

Vou ficar mais um pouquinho
Para ver se acontece alguma coisa nessa tarde de domingo
Congele o tempo preu ficar devagarinho
Com as coisas que eu gosto e que eu sei que são efêmeras
E que passam perecíveis
E acabam, se despedem, mas eu nunca me esqueço

Vou ficar mais um pouquinho
Para ver se eu aprendo alguma coisa nessa parte do caminho
Martelo o tempo preu ficar mais pianinho
Com as coisas que eu gosto e que nunca são efêmeras
E que estão despetaladas, acabadas
Sempre pedem um tipo de recomeço

Vou ficar mais um pouquinho, eu vou

Vou ficar mais um pouquinho
Para ver se acontece alguma nessa tarde de domingo
Vou ficar mais um pouquinho
Para ver se eu aprendo alguma nessa parte do caminho

“Não vá se perder por aí” – Os Mutantes

Veja como vem
Veja bem
Veja como vem
Vai, vai, vem
Veja bem
Como vai, vem
Veja como vai
Veja bem
Veja bem como vem
Vai vem se ela vai também

Cuidado meu amigo
Não vá se estrear
Não queira dar um passo mais largo
Que as pernas podem dar
Não se iluda com um beijo
Uma frase ou um olhar
Não vá se perder por aí...

Você é bem grandinho
Já pode se cuidar e
Ir seguindo o seu caminho
Sempre errando até um dia acertar
Mas não tenha muita pressa
Vá tentando devagar
Só não vá se perder por aí...

“Silvia - 20 horas, domingo” – Ronnie Von

Bar Pires, Bar Pires
Um bar pra frente
Um bar que é quente
A onda na Augusta é comer e beber
Só no bar Pires

Entre você também na onda do Bar Pires
Comes e bebes bem cafonas no coração da Augusta

Bar Pires, Bar Pires

Augusta, quase esquina Jau

Que alegria você estará comigo
Domingo que vem
Ficaremos sorrindo eu darei
Com carinho uma flor pra você
Pra lembrar marquei na agenda,
Silvia, não esquecerei...

Silvia 20 horas domingo (3x)

Foi tão bom eu ter lhe encontrado
Que eu vivo ansioso a esperar
Que a semana passe depressa
Pra de novo lhe encontrar
Não esquecerei...

Silvia 20 horas domingo (3x)

Foi tão bom eu ter lhe encontrado
Que eu vivo ansioso a esperar
Que a semana passe depressa
Pra de novo lhe encontrar
Não esquecerei...

Silvia, 20 horas, domingo
Meu bem
Quero lhe dar um milhão de rosas
A mesma praça...
Meu bem
Silvia!



Augusta | rua de mão dupla

Lais Montagnana

Augusta
rua de mão dupla

Augusta
rua de mão dupla

Laís Montagnana

Fotografia

Laís Montagnana
Marina Burity

Ilustração e capa

Luiz Fernando Nobrega de Assis Neto

Diagramação

Luiz Fernando Nobrega de Assis Neto
Marina Burity

Créditos

O mapa da página 18 foi retirado do livro “Desenhando São Paulo”,
de Maria Lúcia Perrone Passos e Teresa Emídio

Orientação

Dr. Marcelo Magalhães Bulhões
(Depto. de Ciências Humanas da Unesp - FAAC / Bauru)

Trabalho realizado como Projeto Experimental para conclusão do curso de
Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” – Unesp.

Bauru
Novembro 2011

*Para os
meus avôs*

Meu amor.

Hoje, acordei encapetado. E me ganiu, profunda, alta, uma vontade de brigar contigo, te chutar a barriga, sua marafona engalicada!

Vontade, não: gana. Urrar e vomitar em você. Você e tu. Mijar na tua cabeça, tronco e membros, te socar contra a parede, te fazer sangue. Ao te beijar ficou perdido de amor é o cacete. Pelas manhãs tu és a vida a cantar é uma pinóia, uma ova, uma bosta.

A tua cara decadentosa parece o mapa do Chile, estrepe velho, tralha, cadela arrombada, esmerdeada, meu horror.

Mas és para ser entendida só por aqueles que não tiveram dinheiro nem para comer um prato feito. E, isto sim, é a pior das sacanagens.

E eu te bato porque te amo.

João Antônio – Ô Copacabana!

As ruas e as pessoas mudam muito. Envelhecem, trocam de fisionomia, tornam-se austeras ou descambam. A Augusta, que é romance de Maria de Lourdes Teixeira, tema de Jorge Mautner, canção de saudosistas e via expressa do futuro, sobrevive a todas as transformações. Da antiga chácara, na qual o Imperador ia chupar jabuticabas, surge a república dos contrastes de uma rua com ritmo febril de trabalho e madrugadas de vício e de paixão.

Paulo Bomfim – O Paulistano

Universos que se cruzam

Lugar do Caralho	14
Crepúsculo da Augusta	20
Uma rua, dois mundos	32
Do céu ao inferno em 3 km	52
O avesso do avesso	56
A vida é um Cabaré	62
Dentro do castelo de papelão	68
Lin quer consertar o tempo	72
O flâneur e seu deserto	80
O saudosismo de jaleco	88
Alisamentos e antidepressivos	94
Convite a um último porre	100
Meia noite em um puteiro	108
Um culto a Dionísio	114
O amor termina na Augusta	124

Lugar do Caralho

(ao som de "Lugar do Caralho" - Júpiter Maçã)

*Sozinho pelas ruas de São Paulo
Eu quero achar alguém pra mim
Um alguém tipo assim
Que goste de beber e falar
LSD queira tomar
E curta Syd Barrett e os Beatles
Um lugar e um alguém
Que tornarão-me mais feliz
Um lugar onde as pessoas
Sejam loucas e super chapadas
Um lugar do caralho*

Júpiter Maçã



O meu caso de amor com a Augusta é antigo e conturbado. Desde a minha adolescência, vivia paquerando-a ao vê-la sendo citada como um point de jovens cools e descolados que encontravam lá um lugar para beber, socializar e apreciar o som de bandas moderninhas do início dos anos 2000, puxadas pelo boom dos Strokes. Interiorana, eu vivia minha adolescência em uma terra muito distante, careta e sem bom gosto musical. Ao ler em blogs sobre a efervescência cultural que acontecia por lá, me entristecia em casa já que, o máximo de diversão que poderia conseguir seria correr atrás de um trio elétrico de micareta ou ir a algum bar de música sertaneja (not my style).

Em 2008 tive a oportunidade de pela primeira vez conhecer a tal rua dos desejos. Na ocasião fui a São Paulo, na base da cara de pau, para ficar hospedada na casa de uma conhecida e ir ao show do Radiohead. Como passei o fim de semana por lá, na sexta-feira pisei na Augusta pela primeira vez, destino: Studio SP. Lembro-me do clube bombando. Mas, o que mais me impressionou, em um primeiro momento, foi o preço alto da cerveja, e a quantidade de homossexuais que se beijavam e curtiam uns amassos na paredes do clube como se não houvesse amanhã – sem nenhum olhar feio para discriminar. A filosofia de que o amor não se restringe a gêneros era claramente cultuada.

Mas foi na virada de 2009 para 2010 que fiz meu deslumbre. Passei o réveillon no Inferno. Foi difícil convencer os pais da minha amiga a nos deixar ir ao tal clube, já que a fama do Baixo Augusta durante a noite é o terror dos pais de “moças de famílias”. O bar tem fachada “suspeita” e fica entre inferninhos e pontos de prostituição, o que justifica tal preocupação. Ao entrar no Inferno me senti em outro ambiente. A decoração com paredes vermelhas e vários detalhes de oncinha, a música alta, as pessoas diferentes de visual excêntrico te levam para outro local. Minha primeira constatação foi de que o Inferno possui banheiro unissex (algo desconhecido para mim até o momento). A segunda foi de que numa véspera de ano novo a casa realmente não iria lotar, e se eu quisesse dançar, teria que enfrentar a vergonha e deslizar sozinha pela pista. Ou então, antes disso, poderia superar a vergonha ao ingerir algum entorpecente qualquer oferecido no bar. Decisão errada. Foi na Augusta, ou melhor, no Inferno, que senti os efeitos devastadores do drink Long Island Ice Tea. A bebida docinha e com gosto de coca-cola escondia outros ingredientes: rum, vodka, tequila e gin – não aprendi nada sobre esse drink ao ver sua aparição seguida por porres homéricos nos personagens de seriados norte-americanos. Resultado: só me lembro de dançar freneticamente na pista o som de New Order, rastejar no chão quando tocou Iggy Pop, e vomitar no lixo em frente ao banheiro feminino.

Apesar de ainda não morar em São Paulo quando surgiu a ideia de escrever este livro, sempre tive certa afinidade com a Augusta, que só aumentou à medida que passei a frequentar a grande metrópole. É que alguma coisa acontece no meu coração quando, na Augusta, cruzo a Avenida Paulista em direção ao Centro. Faço, então, o convite para uma espécie de caminhar pelas ruas augustianas. Um mergulho urbano no submundo ao point, a fim de escancarar os tipos, as histórias, as contradições, o luxo, o lixo e o glamour decadente que fazem da Rua Augusta um local único. Uma rua com cheiro de liberdade, onde o passado ecoa sobre o presente.



I. Crepúsculo da Augusta
(Ao som de "Vida Bandida" – Lobão)



Há muito além de cerveja e música alta fomentando nas calçadas da Augusta. “Um renascimento está por vir”: é isso o que andam dizendo as mídias locais e até mesmo jornais gringos, como o *The New York Times* e o *Los Angeles Times*. “The ‘bad’ side of Avenida Paulista” ou “lower Augusta”, como eles apelidam a metade da Augusta do sentido Centro, tem chamando a atenção devido às suas “crazy nights” movidas por uma “different beat”.

A partir da década de 1980, a Augusta chamava a atenção por ser conhecida como um distrito da luz vermelha, cheia de prostitutas e clubes de sexo. Mas, do início dos anos 2000 adiante, a região também se tornou um reduto alternativo, onde punks, rockers, neo-hippies, góticos, playboys, baladeiros, cinéfilos, estudantes de moda, metaleiros, emos, gays, héteros, pobres, ricos, anônimos e famosos dividem a calçada com velhinhas levando seu cachorro para passear, além, é claro, dos inferninhos que continuam no mesmo lugar.

O publicitário Leandro Marcio Ramos, 32 anos, acompanhou de perto essas mudanças. Antes de morar na Augusta, a região já era reduto para os seus rolês de final de semana desde 1998. Mas foi em 2005 que ele se mudou para o número 769, ao lado do que é hoje o Vegas Club, uma balada moderninha de rock e som eletrônico com decoração kitsch fazendo referências a cassinos e cabarés. “Era completamente diferente, pelo menos à noite: não havia casas noturnas, nem esses bares todos descolados e coloridos, esse pessoal todo na moda e cheio de pose. Era só um lugar cheio de puteiros, com homens em busca desse tipo de diversão, e uns botecos imundos. Grupos de mulheres sozinhas andando por ali? Eu não me lembro disso”, ele recorda.

Segundo Leandro, o pontapé inicial para a chamada “revitalização” foi a inauguração do Vegas, que trouxe uma galera mais playboy para a Augusta. “Eu morava ali do lado e via aquelas mulheres que claramente tinham saído de um condomínio de luxo para curtir uma balada na parte podre da cidade”, diz. Mas, a “revitalização” se fez sentir mesmo no preço dos aluguéis. Morar na Augusta não era algo cult, e sim um dos lugares com o aluguel mais baixo e apartamentos enormes. “Esse onde eu morei era gigante, dois quartos, sala grande, uma vista legal e um preço que ninguém acreditava. Certeza que quando saí de lá o proprietário deve ter triplicado o valor do aluguel, e o apartamento também não deve ter ficado muito tempo vazio”, diz Leandro.

“O novo reizinho da noite”, como a Revista *Veja* São Paulo se refere a Facundo Guerra, não gosta de responder perguntas uma vez já respondidas. Pelo menos, a essa jornalista que vos escreve ele aconselhou googlar entrevistas já publicadas para saber como era a

configuração da Rua Augusta quando, em 2005, ele e seu sócio, o empresário José Tibiriçá, transformaram um galpão abandonado no clube noturno Vegas, um dos pioneiros da região.

Com o orçamento apertado e já habituados à região, os sócios foram atraídos pelos preços muito baixos dos alugueis e se arriscaram no Vegas. Apesar da “parte inóspita” da Augusta, Guerra apostava em seu potencial e tinha a visão de que ali se tornaria uma Broadway. “Já tinha muito galpão para alugar lá, e como o Vegas havia quebrado a resistência de pessoas que não estavam acostumadas a frequentar aquela região, a gente já sabia que isso ia acontecer”, diz ele, que depois do Vegas abriu cinco novas casas espalhadas pelo Centro: Lions Nightclub, Z Carniceria, Volt, Yacht e o Cine Joia.

A abertura do Vegas contribuiu para movimentar o Baixo Augusta, que sempre teve uma vida boêmia, mas se tornou um polo de entretenimento noturno da cidade, com mais de cinquenta baladas, restaurantes e bares. Apesar de Guerra não gostar da palavra “revitalizar”, é inevitável desvincular o seu nome do termo relacionado à Augusta dos últimos tempos, sendo considerado um de seus grandes responsáveis. O empresário diz não acreditar na “revitalização”, mas na reocupação do Centro. E para ele é gritante a diferença entre os dois termos: “É preciso ocupar o Centro com outro tipo de gente que não frequentava essa região, já a revitalização pressupõe que a vida que estava ali antes não era uma vida, e você não revitaliza um bairro que já estava ocupado antes por pessoas menos favorecidas financeiramente”.

Chutados da festa

“O prédio onde estava o Astronete não existirá mais dentro de seis meses e dará lugar a um luxuoso e sofisticado empreendimento imobiliário residencial, atraindo um novo tipo de morador para a região. Nada de freaks, weirdos e pervertidos como nós!”, dizia o recado da página do Facebook do bar Astronete.

Inaugurado em janeiro de 2007, na Rua Matias Aires número 183, o Astronete acompanha o grupo dos clubes mais descolados da Baixo Augusta. Ali, a discreta portinha com cortinas vermelhas dá passagem a um mundo frequentado por jovens alternativos, ao som de soul music, pop e rock and roll. O espaço com decoração retrô e diversos cartazes de filmes cult e trash pendurados na parede é dividido entre bar, lounge e uma pista com palco, onde costumam se amontoar um pouco mais de 250 pessoas.

O bar vem enfrentado problemas desde o início do ano, “vítima da especulação imobiliária que anda a solta na região”, como conta Cláudio Medusa, o DJ residente e um dos sócios da casa. Em março a casa foi lacrada pela Subprefeitura da Sé por falta de alvará, alegando que a planta do imóvel estava em situação irregular. Segundo Cláudio, ele e seus sócios passaram três meses tentando regulamentar o documento, quando descobriram que o proprietário já havia vendido o imóvel para uma construtora e que dentro de seis meses ele seria demolido para dar lugar a um empreendimento imobiliário residencial. “A

Augusta vai morrer, aos poucos tudo vai ser fechado e a rua vai ficar chata e babaca como os Jardins”, ele profetiza.

O ocorrido com o Astronete não é um caso isolado. A especulação imobiliária no Baixo Augusta e a consequente mudança no perfil dos frequentadores da região estão expulsando vários outros bares e clube masculinos, que têm sido lacrados, desapropriados ou tendo seu terreno vendido para dar espaço aos novos empreendimentos. Os american bars – eufemismos para os clubes noturnos onde homens vão procurar garotas de programa – são os mais enxotados. Em 2007, existiam 21 casas do gênero. Hoje, os inferninhos não somam 10.

Em novembro de 2011, outro bar a ser fechado foi o Ecléticos. O botecão sujinho, à meia luz, com jukebox de vasto repertório disputado pelos frequentadores que adoram colocar a sua trilha sonora – de Madonna a Bauhaus – foi flagrado com o chão forrado por embalagens de cocaína descartadas no lixo, no banheiro e até na escadaria que leva ao depósito do bar. Em uma batida durante a madrugada, a polícia prendeu seis homens, entre eles um garçom e o gerente.

Os traficantes vendiam até mil pinos de cocaína por noite e os usuários chegavam a fazer fila no banheiro para consumir a droga, segundo a polícia. Mas isso não era segredo para ninguém: “Todo mundo sempre soube que o Ecléticos era ponto de drogas, por que não lacram o bar há um ano? É muita coincidência fazer isso justo agora que já demoliram todos os imóveis ao redor e só faltava ele”, analisa Medusa.

Símbolo da deterioração urbana do Centro até há pouco tempo, hoje, na Augusta existem pelo menos 11 edifícios residenciais em projeto e execução. O metro quadrado ali sai, em média, por R\$ 6.000, segundo a Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (Embraesp). Tendência inédita desde o ápice do abandono do centro paulistano, na década de 1990, esse boom imobiliário na região é motivado pelo rejuvenescimento de quem agora ocupa suas calçadas toda noite e o consequente aumento no número de restaurantes, cafés, bares e lojas no Baixo Augusta. Os novos empreendimentos que estão sendo erguidos por ali têm o preço do metro equivalente a de áreas mais nobres da cidade como a Vila Madalena, Brooklin e Moema.

Outro “supro de renascimento” está na reconstrução do antigo Hotel Ca’d’Oro. Desde 1953 no número 129, o primeiro hotel cinco-estrelas de São Paulo foi fechado em 2009, demolido, e agora será transformado num condomínio de múltiplo uso, com duas torres que irão abrigar, além do hotel renovado, áreas corporativas e residenciais de alto padrão, com inauguração prevista para o final de 2014. Com investimento de R\$ 100 milhões, o Ca’d’Oro voltará com 147 apartamentos e ocupará oito dos 27 andares da torre I. Em dois meses, todas as unidades de apartamentos – com preços que variam entre R\$ 360 mil e R\$ 710 mil – já foram vendidas.

“A Augusta estava degradada há 20 anos, só tinha puta e sauna, só isso! Por que as grandes empreiteiras não vieram pra cá fazer prédio de luxo antes? Aí vem expulsar quem está aqui para trazer um pessoal com perfil diferente que só vai servir para reclamar do

barulho!”, critica o sócio do Astronete. Para Medusa, as construtoras estão realizando a “chatatização” e a “quadradição” da Augusta. Mesmo assim, o DJ não pensa em mudar de lugar. A reinauguração do Astronete está prevista ainda para 2011, em outro endereço, mas ainda no Baixo Augusta. “Eu não vou sair daqui enquanto não me chutarem pra fora, vou ficar aqui para incomodar!”, ele protesta.

Salto, som e sexo

Ainda de portas fechadas, quem passa pelo número 1.170 da Augusta poderia facilmente pensar que o estabelecimento, sem placa na porta e ainda escondido pela árvore da calçada, poderia também ser um boteco, como a casa germinada ao lado, o Corujão. Mas se enganaria quem tivesse o pensamento precipitado acima, já que há 12 anos Nelson Ojeda Irribarra se posta atrás do ateliê de fachada grafitada e muro pichado para conserta e criar sapatos.

Mais focado na criação propriamente dita, Nelson conta que seus principais clientes são os projetos dos estudantes de moda, aos quais ele dá vida. “Hoje não dá dinheiro fazer consertos, as pessoas trazem o sapato, mas não vêm buscar”, conta ele, mirando para as prateleiras repletas de calçados variados que esperam por seus donos. Nelson explica que grande parte de sua antiga clientela eram as garotas de programa e travestis. De tanto conviver com as meninas, ele até aprendeu a decifrar quem era garota e quem era boneca, mas afirma que elas têm sumido: “Era melhor há uns sete anos, quando homens só vinham para cá atrás de prostituta”, revela.

Aos olhos de Nelson, a chamada “revitalização” só trouxe problemas: “Agora só tem louco, bêbado, criança roubando, drogas, o pessoal passa fumando maconha, cheirando e a polícia não faz nada, a própria polícia não protege ninguém! Eu também não posso falar muito né, porque...” – e aponta para sua camiseta branca com letras maiúsculas escrito “CHILE” em azul e vermelho – “Para falar não posso, agora para pagar...”, lamenta. Nelson não vê outro caminho, acredita que a Augusta vai virar unicamente uma rua de “comércio de bares”: “Daqui a pouco não vai ter mais sapateiro, padeiro, açougueiro... Acabou o respeito de tudo”, diz ele reclamando da sujeira, dos boêmios que jogam bituca de cigarro por entre a os vãos da porta de sua loja e das mesas de bares do Corujão que insistentemente invadem a fachada da sapataria.

No quarteirão de cima, no número 1.368, a gerente da Augusta Discos, Paula da Silva, comemora o “novo perfil” da rua. Já há seis anos na rua, ela conta que o público gay, alternativo, que gosta do que é retrô e antigo, é cliente fixo e característico da Augusta: “tenho outras seis lojas, mas com um público totalmente diferente”. A gerente afirma que a “revitalização” aumentou as vendas da loja, que inclusive cresceu bastante devido à divulgação boca a boca e via internet da nova clientela.

O crescente movimento também trouxe alguns transtornos: a fachada da loja de discos





é pintada quase toda semana por conta das pichações. Além disso, a gerente reclama da falta de segurança: “há policiamento no horário comercial, mas a Augusta vive à noite”. Paula, que mora, trabalha, estuda e passeia no Baixo Augusta, acredita que ainda há muito o que melhorar, e que para isso é preciso de uma alteração na postura dos frequentadores: “tem que mudar o sentimento das pessoas para que haja uma revitalização multidisciplinar, não basta apenas obras civis”, diz.

“A Augusta tá um lixo, só tem droga!”, vocifera Sabrina Rosa, 37 anos, dos quais 20 passou prostituindo-se nas esquinas da Augusta. Do alto de seu salto quinze, a morena conta que a região era muito mais tranquila há sete anos: “quando não tinha esse monte de balada, porque aí não tinha drogado nem cara agredindo travesti”, diz.

Sabrina faz ponto nas imediações da Caio Prado de domingo a sexta, das 20h30 até às 23h30, consegue uma média de 2 a 3 programas por noite. A garota de programa diz “oi” para o motorista de ônibus, cumprimenta um morador que por ali passava e conta que a região é bem tranquila. O único medo que tem ao ficar sozinha nas esquinas é de ser confundida com travesti. Ela conta que um dia desses suou frio quando um carro passou devagarzinho, e ela escutou de dentro eles perguntarem: “é traveco?”, e outro responder: “é mulher, vamos embora”. Na esquina seguinte o carro parou, desceram três homens e não pouparam socos e chutes na travesti que ali fazia ponto.

Os pais de Sabrina não sabem de sua profissão. Até hoje eles acreditam que a filha ganha a vida cuidando de uma senhora todas as noites. Senhora Augusta. A prostituta não trabalha em casas de show erótico porque acredita que as meninas de lá são muito exploradas: “Elas chegam a cobrar até menos que eu e ainda têm que deixar metade da grana com a casa”. Sabrina teme que as saunas e puteiros sumam da Augusta: “Se fechar os inferninhos, as meninas vão vir para a rua e cobrar de R\$30 a R\$40 por programa e aí eu vou perder cliente”, diz. Ela comenta que a paraguaia da esquina ao lado está “velha e acabada”, mas ainda consegue clientes por cobrar esse preço e fazer até anal: “Vende o corpo pra sustentar vício! As meninas são ladras, roubam a carteira do cara enquanto ele tá no banho pra comprar droga, aqui tem tudo o que não presta, não faço amizade com esse tipo de gente”, revela.

Sem sangue e porrada na madrugada

A vontade de modificar o coração de São Paulo é antiga. Em 1991, banqueiros, advogados e comerciantes criaram a Associação “Viva o Centro”, que desde então vem realizando ou intermediando iniciativas populares de “revitalização” e manutenção de espaços, prédios históricos e monumentos do Centro. Entre seus braços de atuação, estão as Ações Locais, que melhor traduzem o envolvimento dos cidadãos para “revitalizar” a região.

Há 18 anos no Brasil, o cubano Luís Cuza, presidente da Ação Local Roosevelt, diz não se incomodar com o barulho das noitadas intermináveis da região: “eu gosto do Cen-

tro, e parte do Centro é barulho”, diz. Desde 2004 em seu apartamento, o nº 146 da Praça Roosevelt, ele divide a calçada com o bar e teatro Parlapatões, conhecido por só fechar as portas depois que o último cliente sair. Mas, para Luís, é possível a convivência pacífica entre a boêmia e os moradores: “a gente só pede para minimizar o barulho após à 1h00, mas os Teatros são importantes, representam a personalidade do lugar”.

Tanto na questão do tráfico de drogas quando da violência, Luís acredita que a região ainda enfrenta problemas, mas acha perceptível a melhora ocorrida de uns tempos pra cá: “oito anos atrás, você não podia sair à noite – nem de dia – por causa dos assassinatos que ocorriam, e aqui era um bazar de todo tipo de drogas, você comprava o que queria, até flanelinha vendia”. Ele percebe que agora o uso de drogas é mais aberto nas áreas próximas a bares da Augusta, e que pessoas ainda vêm usar crack, escondidas pelos tapumes da praça, depois da meia-noite.

Uma das grandes conquistas da Ação Local Roosevelt é a tão sonhada reforma da Praça, que já tem comemoração de três dias marcada para a sua reinauguração, prevista para setembro de 2012. “Políticos sabem como prometer bem”, critica Luís ao contar que a promessa do reparo vem se estendendo desde 1995. A obra prevê a construção de fundações e reforma das garagens subterrâneas. No total serão criadas 640 vagas em dois pisos sob a praça, até então desativados. A praça ganhará ainda 216 árvores, bancas de flores, playground, cachorródromo, banheiros públicos e um sistema de iluminação.

Ao todo, serão R\$ 36,8 milhões gastos na reforma que quer fazer da Praça Roosevelt um cartão postal da ação da prefeitura em conjunto com uma comunidade ativa. “Não é só uma obra reformada para ser transformada em área de lixo e drogas, como a Praça da Sé. Queremos usá-la como um equipamento social e desejamos que a comunidade assuma o controle da Praça e não a abandone mais”, afirma Luís.

A cereja do bolo que falta para “completar a obra da Praça” é a integração entre o Teatro Cultura Artística, atingido em 2008 por um incêndio, e a Praça Roosevelt. O projeto pretende construir um novo acesso ao teatro, de frente para a Roosevelt. Para isso, serão criadas estruturas na própria praça para conexão com o teatro: haverá espaço destinado a caminhões para transmissão de TV e o subsolo da Roosevelt servirá como principal estacionamento do teatro. O plano de integração só será possível devido à desapropriação de cinco imóveis comerciais da Rua Nestor Pestana, a maioria casas noturnas de shows eróticos como a Kilt e a My Love que, segundo Luís, “causam problemas à comunidade, pois propiciam um ambiente de prostituição, barulho e suspeita de drogas”.

Apesar de a medida agradar os moradores, Regina Meyer, coordenadora do Laboratório de Urbanismo da Metrópole (Lume) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, acredita ser ilusório encarar a desapropriação dos clubes de shows eróticos como uma medida eficaz para resolver o problema da prostituição. “Faz sentido querer expandir a reforma da praça, a Augusta ganhará muito com o Teatro, ele é muito bem vindo, mas não com essa função”, diz. Meyer ainda comenta que desde a década de 1950 a prostituição tem alternado de lugares por São Paulo, fechando em uma região e reabrindo

em outra, sem resolução. “Antes ela era forte no bairro Campos Elísios, e após medidas da prefeitura da época, acabou se mudando para a região da Luz, onde até hoje permanece forte”, exemplifica.

Outra reivindicação antiga dos moradores, como forma de “revitalizar” o miolo degradado do bairro, é a criação de um parque municipal entre a Caio Prado e Marquês de Paranaguá. A área de 23,7 mil metros quadrado, tombada pelo patrimônio histórico em 2004, é hoje usada como estacionamento. O terreno, que possui 11 mil metros quadrados de Mata Atlântica, será desapropriado pela Prefeitura de São Paulo. Segundo Cuza, no local está prevista a criação do Parque Augusta, mencionada na Lei 345/06, aprovada pela Câmara Municipal, mas que ainda depende de votação.

A movimentação na Augusta, as reformas no entorno da Roosevelt e a consequente valorização dos imóveis – o próprio Luís lembra que há sete anos o metro quadrado da região da Roosevelt custava entorno de R\$600,00, hoje esse valor aumentou para R\$3.000,00 –, têm preocupado o público assíduo por peças teatrais da região. Da praça rodeada de Teatros, a única companhia que possui imóvel próprio é o Parlapatões. Com isso, o espaço correria o risco de perder a maioria dos grupos, já que a valorização imobiliária obrigaria várias companhias, como Os Satyros, a preverem a mudança de endereço.

Pensando nisso, a Ação Local pretende pedir ajuda do poder público para que a especulação imobiliária não inviabilize a permanência de teatros no entorno da Roosevelt. “É triste a realidade do mercado, mas temos um compromisso de encontrar uma maneira de que o governo patrocine os teatros e cubra essa diferença de preço por um tempo”, diz Luís, que já está organizando reuniões para encontrar uma alternativa para não perder a “essência” da praça.

Renascer do sol

A vida nova de uns pode significar a morte de outros? E se revitalização expressa salvar o que estava morto, trazer de volta a vida, surge o questionamento: quando a vida deixou de existir na Augusta? E quem disse que o nascer do sol é sempre melhor que as trevas?

“Quando se fala em ‘revitalização’, a pergunta que deve ser feita é: ‘revitalizar para quem? Em qual direção?’”, afirma Cecília Cardoso Teixeira de Almeida, doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em planejamento regional. A pesquisadora explica que, às vezes, uma área urbana revitalizada se valoriza de tal maneira do ponto de vista imobiliário, que as pessoas que ali moravam fatalmente terão que sair de lá, porque seu poder aquisitivo não acompanha a especulação.

Os movimentos que estão acontecendo atualmente não são a primeira iniciativa de tentar fazer a “revitalização” do Centro. A partir do final dos anos 80, surgiram tentativas por parte das subprefeituras e das associações de bairros em tentar transformar as áreas

que eram pontos de tráfico, bordéis, prostitutas, gays, tudo o que seria “contra o permitido” e o legalmente moral.

O termo “revitalização” é polêmico porque, além de pressupor que a região que se quer revitalizar está morta, segundo Almeida, diz respeito a um código moral que determina o que não deve ficar visível. “Há por trás disso uma moral de classe que acha feio e ruim ter esses problemas sociais perto de seus filhos. Então, eles agem como se prostituição, pedintes e drogas fossem um mal a ser erradicado. Diante dessa classe não podem existir, distante dos seus olhos, sim”, diz. Para ela, a sociedade não consegue lidar com a complexidade do urbano e por isso decide “varrer a sujeira” para debaixo do tapete.

Teoricamente, revitalização é um instrumento, uma perspectiva de planejamento urbano, mas, como a pesquisadora analisa: “é uma perspectiva de classe, que vem socorrer o problema sem modificar”. Almeida, então, vai além e cria outra definição para o termo: “revitalização é um instrumento cego de uma classe social hipócrita que não quer enxergar o que vê”.

II. *Uma rua, dois mundos*
(ao som de "Nightwalker" – Thiago Pethit)



Nem toda rua é, apenas, uma rua. Na maioria das vezes, rua e paisagem são apenas cenários de histórias que por ali se passam. Mas, em alguns casos, uma rua também pode fazer história.

Nascida “Rua Maria Augusta”, quando era apenas uma trilha de terra batida, as primeiras referências sobre a Augusta datam de 1875. A via começava na entrada da Chácara do Capão, altura da Rua Dona Antônia de Queiroz, e seguia até o topo do Morro do Caaguaçu, local onde hoje se desenvolve a Avenida Paulista.

A ainda “Maria Augusta” foi parte das terras do português Manuel Antonio Vieira, dono da Chácara do Capão, desde 1880, e grande responsável pela urbanização da antiga trilha e a sua conseqüente transformação em rua. O português abriu várias vias no bairro da Bela Cintra e diversas outras, como a Frei Caneca e a “Rua da Real Grandeza”, atual Avenida Paulista. Para complementar as obras ali realizadas, Mariano decidiu urbanizar a velha trilha, pois, dessa maneira, o novo bairro teria uma via de acesso rápido até o centro da cidade. Além disso, os caminhos eram muito íngremes e, com essa nova rua, posteriormente poderiam ser instalados bondes, que facilitariam o tráfego em 1890.

No ano seguinte, a Augusta já estava aberta no trecho entre a Rua Caio Prado e a Avenida Paulista, e, entre 1910 e 1912, foi estendida até a Rua Álvaro de Carvalho, mas tornou-se parte oficial só em 1927. Do lado oposto, em direção aos Jardins, o seu prolongamento até a Rua Estados Unidos foi oficializado só em 1914. Nessa época o trecho da atual Rua Martins Fontes ainda fazia parte da Augusta, mas, em 1942, foi desmembrado e a rua adquiriu seu traçado contemporâneo.

O português Mariano Antonio Vieira, além de um homem de visão, tinha mania por coisas grandiosas: abriu um logradouro no alto do morro do Caaguaçu e chamou-o de “Rua da Real Grandeza”. O mesmo fez com a “Rua Augusta”, nome vindo do latim que significa: nobre, glorificada e majestosa. A Augusta, então, não é uma homenagem a nenhuma senhora da alta sociedade, dama distinta ou filha mais velha de família honrada. A Augusta é uma “qualquer”, é a ambição de um homem que sonhava com riqueza.

Atualmente com 3.008 metros de extensão divididos em 18 travessas, ela tem seu início, já “maldito”, na Praça Roosevelt, e seu término, com ares residenciais da high society, na esquina com a Estados Unidos. A Augusta é uma importante via da capital paulistana, que liga as ruínas históricas do centro da cidade com a zona oeste e, no meio do caminho,

cruza com a Avenida Paulista, maior centro comercial de São Paulo e sede dos maiores bancos da América Latina.

Na verdade, é a Avenida Paulista que corta a Augusta em duas metades: “enobrece” uma e “amaldiçoa” a outra. Reza a lenda urbana que uma baronesa muito rica teria enterrado seu medalhão de ouro em uma parte da Rua Augusta do sentido Jardins, e amaldiçoado o lado que vai para o centro. Essa pode ser apenas uma lenda, mas fato é que essa rua tão augusta reflete como poucas a diversidade humana e social que identifica a maior peculiaridade da cidade. Mas, também é interessante observar que suas metades, às vezes tão paradoxais, são complementares. Existe um pouco dos dois lados da rua em cada uma das Augustas: é como se uma metade abastecesse a outra.

Resta, então, flanar nas ladeiras augustianas e desbravar algumas particularidades dessa rua de mão dupla.

Cadela de madame descendo os Jardins

(ao som de “Hey boy” – Os Mutantes)

Há poucos metros da Augusta, a via que seria a sua continuação a caminho dos Jardins, a Rua Colômbia, é o verdadeiro paraíso para os fanáticos por automóveis de luxo. Nas suas imediações é possível encontrar concessionárias de marcas importadas – e caríssimas – como Bentley, Comark, Lamborghini, BMW, Mercedes-Benz, Aston Martin e Subaru, entre outras. O hábito dos paulistanos endinheirados de desfilar seus carrões no corredor formado pela Colômbia, Avenida Europa e Avenida Cidade Jardim é antigo. Foi, inclusive, essa tradição da região, onde surgiram as primeiras corridas de automobilismo de São Paulo, que atraiu as lojas de veículos importados para os Jardins.

Com certeza, os playboyzinhos que davam altos rolês em suas “carangas” na década de 1960 tirariam o pé dos “120 por hora” e entrariam em êxtase ao atravessar a rua das vitrines de carros cobiçados. Naquela época, eles mal recebiam a mesada dos pais e vinham torrál-la no principal centro comercial da região. A Augusta via nascer um novo segmento de consumidor: o jovem, supostamente emancipado da lógica familiar. E o jovem certamente via na rua um mundo de possibilidades: tudo o que desejava estava à venda na Augusta – mas nada muito barato.

Antes de tornar-se badalação, a Rua Augusta, apesar de também abrigar moradias, foi transformando-se em uma intensa via comercial para abastecer a Vila América e os Jardins América e Europa, onde não era permitida a instalação de estabelecimentos comerciais. Foi a partir de 1910 que lá se instalaram muitas casas comerciais, como o “Empório e Confeitaria Jardim América” e o “Empório Montenegro”. Dedicadas principalmente ao comércio de produtos alimentícios importados, como vinhos, conservas e latarias, as vendas eram destinados a abastecer a região.

A hegemonia comercial da Augusta mal se estabelecia e logo foi interrompida. Entre

1935 e 1955, uma legislação municipal, com o objetivo de preservar os bairros nobres, também definiu as ruas dos Jardins, em especial as próximas à Avenida Paulista, como “essencialmente residenciais”. Mas, essa resolução logo teve seu fim, já que, nas décadas de 1950 e 1960, as normas especiais, permitindo o uso comercial, se multiplicaram para atender aos interesses dos proprietários dos imóveis.

Um dos empreendimentos beneficiados foi o Conjunto Nacional. Na esquina com a Paulista e inaugurado em 1956, o projeto do arquiteto David Libeskind e do empresário da hotelaria José Tjurs foi um dos primeiros grandes edifícios multifuncionais da cidade. Símbolo da arquitetura modernista brasileira, sua implantação bem sucedida impulsionou uma série de outros empreendimentos comerciais na época. De fato, foi só após a construção do Conjunto Nacional que começaram a chegar à Rua Augusta as lojas mais descoladas e modernas que atraíram a elite paulistana.

Foi nessa época, mais precisamente em 1953, que o húngaro André Frank fundou sua loja de calçados na Augusta. Especializada em sapatos infantis, até hoje a “Casa Tody” – nº 2634, entre a Oscar Freire e a Alameda Lorena – conta com funcionários pacientes que, com malabarismos, conseguem fazer a criança irrequieta parar durante dois segundos para provar um sapato. A loja e o achocolatado surgiram na mesma década, mas, ao contrário do “Toddy” com dois “D”, que mudou de rótulos inúmeras vezes, a “Casa Tody” conserva as paredes forradas por prateleiras com mais de 30 mil caixas de sapato, as fileiras de cadeiras ao centro da loja e as longas escadas nas quais os vendedores escalam para buscar os calçados que vão do 14 ao 44. Como há 58 anos. Seu André, hoje com 90 anos, não descuida da loja. Mesmo de cadeira de rodas, vem toda tarde conferir o movimento, ver se as caixas estão no lugar e, dependendo do ritmo, aproveita até para tirar um cochilinho.

Já na próxima quadra, no nº 2542, são bolinhos que enfeitam a vitrine da Wondercakes. A loja de nome gringo vende a sobremesa que se tornou a febre do momento: cupcake. O “bolo de caneca” de inúmeros sabores, recheios e cobertura generosa lembra o tradicional chá da tarde. A guloseima norte-americana ganhou adeptos e tomou o posto que, nos anos 1960, pertenceria ao unânime chá completo da “Confeitaria Yara”, com seu sanduíche de croissant. Se antes só damas da alta sociedade tinham grana para bancar um café da tarde em lugares como a Confeitaria Fasano, onde iam enchapeladas e vestindo trajes quase de gala para sentar-se em mesas na calçada e tomar chá. Hoje, basta juntar seis reais e cinquenta centavos para acomodar-se na bancada de frente para a rua e deliciar-se com o bolinho que, com certeza, deve ser mais popular que qualquer item do cardápio da Fasano.

Os dotes culinários da dona Augusta não deixam nada a desejar. A rua vem se firmando como uma ótima opção para conhecer a culinária de vários países gastando pouco. É possível encontrar locais especializados em comida mexicana, turca, indiana, chinesa, japonesa, italiana... Basta escolher o seu destino! Trazendo várias novidades culinárias desde os anos 1950, foi a Augusta que recebeu as primeiras lanchonetes a vender hot-dogs e hamburguers no Brasil, em sintonia com o american way of life da juventude difundida por Hollywood e pelo rock’n’roll.

Era quase sagrado nas tardes de paquera, aos domingos, pegar uma matinê e depois ir comer no Hot-Dogs, ou um lanche acompanhado de sunday de chocolate nas lanchonetes Frevinho e Simbad. A juventude paulistana das décadas de 60 e 70 lotava os cinemas Picolino, Majestic, Marachá e Cine Paulista. Esse último era o mais badalado da época e, nos finais de semana, as sessões das 14h, 16h e 18h eram pontos de encontro de casais que se esqueciam do filme e frequentavam as salas de cinema simplesmente para namorar. Naquele tempo muito se falava em Beatles, e era comum as “cocotinhas” do Externato Meira cabularem aula para pegar a sessão das 10h do Cine Paulista e assistir ao filme “A Hard Days Night”.

Próxima à Alameda Franca, a Hi-Fi Discos também era parada obrigatória para quem queria ficar ligado nos vinis que estavam bombando. O proprietário, Hécio Serrano, queria apresentar músicas do mundo todo para a Augusta e, como havia sido comissário de bordo, trazia de suas viagens vários discos recém-lançados. A fim de saber dos últimos lançamentos musicais, a loja era frequentada por figurinhas como Elis Regina, Rita Lee e Sérgio Dias, além de ser palco de shows improvisados de Raul Seixá, cliente fiel.

Enquanto caminho pelo lado Jardins, onde a Hi-Fi imperava, não avisto quase nenhuma loja de CDs ou vinis ou qualquer outra mídia. O mais próximo que encontro são os DVDs piratas das banquinhas de camelôs. Agora, se você quiser vestir música e cultura pop, a história é outra. São várias as lojas especializadas em “camisetas com personalidade”, como a El Cabriton, Poderosa Isis e Reverbcity. Com estampas retrôs, de bandas, hits da internet, trechos de músicas, referências a filmes cults e as engraçadinhas do tipo “Soy loco por ti coxinha”, quem compra essas camisetas busca mais que um pedaço de tecido. O lema “você é aquilo que veste” supera a paixão pelo simples ato de escutar música e explica o sucesso das camisetas com estampas descoladas e afins. De R\$ 39 a R\$ 89 é a média de preço que se gasta para travestir-se como um outdoor ambulante e mostrar o que você é – ou o que você finge ser – através de uma roupa.

Ambiente ideal para cantar amores e aspirações juvenis, a Augusta era a rua da música e do cinema que inspiravam os jovens. Não foi à toa, então, que se tornou palco para a Jovem Guarda. O movimento que mesclava música, comportamento e moda, nasceu em meados da década de 1960. O nome surgiu a partir do programa homônimo que estreou em 1965 na TV Record, e a Augusta tornou-se a paixão dos seus integrantes. Logo ficou nacionalmente famosa. Erasmo Carlos subia e descia as ladeiras da rua em seu fusca cor de abacate enquanto, nas calçadas, jovens desfilavam a moda ditada pelo “Rei”, “Tremendão” e “Ternurinha”: calça saint-tropez boca de sino, camisa de tecido brilhante com mangas compridas bufantes, golas grandes como a de Elvis, botinhas e correntes grossas no pescoço.

Durante o dia, a efervescência acontecia nas calçadas, no “bater pernas” ladeira abaixo para ver vitrines. Os oito quarteirões, do lado Jardins, eram de comércio fino, sofisticado, caro, e restrito para uma clientela de altíssimo nível. Lá se instalavam lojas antenadas com as últimas tendências e que traziam para o Brasil o que havia de mais moderno nas metrô-





poles da moda, como Londres e Paris. Toda mulher de “fino trato” tinha como programa obrigatório para as tarde de sábado comprar tecidos finos na Augusta, e depois levar para as costureiras copiarem os modelos das páginas de revistas. Na Augusta sempre reinava a última moda.

Já durante a noite, era impossível ver carros descendo a Augusta a 120 por hora, como diz a canção de Hervé Cordovil, já que a rua era tomada por filas intermináveis de automóveis que não saíam do lugar. A calçada abria espaço para o footing da paquera e as vitrines eram deixadas de lado. As mocinhas iam “montadas” nas últimas tendências para curtir a vida social efervescente na esquina com a Oscar Freire, repleta de estudantes “bacanas” e “prafrentex”. A Cuba libre era o drink do momento, e os jovens “transviados” conseguiam burlar a fiscalização dos adultos ao levarem seu próprio rum de bolso e misturá-lo, discretamente, à Coca-Cola.

O ápice do glamour augustiano aconteceu na década de 1970, quando um dia a rua dormiu no asfalto e amanheceu acarpetada. Era época de Natal, o trecho entre as ruas Estados Unidos e Alameda Santos foi totalmente coberto por quadrados coloridos de carpete. A Augusta se transformou em uma imensa sala de estar colorida a céu aberto, agradabilíssima, na qual as buzinas, freios, amortecedores, vozes e qualquer outro ruído urbano eram abafados pelo “carpete civilizador”. Logo as chuvas de verão fizeram com que os pedaços do gigante carpete se descolassem e se soltassem. A chuva desnudou a Augusta, mas não tirou o charme da única rua em todo o mundo que chegou a ser acarpetada.

A esquina com a Oscar Freire, com certeza, é onde se concentra seu ponto mais luxuoso. Limusines e champagne fazem parte do cotidiano da clientela endinheirada que frequenta a região. São 900 metros de muito glamour, com mais de 300 lojas de artigos chics, restaurantes badalados, e calçadas e banquinhos estilo europeus que cortam a Augusta. Em 2006, uma ampla reforma foi realizada na rua, considerada uma das mais luxuosas do mundo, ao custo de 8,5 milhões de reais – cerca de metade do valor foi de origem de verbas municipais –, para o enterramento de fios e padronização do mobiliário urbano. Ou seja, enquanto milhares de pessoas carecem de moradia, luz elétrica e saneamento básico, a prefeitura bancou cerca de R\$4.250.000,00 pra enterrar fios e colocar banquinhos de madeira em uma única rua glamourosa. O luxo atravessa o lixo, e não é sem propósito que os paralelepípedos europeus durem apenas até a esquina da sua prima pobre.

Os gringos fazem a festa no quadrilátero Oscar Freire, Alameda Lorena, Haddock Lobo e Augusta. Nesse espaço é possível encontrar argentinos fazendo escala num voo para Frankfurt, escoceses perdidos tentando encontrar seu hotel, britânicos fazendo a festa na loja das Havainas e alemães querendo experimentar feijoada e coxinha. “Chega aqui chinês, holandês, norueguês, tudo ‘ês’!”, conta Beto, o garçom de uma lanchonete entre a Oscar Freire e a Alameda Lorena. A lanchonete/bar, ponto de happy hour, atrai os estrangeiros devido à placa: “We have menu in English”, exibida logo na entrada. Mas o garçom desmente a farsa do menu que não existe mais, já que os preços do cardápio mudaram e o novo dono ainda não produziu um novo. Beto conta que todo o dia, em casa, “treina” o

cardápio em inglês, mas que com o novo idioma ainda capenga, são os gringos que arriscam um português. Dá-se um jeitinho brasileiro para tudo.

Conforme a Augusta aproxima-se da Paulista, vai, levemente, se “popularizando”. Entre a Alameda Itú e a Alameda Jaú estão localizadas lojas de móveis usados, que vendem produtos a “1,99”, “Casa das calcinhas”, “Cida Lingerie”, botecos que oferecem de pingado a pinga, e uma aglomeração de camelôs. Na calçada da Alameda Santos é possível encontrar uma pequena concentração de comércio informal. São vendedores com o melhor da tecnologia made in china, belíssimos lenços bolivianos, perfumes franceses e brinquedos paraguaios que, apostos, não possuem o selo do Inmetro. Logo na esquina está montada a barraquinha multicolorida do seu Edson do Nascimento, 50 anos, que há três anos exibe as frutas mais docinhas da região, ele garante. O cearense conta que, há 28 anos em São Paulo, a rotina de ficar o dia inteiro debaixo de sol preocupado com o “rapa” ainda é desgastante. Ele sente falta do ritmo “mais tranquilo” de sua terra.

- Esse clima mata a gente, você tem que trabalhar de qualquer jeito, estando com saúde, ou não -, lamenta ele que, três vezes por semana, madruga para estar no Ceasa às 4h00.

O pipoqueiro, seu Manoel, concorda com o colega de calçada: “Minha Pernambuco é boa pra viver, mas São Paulo é bom para trabalhar”. Na manhã fria e cinzenta, típica e já banal do cotidiano paulistano, os dois migrantes encontram seu lugar na diversidade do asfalto augustiano. Apesar da saudade da terra natal, pegam emprestada a agilidade paulistana e não perdem tempo quando o assunto é discutir os resultados do “Brasileirão”.

A uma quadra da Paulista, a Augusta fica séria, quase veste terno e gravata. Estacionamentos, bancos e o Conjunto Nacional dominam o quarteirão. Com o maior centro empresarial financeiro da América Latina logo ali na esquina, a prima pobre usa roupas emprestadas e entra de penetra na festa. Não é pra menos, já que cerca de 450 mil pessoas circulam na região diariamente. Oriundas de todas as regiões da cidade e de fora dela, os chamados “turistas de negócios” caminham ao longo dos 2,8 km da Avenida atrás de sedes de empresas, bancos nacionais, americanos, europeus, latinos e hotéis. Seja trabalhando, estudando, negociando, em busca de saúde, lazer ou compras, tudo acontece na “Quinta Avenida” brasileira em um ritmo peculiar, um pulsar característico da vida paulistana.

Princesinha desdentada rumo ao Centro

(Ao som de “Walk on the wild side” – Lou Reed)

Seis da tarde é a hora do despertar. O atípico dia ensolarado trata de encobrir o lado “mau” da Augusta que Paulista delimita. Sob a luz do sol, seu corpo é marcado pela atmosfera cinzenta paulistana, tornando-se só mais uma rua ordinária da grande metrópole. Um borrado de muros grafitados dá cores à massa cinzenta diurna. Os letreiros das casas de massagem e infernhos, todos ainda apagados, dão indícios de seu caráter notívago. Durante o dia ela se mostra mais cinza, menos gente. Durante a noite o clima muda: mais neon, muito mais gente.

Prova disso é o velho “maluco” que, sempre depois do entardecer, sobe na pilastra de mármore da esquina com a Paulista, logo ao lado do metrô Consolação, e usa-a como palco. Coloca os fones de ouvido, daqueles antigos de walkman, e passa horas dançando, ora para os carros, ora para a multidão que sai da estação, atravessa, sobe e desce a rua. Na trilha sonora de seu show coletivo não faço a mínima ideia de que som toca, e nem consigo imaginar. Talvez ele até não escute música em seus ouvidos e o fone seja só um disfarce para dançar sem ser incomodado, fingir que ignora a cacofonia ao redor e ditar o próprio ritmo dos seus passos improvisados. Seu show gratuito só começa depois das 18h.

Conforme a noite cai, e a numeração das quadras vai diminuindo, a prima pobre mostra suas várias facetas no Baixo Augusta. Ela desce, ou melhor, sobe no alto do seu salto 15, vira vadia, se diverte, se embebeda, se droga, e se consome, sob maus olhares, até o amanhecer. Se ela era uma nobre senhora em décadas passadas, seus resquícios de sangue azul continuam presentes no lado Jardins, mas o sentido Centro se desglamouriza, com gosto, na vida mundana.

A rainha Augusta imperava absoluta em São Paulo até os anos 60. Endereço das principais marcas, pontos de encontro, e espaços de badalação, representava para os jovens paulistanos: glamour e diversão. Contudo, foi em 1966 que a Augusta viu seu brilho, até então único, ser dividido. A construção do primeiro shopping center do Brasil, o Iguatemi, roubou seus holofotes; logo, lojas populares passaram a ocupar seus pontos mais valorizados e grande parte de suas butiques finas e luxuosas migrou para o mais novo shopping.

Mesmo com a concorrência do shopping, a Augusta conseguiu manter seu prestígio até o final dos anos 60, suas galerias repletas de butiques eram ponto de atração da cidade. Mas, em 1969, a partida de seus heróis emblemáticos, de volta ao Rio de Janeiro, Roberto, Erasmo e Wanderléa, levou também a aura pop da Augusta. A deterioração do trânsito somada às comodidades oferecidas pelos shoppings, como lanchonetes, cinemas, vagas de estacionamento e, principalmente, segurança, também contribuíram para que a Augusta perdesse seu status de local mais badalado da cidade.

Sem lojas sofisticadas, a rua, ainda movimentada, teve uma alteração do perfil de seus frequentadores já nos anos 70. Mesmo assim, os jovens continuaram por lá com suas motos e carros envenenados. Havia muitas discotecas para acompanhar o auge da disco music, pistas de esqui no gelo, doceiras, e a febre das academias de musculação e aeróbicas dominava a rua. Mas, nos final dos anos 80, o público chique ficou escasso, e com o comércio de rua reduzido, o movimento na Augusta entrou em declínio, deixando espaço para as garotas de programa ocuparem as esquinas. Sua parte dos Jardins continuou com grande atividade comercial de alto e médio padrão, diferente do cenário do lado oposto, repleto de casas noturnas e prostitutas.

A dinâmica de uma rua é como a de um corpo vivo que se transforma, se renova e se ressignifica, não encontrando assim exatamente “culpados” que justifiquem suas mudanças. Ela apenas absorve e respira a movimentação que nela se dá em determinado momento. Não há exatamente um consenso que explique por que a Augusta se tornou um

grande centro de meretrício e, conseqüentemente, de drogas. Uma das suposições é de que grandes zonas de prostituição, geralmente, ocorrem nas regiões mais ricas do país, próximas a bairros de classe média alta, zonas residenciais, comerciais ou turísticas, pois é onde o maior número de clientes potenciais está localizado. Daí talvez venha uma suposição do porquê a prostituição ter se estabelecido na Augusta, já que ela possui o passado glorioso de uma das áreas mais ricas da cidade, na década de 60 e 70.

Em 1993, o trecho entre a Luiz Coelho e a Antônio Carlos ganhou novos ares com a inauguração de um cinema. Antes patrocinado pelo Banco Nacional, e incorporado pelo Unibanco quando houve a fusão das duas instituições em 1996. O Espaço de Cinema Unibanco realizou inúmeras mostras, debates, projetos e pré-estreias, transformando-se em ponto de referência e vitrine do cinema brasileiro em São Paulo. Foi um dos primeiros a ter uma programação alternativa, exibindo filmes de diferentes lugares do mundo, fugindo do circuito comercial. Com ingressos a preços mais populares e longe dos blockbusters, o Espaço Unibanco segue na contramão e resiste à morte dos cinemas de rua que, cada vez mais, perdem seus espaços e tornam-se salões de igrejas evangélicas, cines unicamente pornô ou galpões, apenas, abandonados.

A chegada dos cinéfilos à Augusta mudou um pouco a sua configuração, fazendo com que grande parte das garotas de programa descesse para as proximidades da Caio Prado. Atualmente, o quarteirão do Cine Unibanco vive com suas calçadas lotadas de um tipo de comércio informal voltado para a cultura, principalmente aos finais de semana. A movimentação começa logo na esquina com a Luiz Coelho com o boteco BH, que dizem servir uma das coxinhas mais gostosas de São Paulo, e vai aumentando na medida em que o Cine Unibanco se aproxima.

Fumando charuto, com um copo de pinga na mão e estrategicamente posicionado ao lado do BH, Ludwing Henriquez faz de sua bancada de caleidoscópios uma continuação do boteco de esquina. Já há cinco anos na Augusta, mudou-se pra cá devido à propaganda do comércio de rua que seus colegas fizeram. Nascido no Chile, veio ao Brasil cursar Psicologia, mas largou os estudos e passou a estudar a “Augustologia”. “Pode parecer uma palavra bem humorada, mas por trás disso tem uma ciência”, ele garante. Observador, ele já até cunhou uma marca dos tipos que escolhem transitar por aqui: “são pessoas espontâneas que sempre estão a procura da verdade, não a absoluta, obviamente, mas da sua verdade particular”.

Ludwing estuda seus “personagens augustianos” e lhes fornece a terapia em forma do tubo de metal revestido de colagens de revistas e preenchido por pequenos fragmentos de vidro colorido. Os caleidoscópios, primeiramente utilizados pelos persas como inspiração para criar os desenhos de seus magníficos tapetes, são ocidentalizados nas mãos do chileno, e vendidos como decoração e terapia. Arte de rua, feita a céu aberto com cheiro de boemia. Arte de Augusta.

Logo ao lado, em frente a uma loja de joias e souvenirs, o artista plástico Cão, 25 anos, divide o espaço da calçada para expor suas telas com um “hippie” e seu pano de brincos e

artesanato, um vendedor de incensos e velas e o perfume exótico misturado como cheiro da nicotina queimando no ambiente. Faz alguns meses que o artista ficou de saco cheio da falta de tempo, roubado por ele ter que bater cartão todo dia, para trabalhar em seus quadros. Largou o emprego, mudou de vida: dedica-se exclusivamente à arte, produzida em seu ateliê no Bexiga, que ele vem vender na Augusta. Mudou de vida sem olhar para trás: “não me arrependo porque só assim tem verdade no que eu faço, e verdade no trabalho é fundamental”.

Agora, seu único revés é quando a inspiração não vem. Depois de um processo inteiro de trabalho, o cenário fica lá parado por três dias, mirando-o, lembrando-o do que ele tem que terminar. “A criação é difícil, tem horas que vem, tem horas que não vem, e quando não vem sempre dá desespero, ânsia, agonia”, revela. Quando ela não vem, Cão é que vem até a Augusta tentar vender uns quadros, tomar umas brejas, brincar com o cachorro e tentar relaxar. O privilégio e a desventura de quem jogou tudo para o alto em busca da verdade.

Durante o quarteirão inteiro, aliás, desde o começo da Augusta até as proximidades da Matias Aires, vários comerciantes ambulantes montam seus suportes de madeira cobertos por panos escuros onde exibem uma variedade de DVDs à venda. O cenário seria banal, próprio de qualquer esquina de metrô ou praça do centro de São Paulo se não fosse um detalhe: os títulos dos DVDs piratas acompanham o estilo de filmes exibidos pelo Espaço Unibanco e apresentam películas que geralmente não entram em cartaz no Brasil. Numa olhadela avisto produções nacionais como: “Macunaíma”, “Terra em Transe”, “Muito Além do Cidadão Kane”, “Lixo Extraordinário”, e também os atuais “Meia-noite em Paris”, de Woody Allen, e “Melancolia”, de Lars von Trier.

“Tem filme que você só encontra aqui, vem gente até de outras lojas procurar”, enfatiza Thiago, enquanto organiza as capinhas de papelão no plástico dos DVDs. O vendedor classifica seus títulos como artísticos, políticos, filosóficos, sociais, históricos ou cult mesmo. Vem trabalhar na Augusta de finais de semana e feriados, quando o “rapa” libera. Apesar da infinidade de gêneros de seu acervo, do que Thiago mais gosta é comédia, “de drama já basta os do dia-a-dia”, justifica.

O comércio da Dona Augusta é algo muito híbrido, onde é possível encontrar (quase) de tudo. Cada passeio é uma chance de descobrir uma nova loja e experimentar um novo som, sabor, cheiro ou conceito.

A infinidade, variedade e os tamanhos dos calçados femininos da Au Bottier chamam atenção de quem passa pelo número 1.206. Os modelos exclusivos atraem um público eclético, como produtores de shows, teatro, televisão, faculdades de moda, travestis e produção de desfiles. No “Hall da Fama” da loja tem espaço reservado para Gretchen, Joelma da Banda Calipso e subcelebridades como ex-BBBs e musas do Carnaval passado. A confecção sob medida e o cartaz na vitrine: “Temos tamanhos 41 a 44”, são os grandes atrativos da Au Bottier.

São cerca de sete salões de cabeleireiro funcionando em horários diferenciados, alguns

atendem até madrugada adentro. Mas, se você procura por glamour na hora de cortar as madeixas, vai encontrar no Retrô Hair, número 1.140, um dos mais novos do pedaço. Como o próprio nome sugere, o ambiente bem decorado, com espelhos de camarim, faz referência à época das pin-ups e oferece até drinks aos clientes na sala de espera. O salão de beleza faz contraponto aos outros cabeleireiros mais simples da vizinhança, e a diferença se dá também no preço do corte que pode sair até quatro vezes mais caro que os outros.

A elegância tem endereço certo no Baixo Augusta. Em 1954, o alfaiate francês Maurice Plas abriu sua loja no número 724, onde mantém seu ateliê quase inalterado. O espaço antes era uma confecção de ternos sob medida, mas nos anos 70 surgiram os acessórios e, tempos depois, Maurice acabou preferindo os chapéus aos ternos. Assim, o senhor octogênio com ar simpático que parece ter saído de um comercial de televisão acabou ficando conhecido por seus belos chapéus, boinas e bonés, e passou a colecionar clientes famosos, como Tarcísio Meira, Nando Reis, Ed Motta e os irmãos Caruso.

O número 720 da Augusta exibe uma vitrine ousada. São vestidos curtos, blusas decotadas, calça de vinil, macacão com “recortes estratégicos”, saias minúsculas, calcinha fio dental, peças que remetem ao sadomasoquismo, corselet, espartilhos, sandálias salto quinze com plataforma de cristal, botas de cano alto acima do joelho e até o tal vestido da “Bruna Surfistinha”. A loja Ropahrara, inaugurada há 13 anos, é pioneira em moda sensual feminina que a gerente, Helena da Paixão, frisa: “são roupas exóticas, não eróticas”. A gerente afirma que muita gente não entra na loja por preconceito e conta que seus principais clientes são casais frequentadores de casas de swing que vêm à procura de roupas sensuais, exibicionistas. “Homem gosta de sair com a mulher e mostrar pra outras pessoas”, garante.

Na Augusta, tenho a ligeira impressão de que todo mundo se conhece. Grande parte dos entrevistados interrompeu rapidamente a conversa para abanar a mão e dar um tchauzinho a alguém que por ali passava. É o tipo de coisa que só alguns poucos bairros ou cidades pequenas podem oferecer ao cidadão. Mas, às vezes, essa sensação de aconchego pode ser consequência do medo da solidão. O perfil do morador do Centro é o de pessoas que vivem sozinhas e têm um animal de estimação. Há muitos casos de suicídio, e pode ser que esse aconchego da comunidade seja uma maneira de as pessoas não se esquecerem delas mesmas.

Além de ser a conquista de várias gerações, a liberdade que se tem no Baixo Augusta, de, por exemplo, duas meninas andarem de mãos dadas, dois meninos se beijarem e fazerem tudo o que um casal tem direito ou travestis andarem tranquilamente pelas ruas, são poucos lugares da cidade que podem absorver. Mas essa diversidade e sensação de liberdade se mostra bivalente. Ao mesmo tempo em que o público LGBT, (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) sente-se livre para exercer suas vontades, os “carecas” ou skinheads – grupo simpatizante do nazismo, que se mostra intolerante com minorias – que frequentam a Augusta são tomados pelo mesmo sentimento. Assim, o ponto de “convivência diversificada” torna-se palco de agressões.

O chamado Baixo Augusta situa-se no eixo norte da Rua Augusta, após a Avenida





Paulista, e abrange algumas de suas paralelas e transversais, como: Rua da Consolação, Bela Cintra, Frei Caneca e Caio Prado, até a Praça Roosevelt. Ao longo desse trecho, há mais de 70 bares e clubes, incluindo, pelo menos, 10 de música ao vivo. Na maioria das noites, multidões entopem as ruas e tornam difícil para os transeuntes atravessarem a rua sem pisar fora da calçada.

É na esquina notívaga em contorno de “T”, formada pela Rua Fernando de Albuquerque, que o esquentar começa. Botecos preparam-se para receber, geralmente até às 23h devido à “Lei do Psiu”, skatistas, manos, playboys, neo-hippies, prostitutas, roqueiros, travestis e qualquer outra “tribo” que por lá pintar. Bares antes jogados às moscas, exalando um cheiro de urina misturado com cerveja, com o típico bêbado de balcão a posto, banheiro sem porta, com a descarga quebrada e a garçonete exibindo um avental sujo, mudam de cara, passam por uma repaginada para atender os novos consumidores. É o caso do Ibotirama, que hoje tem até cartão de visita e ostenta um azulejo branquíssimo em suas paredes reformadas. Mas o boteco continua simpático, e mantém a fidelidade de seus clientes bebuns com incentivos à embriaguez como o “Desafio da Erdinger”: quem beber sozinho três litros do chopp importado em 10 minutos não paga nada. “Tem coragem?”, convida o cartaz.

Diversidade é palavra chave para descrever a Augusta. É possível encontrar desde botecos pés-sujos, lar de beberrões das antigas, à baladas “moderninhas” frequentadas por playboyzinhos que procuram as baladas in do momento. O primeiro sopro a mostrar essa faceta veio em 2003 com a inauguração do clube OUTS, mas a sua “consagração” aconteceu por volta de 2005, quando mais bares apareceram na região, como o Vegas, atraindo o pessoal de outras regiões a frequentar a Augusta, tornando-a uma concorrente poderosa para tradicionais bairros notívagos, como a Vila Olímpia e a Vila Madalena. De padoca pré-balada a bar sujinho, arrumadinho com música ao vivo, pista de dança, são vastas as opções que a Dona Augusta oferece, como: O Pescador, Bar do Netão, Studio SP, Z Carniceria, Volt, Tapas, Beat Club, Beco 203, Caos, LAB, Anti-Social Club, Casa da Sogra, Inferno, Sarajevo, FunHouse, The Week e A Lôca.

Com tantas casas noturnas, bares e opções para quem busca refúgio na noite a fim de extravasar, um certo pó acaba dando as caras. Seja numa megabalada, festinha privê ou inferninho, as filas nos banheiros têm ficado longas. Farinha, tiro, teco, glória, padê, glamour, sniff, brilho, Faustão e buzuzi. Não importa o nome, basta chamá-lo que você o encontra facilmente na Augusta. Há rumores de que existem bares que vendem pó até no cartão de crédito. Não consegui confirmar o boato, mas bastou perguntar para o primeiro cara que avistei na porta do bar Ecléticos – entre a Rua Costa e a Antônia de Queirós –, e ele soube me indicar na lata com quem conseguiria o “pó mágico”. Mas não se engane: o papelote de R\$ 10 é de cocaína “porcaria”, quem usa está cheirando basicamente cal e remédio triturado com 10% de droga. “Dá até para dormir na volta da balada”, garantem os caras do bar.

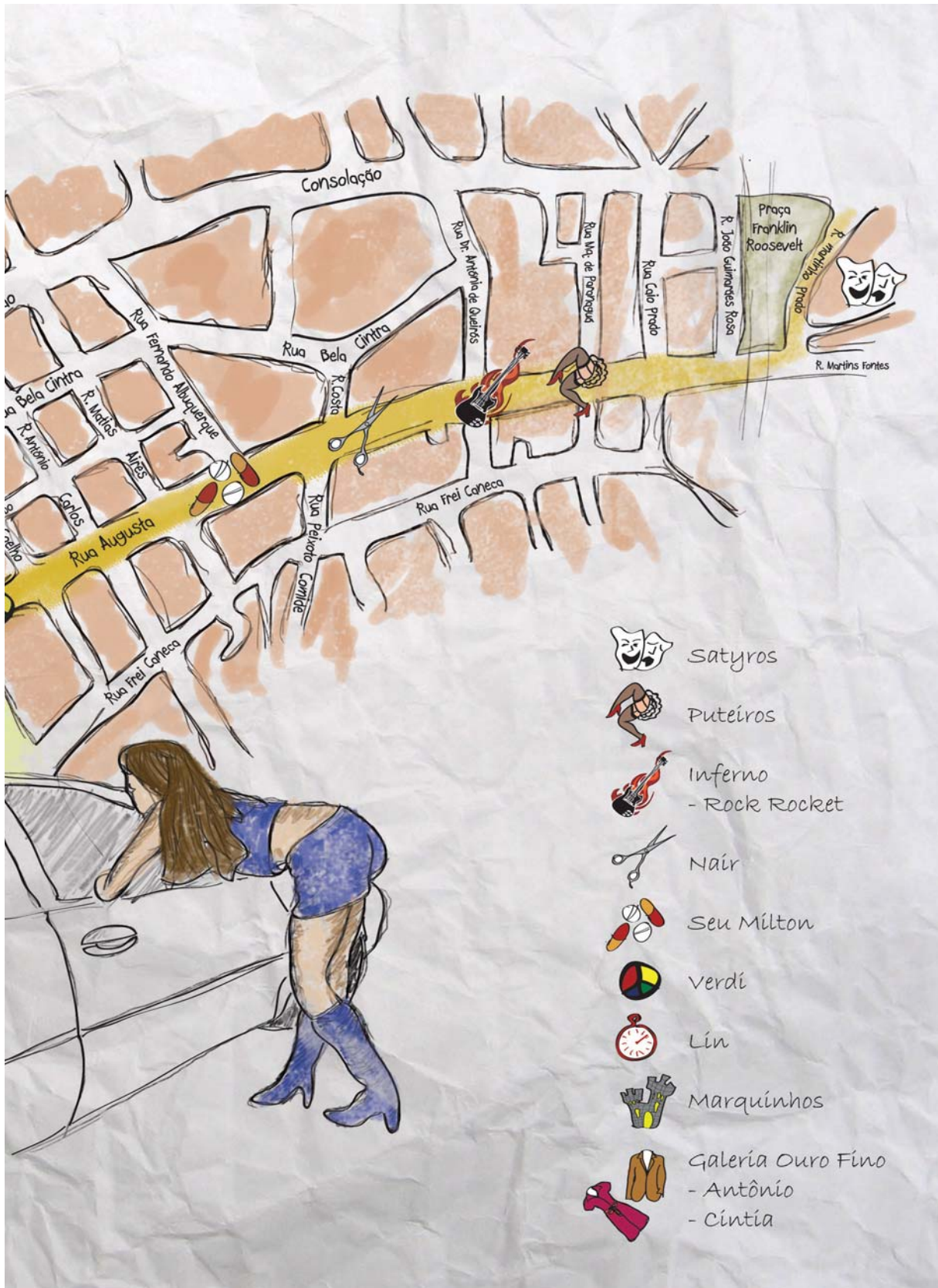
O cheiro de eucalipto das saunas de quinta categoria está cada vez mais fraco. A prostituição já viveu melhores momentos na rua que ainda conserva a fama de “grande centro

de meretrício”. Seu auge mesmo veio entre 2003 e 2004, quando para se divertir com as meninas da Augusta era preciso ter a carteira bem cheia e, a cada 100 metros, era possível vislumbrar uma garota de programa diferente para agradar desde grandes empresários estrangeiros até os habitantes solitários do Centro. Cerca de três mil mulheres faziam ponto na região. Além dos asfaltos, as saunas heterossexuais eram cenário para prostitutas de alto nível oferecerem seus serviços. Os clubes eram caros e bastante frequentados por homens que buscavam diversidade de coxas, corpos, conversas e bocas.

Hoje, as casas de shows eróticos cobram R\$ 10 a entrada com direito a duas cervejas baratas, e apresentam certa decadência. Os clubes masculinos não chegam a dez, sendo que apenas dois deles são saunas. Um número também bem reduzido de meninas continua trabalhando em suas esquinas, mais restritas à região da Caio Prado. Mas ainda é comum flagrar vidros de carros abaixarem e curvas femininas se debruçarem sobre a janela para proporem negócios aos clientes que nem descem de seus carros.

Os cabelos lisos de Sandra Alencar, 38 anos, caem sobre seus ombros desnudos pela blusa decotada enquanto ela reclina sobre uma BMW que encosta na esquina. A bela conversa com o cliente em potencial, na faixa de uns 60 anos, mas a negociação não dura 5 minutos: “ele queria que eu passasse a noite com ele e ainda fizesse de tudo por R\$100, tá louco? Velho safado! E eu também não durmo com ninguém!”. Sandra, seu nome de guerra, não faz programa por menos de R\$150, a hora, e também não faz sexo anal. Pra ela, a Augusta virou “boca de lixo” com a proliferação de meninas que fazem tudo por R\$ 30, grana que, segundo Sandra, é usada para alimentar o vício em drogas. Ela afirma que não bebe, não se droga e não fuma: “meu único vício é ganhar dinheiro com a Augusta”.

Sandra olha feio para o “velho safado” que ronda sua esquina mais uma vez, ajeita o decote, apoia-se no ponto de ônibus e espera. Como uma viciada que espera pela agulha penetrar sua veia e acabar com sua angústia, Sandra mantém-se firme no mar de paradoxos da rua em que universos se cruzam.



-  Satyros
-  Puteiros
-  Inferno
- Rock Rocket
-  Nair
-  Seu Milton
-  Verdi
-  Lin
-  Marquinhos
-  Galeria Ouro Fino
- Antônio
- Cíntia

III. Do céu ao inferno em 3 km







O avesso do avesso
(ao som de "Sampa" – Caetano Veloso)



São Paulo, 23 de julho de 2010. São quatro da tarde. Meu rumo? Se o sol ainda não se pôs, traduz-se em descer as ladeiras da Augusta no sentido Jardins. Minha parada é no número 2.690: entre a Alameda Lorena e a Rua Oscar Freire, o paraíso dos hipsters e moderninhos. Sim, porque fashionista que é fashionista garimpa religiosamente os seus tesouros na Galeria Ouro Fino.

Referência no mundo da moda, principalmente a alternativa, desde os anos 70 a Galeria vem ditando tendências. Foi inclusive berço para estilistas que mais tarde ganharam as passarelas do São Paulo Fashion Week, como o badaladíssimo Alexandre Herchcovitch. A Galeria conta com pouco mais de 110 lojas e promove uma verdadeira salada cultural. As vitrines de suas lojas expõem acessórios de moda com referências a ícones da cultura pop, lingerie retrô, camisetas com estampas espertas e engraçadinhas, vestidos que parecem pertencer a outra década e até uma loja onde todas as roupas e produtos são de estampa camuflada.

Não preciso dizer que para esta jornalista foi um verdadeiro sacrifício em nome do bom jornalismo (e do meu bolso) não se render às várias tentações e esquecer-se da vida fazendo compras na Ouro Fino.

Estava concentrada, observando a vitrine de uma das lojas do terceiro andar, cheia de badulaques, acessórios espalhafatosos e bonequinhos de vodu com o rosto dos integrantes dos Beatles e da Twiggy, quando um som de música lírica penetrou em meus ouvidos. Meus olhos seguiram a direção da música e puderam contemplar, através das vitrines, que o lugar onde tocava a ópera tratava-se de um ateliê de alfaiataria.

O ateliê era um local surreal na Galeria, repleta de lojas moderninhas. Parecia que aquela sala específica havia parado no tempo (vide o telefone do tempo da vovó, que fazia um Trimm ensurdecido quando tocava de surpresa). O ambiente minimalista estava ligeiramente bagunçado, com estantes repletas de cadernetas, papéis, paletós, calças e retalhos que formavam uma pilha escondendo o senhor de cabelos alvos que costurava copiosamente nos fundos da sala.

O alfaiate Antônio Jesus de Carvalho foi muito educado ao me receber, mas pediu para que eu voltasse no dia seguinte, já que tinha horário marcado no cabeleireiro e não poderia se atrasar. Vinte e quatro horas depois, e de cabelos devidamente aparados, ele me atendeu enquanto trabalhava, fazia reclamações sobre a dificuldade de manusear novos tecidos e declarava suas saudades da época em que a caxemira reinava no mundo da costura.

A cabeleira farta e repleta de fios alvos cuidadosamente ajeitados escondia os 68 anos

do alfaiate. Suas mãos castigadas, mas ainda ágeis, revelavam experiência e habilidade. Ao passo que desmontava um paletó, Antônio me confessava não ser perfeccionista, mas “um pouco chato” em relação à sua profissão: “tudo o que não está bem feito tem que ser refeito, mesmo que o problema seja visível somente a olhos técnicos”, ele aponta. Antônio segurava o paletó na direção da luz para ver melhor as linhas e desmanchá-las mais facilmente, e refletia que talvez seja tão rigoroso assim no seu trabalho devido à disciplina difícil na qual foi criado. A labuta teve início cedo em sua vida: aos 11 anos ele foi encaminhado para o aprendizado da profissão com um amigo de seu pai. Começou realizando as funções de acabamento, como chulear, fazer casas e pregar botões. “Até você fazer uma peça inteira demora um ano, antes disso precisa aprender a fazer todas as miudezas”, revela. Questionei se Antônio tinha o desejo de ser alfaiate desde pequeno. Com o sotaque forte que denunciava sua descendência portuguesa, respondeu:

- Lá na nossa terra é o seguinte: ou você nasce rico, ou você é agricultor, ou você tem uma profissão. Eu não tinha muitas alternativas, então ter uma profissão é muito melhor do que ser agricultor, e, como o meu pai era alfaiate, isso acabou facilitando as coisas.

Aos 12 anos Antônio imigrou da Europa para o Brasil. Agora diz não sentir saudades de Portugal. Entretanto, nos primeiros anos em que se mudou para as terras brasileiras, reclamava todos os dias e culpava sua mãe por tê-lo tirado de Portugal. Sabiamente, a portuguesa respondia com calma: “Um dia tu ainda verás porque eu te trouxe!”. “Quando se tem 12 anos é difícil para um garoto compreender o porquê de abandonar sua terra, deixar para trás os seus colegas e familiares e largar tudo para começar a trabalhar cedo”, reflete. Ainda menino, trabalhava das oito à meia noite e, como na época morava na Rua Treze de Maio, região cheia de imigrantes, não era raro para Antônio ouvir os outros chamarem-no de burro. “Xingavam-me de burro por dois motivos: primeiro porque eu estava trabalhando e segundo porque eu era português”, diz sorrindo.

O pai de Antônio era bastante rígido, nunca foi capaz de proferir um único elogio ao filho. Quando ele era mais jovem, sentavam-se juntos aos domingos para assistir televisão. Sempre que os olhos críticos do pai avistavam algum terno mal feito, ele perguntava ao filho: “Foi tu que fizeste aquele terno? Porque parece com os teus”. Um dos constantes criticados pelo pai era inclusive o apresentador Raul Gil que, segundo ele, sempre se vestia mal! O alfaiate agora entende que as provocações só tinham como objetivo trazer o seu melhor. “Você é o filho dele, tem o mesmo gene, então você não vai aceitar essas críticas e vai lutar para não cometer esses erros!”, Antônio medita.

Foi em fevereiro de 1966, aos 22 anos, que Antônio instalou seu ateliê na Galeria Ouro Fino e de lá nunca mais saiu. Os shoppings ainda não existiam, e a Augusta era o local que as pessoas frequentavam para comprar em boutiques e acompanhar as novas tendências. O jovem alfaiate, que até então só sabia fazer camisas e calças, passou a trabalhar para a luxuosa classe A do país. Os anos foram passando e, no início da década de 70, já com mais experiência, a principal clientela de Antônio era formada por judeus, que sempre encomendavam ternos novos para a virada do ano. Mais tarde, artistas como Jorge Ben, Gilber-

to Gil e Toquinho também se tornaram seus clientes. Apesar dos anos de conhecimento adquiridos fazendo e desmanchando ternos, o alfaiate acredita que ainda está aprendendo:

- De vez em quando surge um cliente que você não acerta na roupa, então você tem que buscar a imaginação no inferno. Aí você acorda de madrugada com a solução, porque durante o dia e no trabalho parece que você não consegue pensar. Você nunca acaba de aprender.

A dedicação de Antônio em seu trabalho é movida pelo prazer. Orgulhoso, recorda de uma vez em que um de seus clientes importantes estava nos EUA em uma reunião de negócios, e um norte-americano gostou tanto do terno que ele usava que pediu para tirar uma fotografia da roupa. Quando o cliente retornou ao Brasil, foi direto ao ateliê de Antônio lhe dar uma bronca. Motivo da reclamação: antes as pessoas pediram para tirar fotos suas, agora só estavam interessados em fotografar seu terno. Esse foi um dos grandes elogios que Antônio relembra. E para ele não existe melhor propaganda que a do boca-a-boca.

Durante a época áurea da Galeria Ouro Fino, Antônio relembra que dez alfaiates chegaram a ter seus ateliês instalados lá. Hoje só sobrou o ateliê do Antônio e de mais um colega de profissão. A maioria dos alfaiates que trabalhavam na Galeria não se previniu e não comprou o imóvel próprio. Com o aumento do preço dos imóveis, quem não tinha espaço próprio não teve dinheiro suficiente nem para pagar o aluguel da sala. Antônio acompanhou essas mudanças da porta de seu ateliê, e explica que, quando os primeiros proprietários dos imóveis morreram, seus filhos e netos aumentaram absurdamente o aluguel: “Se eles puderem cobrar 20 mil de aluguel por uma salinha da Oscar Freire, vão cobrar”. Desde o início dos anos 90 até hoje, a extrema valorização dos imóveis vem contribuindo para que muitos lugares na Augusta tornem-se estacionamentos, já que é um negócio em que o dinheiro que entra fácil.

Antônio é o comerciante mais antigo da Galeria. Nunca faltou em um único dia no trabalho e há 44 anos trabalha com um vinil de ópera na vitrola, resistindo bravamente ao rock'n'roll e sons alternativos dos seus vizinhos do terceiro andar. A Galeria Ouro Fino sempre foi e continua sendo um local jovem, mas Antônio não se sente nem um pouco deslocado: “Não sou eu que estou no meio da juventude, a juventude é que está à minha volta”, diz o alfaiate, que sempre gostou e achou mais fácil trabalhar com jovens. Ao refletir sobre o caráter “contestador” da juventude, Antônio acredita que os jovens não são tão transgressores assim, já que buscam sempre suas referências no passado:

- A cada 15 anos há o surgimento de uma nova geração que sempre apresenta mudanças, mas na realidade essa nova geração bate sempre com a passada. O jovem não muda tanto assim. Os ternos de 1930, por exemplo, são todos ajustadinhos como as roupas que estão usando agora, todas amarradas.

Da janela do ateliê, a Avenida Paulista encontra-se distante, nem é possível ser avistada. Mas as diferenças dos dois mundos traçados por ela ao cortar a Augusta vão cada vez mais se acentuando à medida que nos distanciamos do Centro e nos aproximamos

dos Jardins. E esses dois mundos tornam-se claros para mim quando pergunto a Antônio o que ele acha sobre trabalhar na Rua Augusta. Ele começa: “Aqui na Augusta...”, mas reformula: “Ou melhor, aqui nos Jardins – vamos esquecer que aqui também é a Augusta e vamos falar dos Jardins, porque isso também faz parte dos Jardins – aqui a gente se acostuma com uma civilização tão adiantada que quando você sai do bairro estranha muito e se questiona: ‘Será que eu estou no mesmo país?’”. E, assim, o alfaiate cheio de clientes importantes começa a listar o Jardim América, Alto de Pinheiros, Jardim Europa, Brooklin, Ibirapuera e outros bairros para falar como a região onde trabalha é formada por um povo de cultura refinada e que passeia por ruas calmas e tranquilas. Antônio ainda completa: “Quando você sai desse ambiente você só encontra problema daquilo, abuso disso... É outra realidade”.

Termino a entrevista e me despeço de Antônio, mas não preciso ir muito longe para avistar a “outra realidade”. Basta sair da Ouro Fino, seguir sentido Centro, descer as ladeiras e pronto. Duas realidades para uma única rua.

A vida é um Cabaré
(Ao som de "Rum and Coca Cola" – The Andrews Sisters
e "Mercedita" – Gal Costa)



Em meados dos anos noventa, enquanto o celular ainda era uma novidade inacessível para a maioria das pessoas, o que reinava no moderno serviço de telefonia móvel eram os pagers. Também conhecidos por “bipes”, pois era esse o som que emitido quando se recebia uma mensagem, esses aparelhos com o aspecto de um controle remoto de televisão eram uma versão mais rudimentar dos atuais torpedos SMS.

Enquanto uma linha de celular chegava a custar três mil reais e os telefones fixos ainda eram alugados, as empresas de telefonia viram no bipe uma opção rentável para a classe média. Passaram, então, a popularizar o apetrecho ao apostar em vendedores altamente capacitados para saírem às ruas, de porta em porta, apresentando os benefícios desse gadget do século passado.

No quadro de funcionários de 1996 de uma dessas operadoras de bipe encontrava-se o nome Cíntia Keller. A sul-mato-grossense de lábia fácil e jeito para os negócios escolheu a Rua Augusta como ambiente de trabalho, ou, mais precisamente, os seus inferninhos. Sua rotina consistia em visitar saunas e puteiros para apresentar os aparelhos às prostitutas, suas principais clientes, e depois voltar trazendo as encomendas.

E não foi só bipe que Cíntia comercializou com as putas. Ela também vendeu roupas de grife em inferninhos. Mas aí sai de cena a decadência escancarada da Augusta, entra o luxo e a discrição das saunas do Morumbi. Precisando de dinheiro para pagar o curso de tecnólogo em vestuário no SENAI, ela juntou algumas roupas e foi vender. Em seu primeiro negócio, arrecadou mil e quinhentos reais. Ela comprava as peças em lojas de ponta de estoque e bazares que ofereciam marcas de “paty rica” como Les Filós e Fórum, e as revendia para as meninas. Eram roupas sem apelo sexy, que as prostitutas não usavam para trabalhar, mas para saírem, já que a maioria escondia da família a sua profissão.

Cíntia fez amizade com a esposa de um cirurgião plástico, dono de vinte saunas espalhadas por São Paulo, e passou a vender no local. Lá ela descobriu que as putas eram um verdadeiro nicho de mercado. Natura, cabeleireiro, Avon, roupas de criança, lingerie, comidas exóticas, tinha vendedor de tudo o que é mercadoria para atender às necessidades das profissionais do sexo.

Como a carga horária das meninas era puxada, e Cíntia atendia em domicílio, vendia até fiado, ela conquistou muitas clientes e amigas também. Mantém contato com algumas delas até hoje, e na época passava bastante tempo com elas, ia à festa, batizado de filho, aniversários. Era a única santa lá de dentro. Ganhou até apelido: a “Santa do Cabaré”. E o apelido

ganhou vida: há nove anos é o espaço onde vende suas criações na Galeria Ouro Fino.

Descontente com o curso do SENAI, resolveu largar a sala de aula para aprender na prática. Com três mil e quinhentos reais de capital inicial – o valor que ela tinha de limite na conta bancária – a sul-mato-grossense veio montar sua loja na Ouro Fino, seduzida pelos preços baixos dos aluguéis e pela movimentação do local. Sua primeira coleção foi lançada na base do susto da inauguração da loja: comprou tecido, fez alguns vestidinhos, que são o forte e a marca registrada da loja, e se jogou.

A paixão e o interesse por moda são antigos. Seu tio era representante de marcas, a prima era estilista, outra prima trabalhava com a renomada estilista Glória Coelho e o avô era dotado de talentos manuais para esse ramo, fazia cinto e carteira de couro. Se você herda aquilo com o que você convive diariamente, Cíntia herdou a paixão por moda. Começou aos 18 anos trabalhando como vendedora de loja em shopping, mas já almejava vãos mais altos. Apesar de não saber costurar, ela garante que para desenvolver uma coleção não é necessário dominar linha e agulha. Segundo ela, é preciso ter bom gosto, conhecimento e saber vender. Afinal, de nada adianta fazer o produto mais lindo do mundo, mas não saber vendê-lo. E Cíntia sabe como vender.

A fachada da loja confunde-se facilmente com a de um american bar do Baixo Augusta. O letreiro luminoso em neon vermelho com o nome da grife também estampa as palavras “Sex” e “Drinks”, acompanhado do desenho de uma pin-up mergulhada em um copo de Martini com azeitona. Em seu interior, a “Santa do Cabaré” é uma extensão do aconchego da sala de casa. A loja tem papel de parede florido vintage, poltrona de oncinha, televisão e telefone retrô, e as Andrews Sisters cantando no aparelho de som. As roupas nas araras são milimetricamente bagunçadas entre lenços, assessórios e os sapatos Melissa. Até parece o closet da sua melhor amiga, daquela que você adorava pegar roupas emprestadas.

- Hoje, para sobreviver com a concorrência dos produtos chineses, das grandes marcas e do Bom Retiro, é preciso um diferencial, uma identidade. – ela comenta enquanto se ajeita na poltrona de oncinha.

Tanto a decoração quanto as peças da loja exalam um perfume retrô, único. A “Santa do Cabaré” aposta na originalidade e na autenticidade para ter o seu diferencial. A equipe da marca é responsável pelo desenvolvimento desde o desenho das peças até a modelagem e a estamparia. Tudo para “sair da mesmice” e oferecer looks que não são encontrados facilmente por aí.

Na Santa, cada peça de roupa é uma história. É que Cíntia equivale a moda a um enredo de escola de samba: tem um tema, que é o samba enredo, e a partir daí desenvolvem-se as fantasias. Por isso, cada coleção sua tem um tema. Agora é a vez de Eva Perón ser lembrada em estampas florais e tweeds pendurados nas araras. Antes dela, teve a Bossa Nova, que foi homenageada na estampa Nara Leão, nas cores Elenco (nome da célebre gravadora responsável pela produção de algumas das principais vozes de Bossa Nova), Meditação e Corcovado. Já teve coleção cujas estampas foram baseadas em azulejos. Ou-

tra chamada “Cuba”, com direito a uma estamperia que desconstruiu aquela tradicional imagem de Che Guevara vestindo boina e olhando para o horizonte. Teve até “A Dama das Bromélias”, inspirada na botânica e ilustradora Margareth Mee.

A sul-mato-grossense tem o desejo de sempre contar novas histórias, e se irrita com o repetitivo cenário atual dos fast fashion. “Não aguento mais essa onda de rock na moda! Já chega, já deu! Vamos passar para outra história, assim as pessoas podem saber que existem outras coisas”, debocha. O desânimo de Cíntia devido à disseminação de uma moda “vazia” e “massificada” também se estende à Ouro Fino. Ela sai da sua loja, caminha pelo segundo andar e lamenta: “antes aqui tinha um mix de produtos diferentes para vários públicos, hoje é um festival de caveira, camisa xadrez e camiseta de rock. É o ‘produto do momento’, o fast fashion”.

De 2009 pra cá, uma crise vem assombrando a Ouro Fino. Os altos preços dos alugueis somados à falta de público e investimento em marketing tem mudado o perfil da galeria. Sem uma identidade definida, a Ouro Fino vai distanciando-se da moda alternativa de galerias como a Bond Street, em Buenos Aires, ou o Mercado de Fuencarral, em Madrid, nos quais cultura e moda dialogam em uma mesma linguagem.

- Tem muita gente que abre lojas aqui e compra roupa no Bom Retiro, no Brás, na 25 de Março... Aí tira a etiqueta e substitui por uma da sua marca. Ou então a pessoa pega o ponto de alguém, e procura o produto igual ao que era vendido na loja anterior –, relata.

Se hoje a moda é efêmera e o que vale é ter estilo, Cíntia não usa rótulos para denominar o seu. Também nunca programa o que vai vestir. Mas uma coisa é certa: ela sempre estará usando uma peça de sua grife. “Se eu não acredito em mim, quem vai acreditar?”, esclarece. Como uma Coco Chanel – que revolucionou a moda feminina ao optar pela praticidade das vestimentas do guarda-roupa masculino – às avessas, Cíntia não abre mão de um vestido. E sabe como usar um. Ela propõe a “volta à feminilidade”, sem deixar de lado a praticidade de Mademoiselle Chanel: “O vestido é uma peça única, você coloca e não precisa ficar pesando muito!”, diz. Seu favorito é o vestido multiuso, peça patenteada feita para usar de várias maneiras, como frente única, decote canoa, tomara-que-caia, um ombro só, decote em “V”... De rosto lavado, livre de brincos ou qualquer outro acessório, sandálias nos pés e um vestido de estampas geométricas e transparências, revelando uma tatuagem em seu braço esquerdo, ela admite:

- Quando você me vir de calça jeans é porque eu não tenho roupa passada, aí eu pego o jeans e pronto!

Ela transmite um ar urbano e moderno, que nunca revelariam as origens da moça criada na fazenda. Sua mãe veio estudar em São Paulo sem saber que estava grávida. Deu a luz à Cíntia, e quando a garota tinha um mês de vida, levou-a para o Paraguai, para crescer ao lado dos avôs e tios, no meio do mato. A menina morou na fronteira até os 13 anos, e então veio para São Paulo. Suas raízes rurais ficam evidentes enquanto ela cantarola uma polca Paraguaia e descreve, com saudades na voz, como eram as festas na fazenda, que chegavam a durar até três dias. Mas do que Cíntia mais sente falta é do churrasco e do avô.

Pergunto a ela: “Se você já contou a história de tanta gente através da moda, por que não conta a sua?”. Ela pondera e responde:

- Essas coisas são pra quando a gente morre, e aí vira história. Eu ainda sou muito nova para contar a minha!

Dentro do castelo de papelão
(ao som de "Cowboy fora da lei" – Raul Seixas)



Eu poderia começar este parágrafo com alguma estatística de quantos moradores de rua vivem em São Paulo. Mas esse dado seria impreciso demais visto que, nem a Prefeitura ou algum outro órgão público tem uma estimativa exata, alegando dificuldade em catalogar quem não tem endereço fixo. Começo então com uma pequena contribuição à Prefeitura do Estado de São Paulo. O número 2.442 da Rua Augusta é, teoricamente, o endereço de um banco, mas quem há dez anos chama suas calçadas de “lar” é o Marquinhos.

Conheci Marquinhos no carrinho de pipoca do seu Manuel. Ele pedia um saquinho de pipoca e, com um sorriso largo, brincava enquanto mirava para a careca lustrosa do seu Manuel: “Ih, conheço esse pipoqueiro desde quando ele tinha cabelos pretos!”.

Marquinhos sai andando sem rumo, possui um andar despreocupado, de quem desfruta de sua liberdade a cada passo. Praticamente, é o rei da Augusta. Ele vai em direção ao seu castelo feito de papelão onde dorme todas às noites, ali, quase na esquina com a Oscar Freire. Sua casa feita com lixo é vizinha de uma das ruas mais luxuosas do mundo. O mais pujante símbolo dos Jardins ostenta em suas vitrines marcas caríssimas das quais Marquinhos nunca ouviu falar e nunca irá vestir.

Seus 38 anos passaram-se muito rápido, e ele exhibe um rosto marcado e mãos gastas para enfrentar o relento todo dia. É que Marquinhos virou homem muito cedo. Aos 13 anos, já experimentava o peso de seguir seu rumo e arcar com as consequências de suas decisões. Sozinho.

- Eu perdi tudo num dia só -, relembra, ao contar sobre o acidente de carro que tirou a vida de seu pai, sua mãe e seus sete irmãos.

Desamparado, ele largou Minas Gerais e veio tentar os cacos da vida que lhe sobrara no caos de São Paulo. Chegou como quem pedia licença. Logo encontrou a Augusta, e com ela foi se entendendo. Vinte anos se passaram e Marquinhos muda suas coisas de lugar, mas não muda de rua. Sua casa itinerante já dividiu fachada com bingo, padaria e loja de perucas. Atualmente encontra-se em frente ao banco, sem previsões de mudanças.

Já faz algum tempo que o mineiro não está mais sozinho. Ele encontrou Fáisca e Fumaça para acompanhá-lo. Os dois cachorros, dos quais cuida desde filhotinhos, são sua cria e companheiros. É com voz fraternal que ele dá-lhes ordens e com afeto veste até colar em Fáisca ou chama Fumaça de “nego”. Os cães fazem-no companhia durante a monotonia do meio da semana, já que, Marquinhos é o único que passa a noite por lá. Ele e o “negão”, outro morador de rua que há dez anos fixou-se na região. “Mas o negão não conta, ele tá sempre deitado por aí, só que não conversa com ninguém”, defende a soberania de seu trono.

A vizinhança da dona Augusta foi o que conquistou Marquinhos. Ele solta um “Tudo bem doutor?”, dá “Bom dia!” à senhora que faz graça para o Faísca, e pede a atenção de outra moradora:

- Eita tia, vai pagar almoço pra mim hoje?
- Você já almoçou que eu sei, Marquinhos!
- Almocei não! Os cachorro comeu tudo, eu comi só um pouquinho de salada!
- Como você não almoça e dá a comida para os cachorros?
- Ah, mas eles é a minha família, né?
- Estou sem dinheiro, agora não dá...
- Eu aceito cartão!

Marquinhos brinca, mas já tem rotina certa para pegar a bóia: às 13h consegue uma quentinha na Dona Lina, e às 15h30 é hora de ele fazer a marmita na Natural, onde há 10 anos ele bate o cartão. O mineiro foi chegando quietinho e, aos poucos, criando amizade com os moradores do bairro. “Gosto do pessoal porque eles me ajudam e não tem essa de ficar se desfazendo de nós porque a gente mora na rua”, diz.

Mas nem sempre é assim. A fala fica baixa e a voz alegre intimida-se quando Marquinhos conta dos olhares desconfiados que recebe, julgando-o como ladrão. Marquinhos pede licença. Licença para falar, para comer um prato de comida, para deitar-se na calçada. Marquinhos pede licença para viver sua vida de cacós. Pede licença para fugir dos olhos intolerantes de quem segue ignorando-o, e do desdém que tanto o aborrece. Ele pede licença e afugenta-se em seu castelo de papelão, sua fortaleza contra o moralismo das normas do convívio social.

Do que Marquinhos mais gosta na Rua Augusta é a vizinhança. Do que ele menos gosta é o frio e de quando chove.

Lin quer consertar o tempo
(ao som de "Sobre o tempo" – Pato Fu)



O número 2.530 da Rua Augusta causa estranhamento aos transeuntes desavisados. É uma floricultura? Uma loja de produtos naturais? Vende acessórios para animais de estimação? Fato é que se tornou praticamente impossível passar por lá sem esticar os olhos pela fachada incomum. Dois vasos de samambaias engolem a entrada do local em meio a apanhadores de sonhos, mensageiros do vento, vasinhos de flores e bebedouros de beija-flores. Para completar, a calçada também possui um pequeno canteiro onde vincas, marias-sem-vergonha e margaridas florescem ao lado do concreto habitual.

Porta adentro, um homem de meia idade e traços orientais debruça-se sobre uma mesa com os dizeres “Deus abençoe essa bagunça”. Na bancada repleta de pinças, bilhetes, lupa, óleos, engrenagens, chaves de fenda e outras quinquilharias, o homem faz malabarismos para manusear os instrumentos com precisão e atender a fila interminável de clientes apressados que se estende até a porta da loja. Não importa o horário, a fila sempre está lá. O movimento só cessa durante a pausa para o almoço, quando os portões fecham-se estampando os dizeres “Dá um tempo”.

Lin Chun-Lone não adoça seu café com açúcar. Ele prefere a bebida pura e forte, gosta de sentir o amargor desfazendo-se em sua boca. Nascido do outro lado do globo, em Taiwan, antes de fincar raízes na Augusta, Lin decidiu viver no Brasil por culpa mesmo da Liberdade. Fisgado pelo estômago, ele se encantou com a culinária do bairro sino-japonês, sentiu que aqui poderia ter um cantinho da sua terra natal e não teve dúvidas.

Mas tudo mesmo começou antes, na Argentina. E antes disso, na fome de vontade de conhecer o mundo. Aos 21 anos, a ideia de sair da terra natal e se aventurar por aí emergiu na cabeça de Lin. A partir daí ele começou a arquitetar seu plano de fuga para o desconhecido. Seu pai, resignado, com sabedoria deu um último conselho a Lin. Chamou-o no quarto e proferiu o ensinamento:

- Já que é assim, já que você quer ir e não tem mais jeito, você que aprenda um ofício para não morrer de fome. Uma profissão na qual você possa andar por qualquer lugar do mundo e sobreviver. Uma profissão cuja ferramenta de trabalho caiba na maleta, e que você não tenha que mover um quarteirão para movimentar o seu negócio.

Lin decidiu que seria relojoeiro. Durante quatro anos estudou a mecânica do funcionamento da máquina, e então estava pronto para partir. Na época, a irmã morava em Buenos Aires. Lin, então, foi se juntar a ela e desbravar o Ocidente. Mas o tradicionalismo do país e o governo militar que comandava a Argentina dificultaram a adaptação de Lin ao novo continente.

Foi durante uma viagem de férias que Lin veio parar no Brasil e se apaixonar por São Paulo. Gostou do povo e do clima. Casou-se em Buenos Aires, mas trouxe a esposa para viver com ele aqui. Sua rotina consistia em estudar à noite e desbravar as ruas paulistanas durante a tarde. Numa dessas incursões, descobriu a Galeria Ouro Fino. Viu que uma loja estava à venda e não pestanejou, ficou com aquele ponto.

Era o início dos anos oitenta e a relojoaria de Lin dividia o glamour do segundo andar da Ouro Fino com sapatarias, oficinas de alfaiataria e boutiques finas. Ao lembrar do público mais tradicional e do luxo da época, que ostentava até casacos de peles na vitrine, ele analisa o seu próprio ofício:

- É uma profissão que hoje em dia quase ninguém mais liga, mas a gente sobreviveu até hoje.

É que o artesão acompanhou a desglamourização do relógio. O item mecânico que ele comercializava como joia aos poucos foi perdendo espaço para a tecnologia dos digitais e às réplicas de camelôs. A joia deixou de ser joia e passou a ser acessório. A classe média deixou de lado um “relógio bacana” e passou a preferir os Nike Shox e smartphones da vida como símbolo de status social.

- Não é mais como era antigamente, quando o relógio tinha um valor mais sentimental e era passado de pai para filho. Era um item de valor, você comprava um relógio como hoje se compra um carrinho popular... -, lamenta.

Durante 25 anos Lin consertou e vendeu relógios na Galeria Ouro Fino. Contudo, em 2005, com a popularidade dos relógios em baixa e a conseqüente queda nas vendas, o artesão parou de vendê-los e passou a trabalhar só com assistência técnica. Como não precisava mais de um espaço para exibição, mudou-se da Ouro Fino. Mas pensa que ele foi longe? Seu novo endereço, entre as ruas Oscar Freire e Estados Unidos, é apenas a uma quadra da antiga loja.

Quando se trata da dona Augusta, a única reclamação de Lin é em relação aos preços dos alugueis. “Talvez a economia do país não esteja ajudando, mas chegou a um ponto em que quem recebe o aluguel sempre acha pouco, mas pra quem paga pesa”, explica ele, e ainda afirma que esse é o motivo de grande parte da Augusta ter se tornado estacionamento. Mas Lin nem pensa em abandoná-la. Ele abre um sorriso e explica: “Você não viu? Sou conhecido por aqui... Não posso sair daqui”, diz referindo-se aos vários cumprimentos que recebeu durante o curto caminho de sua loja até a cafeteria onde estávamos. O taiwanês diz que “fez nome na Augusta”, e prometeu a si mesmo se aposentar na região.

A fama de Lin não é à toa: ele garante oferecer um atendimento diferenciado. Os anos de estudo do funcionamento de relógios lhe permitiram alcançar a chave para conquistar os clientes paulistanos: agilidade. Em sua oficina Lin não perde tempo, manuseia tudo com muita rapidez e, na maioria dos casos, faz o serviço ali, na hora mesmo. O relojoeiro avalia a peça do cliente: se o serviço não for tão complicado, como uma troca de pilhas, ele o faz na hora. Se for preciso de mais tempo, a peça fica para revisão.

- Hoje em São Paulo ninguém tem tempo para perder, tem gente que vem de outro

bairro e por causa de uma troca de pilha não vai perder viagem. Então, quando eu vejo o relógio, na hora eu sei se a peça pode ser liberada ou não. Por isso, que eu tenho muito serviço! -, Ele ainda brinca que se voltarmos para a oficina agora, acaba o sossego.

Lin também quer sossego. Sossego e tempo de sobra para fazer sua terapia: cuidar de suas plantas. A bagunça “bem brasileira” no interior de sua oficina encontra-se com o equilíbrio oriental da fachada arborizada. Pelo visto, Lin não é adepto do feng shui, mas também não abre mão de adubar a sua flora particular. Além de “terapia”, as plantas que compõem a fachada exótica servem para enobrecer o ambiente que, segundo Lin, era “um local muito carente porque já foi a chamada ‘entrada de empregados’ do antigo prédio”.

Em São Paulo, o taiwanês se acostumou bem. Recebe “Bom dia” dos vizinhos, na hora do almoço tem companhia com hora marcada no restaurante da esquina, cultiva amizades de três, até quatro gerações. É com o sotaque ainda forte – proferindo um português com entonação abarrotada de vogais fechadas – que Lin afirma se considerar brasileiro, e diz já ter adquirido o nosso “jeitinho”.

O saudosismo chega quando o artesão relembra os tempos áureos da Augusta. Com a voz abrandada, ele puxa pela memória as recordações de uma vida mais calma, quando havia sorveterias, pontos de encontro, salões de chá... Lin derrete-se ao lembrar-se do tempo em que não havia tanta pressa. O relojoeiro, que consegue, minuciosamente, lidar com as complexidades de mecanismos para consertar o marcador de tempo de seus clientes, entende que controlar esse tempo não o torna imune à sua passagem.

Apreciador da pescaria e dos jogos de cartas chinês, do tipo paciência, o taiwanês sossegado é daqueles que evita a correria.

Ritmo acelerado só das 8h às 18h.





O flâneur e seu deserto
(ao som de "Sweet Virginia" – The Rolling Stones
e "Happiness is a warm gun" – The Beatles)



- Já tentei escrever chapada, mas não deu muito certo...

- Não é para todo mundo, precisa de certo discernimento. Você não consegue se fixar em uma ideia, você muda, porque a mente é um luxo! A mente humana é um computador fantástico!

- É, acho que o meu limite ultrapassou, não consegui...

- Ultrapassou nada, você ainda não gestou, não pariu! Quando você parir, você vai ver o que é a maravilhosidade da máquina humana!

- Não, eu digo que o meu sistema não deu certo com a maconha! – risos.

- Ahhh que pena! Você entra em depressão?

- Não, não isso...

- Você escuta vozes?

- Nããão! Tô dizendo que não dei certo para escrever chapada!

- Ahhhh! Geralmente você se inspira em quê para escrever?

- Em músicas, filmes, livros...

- Eu também gosto muito de filmes, por mim, ia todo dia no cinema: de manhã, à tarde e de noite, é uma terapia! Também amo música, sou fã do John Lennon até em baixo d'água, adoro ele, e meteram bala nele! Você sabe que o John Lennon foi ao terapeuta com a finalidade de reaprender a chorar? Era um cara iluminado! Você gosta de “O Iluminado”, com Jack Nicholson, do Stanley Kubrick? – e desata a falar.

Seu nome é Verdi, igual ao compositor italiano de óperas, Giuseppe Verdi, ele me diz. Aliás, ele me diz várias coisas. Para ele, não falta o que dizer e sim quem escutar. Retira do saco de lixo que carrega nas costas vários panfletos e revistas. Pega uma revista Veja de 2007 para me contar das barbaridades que estão acontecendo no Planalto Central.

Eu havia acabado de atravessar a Avenida Paulista, mal começava a preparar minhas narinas para sentir o cheiro da decadência que estava por vir rumando no sentido Centro, quando um senhor magro de roupas surradas, cabelos ralos, barba desgranhenta e um saco de lixo nas costas aponta para a camiseta dos Fab Four que eu estava vestindo e me pergunta:

- E aí Beatles, não quer comprar um pouco de arte hoje?

Era uma noite qualquer de 1989, Verdi estava em casa com sua família, um vinil no toca discos e um baseado depois do jantar. De repente, ele começou a defecar e a vomitar no carpete da sala. Foi levado ao hospital onde o lavaram, o anestesiaram e abriram a sua cabeça. O diagnóstico: aneurisma cerebral. Naquela época já usava muitas drogas, tomava

“no cano”, se esbaldava nas injetáveis e anfetaminas.

Aliás, as drogas merecem um capítulo à parte na vida de Verdi, um “drogadito”, como se autodenomina. “Adoro drogas, me potencializam, me deixam em contato com Deus! É como se fosse minha religião, mas não é”, reflete e me descreve a luminosidade das obras de Leonardo da Vinci, Raphael e Michelangelo que, segundo ele, só foram possíveis para aquela época porque foram feitas sob a influência de drogas. “E naquele tempo eram drogas mesmo, vindas do Oriente, da papoula, não era essa porcaria que tem hoje em dia”, lamenta. Verdi começou a usar entorpecentes quando tinha 18 anos. Foram os Beatles que o introduziram ao mundo das drogas. A música “Happiness is a warm gun”, do Álbum Branco, composta na fase em que o John Lennon estava tomando heroína, foi o pontapé para atizar sua curiosidade e fazê-lo se permitir experimentar de tudo. Inclusive crack.

- Eu tava dobrando a esquina e o crack entrou na minha vida e não sai mais, é terrível. Se eu tivesse dinheiro seria todo dia e eu já estaria morto, porque é uma droga fortíssima. Ah, é maravilhoso, é uma sensação esplendorosa... É terrível, eu não desejo para o meu pior inimigo... É uma delícia, PUTA MERDA!

Verdi foi operado no mesmo dia em que chegou ao hospital, ganhou de presente uma cicatriz enorme em sua careca e a notícia de que não voltaria mais do coma, que era daí pra pior. Ele ficou dois anos vegetando em “outra dimensão”, mas, em 1991, levantou-se. Na verdade, ele queria se levantar, mas não o deixaram. O hospital perdeu todos os seus arquivos e Verdi, até hoje, não conseguiu receber sua aposentadoria por incapacidade, invalidez, ou qualquer ajuda do governo.

- É um país filha da puta, ou não é?

Verdi Tavares de Lima, 64 anos, mora de favor em um apartamento alugado de sua irmã, na Aclimação, mas passa a maior parte de seu tempo flinando na Augusta. Seu espírito vagabundo e curioso interpelou várias vezes a nossa conversa, quando me apontava o moço de andar delicado que “parecia estar flutuando”, o cara que “se assemelhava a um corredor africano”, a mulher de calças elegantes, o casal de lésbicas: “Olha lá como elas deram um chute no casamento”, os laços fraternos de uma mãe abraçada a seu filho, a menina escandalosa de saia rasgada, o menino com o livro gigante, os policiais que deveriam “ir na câmara dos vereadores e botar tudo em cana”, a travesti: “Dá uma olhada, olha como ele anda, OLHA! Parece uma mulher, mas não é”, e os moradores de rua procurando comida em latas de lixo: “Você viu como eles estão para todos os lados?”.

De vez em quando, ele também gosta de flinar no cemitério da Consolação, região na qual já morou e local onde sua mãe está enterrada. No meio da beleza mórbida dos magníficos túmulos e esculturas, Verdi vai lá, fuma um baseadinho, senta-se ao lado da sepultura de sua mãe e fica lhe fazendo companhia, pensando na vida e imaginando que, se ele tivesse sua aposentadoria, estaria em Buenos Aires com seus netos e sua ex-mulher. Porque Verdi, um dia, já foi casado: “O que você chama que é casamento? Ir na igreja, assinar papel e tal? Moramos juntos e era tudo legal, uma maravilha”.

Numa dessas viagens loucas perdidas na década de 60, em que varou a madrugada com

Jimi Hendrix no talo e restos de pó no nariz, Verdi foi até Araraquara levar uma encomenda de cocaína para uns velhos amigos. Quando chegou lá, gostou de cara da argentina loirinha e amalucada que andava com o pessoal da casa para tudo quanto é lado. Florencia achou que Verdi era o dono da boca, e foi pra cima dele. Eles cheiraram e transaram o dia inteiro. Ela gostou da brincadeira e resolveu acompanhar Verdi, os dois foram ao Paraguai, compraram 30kg de maconha de primeira, e passaram muitos apuros para andar com todo esse volume de droga. Quando chegaram a Asunción, se livraram dos 3kg que restavam, e foram para Buenos Aires se divertir com a abundância das anfetaminas vendidas em farmácia. “Um luxo!”.

De Buenos Aires partiram para o Piauí. Numa manhã clara, como só as manhãs de sábado são, Verdi panfletava pelas ruas de Teresina, quando foi preso e torturado pelo DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna). Naquela época a repressão no Brasil estava implacável: Codis, Dops, Operação Bandeirantes e toda a coerção de Geisel. Ele perdeu vários amigos para a ditadura: “Éramos levados de ponta cabeça, te matavam, te pintavam, te bordavam, eles tinham imunidade em tudo”. Conseguiu se refugiar no Chile, onde trabalhou na campanha política de Salvador Allende Gossens, presidente que mais tarde seria deposto por Augusto Pinochet.

Entre idas e vindas para Peru e Equador, Florencia ficou grávida de seu primeiro filho, o Água, nascido no dia 3 de setembro de 1971:

- Me lembro como se fosse hoje, estava uma tarde maravilhosa quando minha mulher pariu, quisera eu ter visto, mas não vi o parto de nenhum dos meus filhos... Não vi porque vivia em Marte, sei lá! Por desrespeito à mulher, porque o homem tem que acompanhar, ele acompanha tudo porque na hora de parir não está presente? Dá uma mijada na mulher, sente orgasmo e vai embora?

Com Água ainda recém-nascido, eles atravessaram e descobriram o esplendor da Floresta Amazônica na volta para o Brasil. O ponto de chegada foi um posto de gasolina, em Belém do Pará, de onde percorreram os 3 mil quilômetros restantes, de carona, até São Paulo. Chegaram à terra da garoa sem um puto no bolso, e foram pedir abrigo aos pais de Verdi. Mas, a estadia não durou muito tempo, sua mãe, infelizmente, sofria de um mal terrível que é o ciúme, “A Bíblia fala que é a infecção dos ossos, de tão grave que é”. Ela não suportou a ideia da nora dividir o mesmo teto que seu marido, e, para não causar constrangimento, eles saíram de lá e foram para Ubatuba.

No Litoral Norte, Verdi montou uma empresa de raspadinha com um amigo, que mais tarde seria morto pela polícia. Eles subsistiam vendendo raspadinha nas várias das 76 praias de Ubatuba. Na época, em 1973, sua mulher engravidou de novo, dessa vez uma menina. Como Verdi era hare krishna, ele nomeou sua filha de Maria Ramanhã, uma homenagem à deusa Rama e à sua mãe, Maria: “Maria da manhã”. Três anos depois, já na Argentina, Florencia daria luz à sua caçula: Dulce Virgínia. Dessa vez, Verdi a homenageou com a canção “Sweet Virginia”, do álbum “Exile on main street” dos Rolling Stones. “Vindo dos Stones, tudo é bom!”.

Sem achar nenhuma alternativa para subsistir em Buenos Aires, Verdi deixou a mulher, os três filhos e veio ao Brasil para traficar maconha. Na volta à Argentina, depois de atravessar a fronteira em Foz do Iguaçu e retornar para sua família, chegou em casa e encontrou sua mulher dando para outro cara.

- Você sabe o que é isso que eu estou te falando, ou não? Vim aqui me arriscar para pegar droga e quando chego lá ela tá com outro? Falei: “Fica você aí com a maconha, a criançada, os seus amantes e sei lá!”.

Agora ele repensa, acha que não deveria ter sido tão impulsivo assim, deveria ter se reconciliado de outra forma, mas, na hora, ele não conseguiu.

Verdi pára, pede para eu aguardar ele recapitular sua memória. Seu olhar fixa-se em um ponto enquanto a pupila vai de um lado para um outro em movimentos frenéticos, sem piscar. “O que aconteceu, pô?”, e volta: “Sentiu o cheiro da maconha? Olha que eu posso tá no meio do que for, mas, se tiver maconha, eu sinto!”.

Grande parte das experiências lisérgicas de Verdi ocorreu em meados dos anos 60, quando ele era “beatnik” e, segundo ele, um dos precursores do movimento que antecedeu os hippies no Brasil.

- Ser beatnik são algumas negações, várias, aliás, hoje eu ainda não sei quais são, mas na época eu também não sabia. Era por puro delírio mesmo, não sei te explicar... – revela, e começa a exaltar Bob Dylan para afirmar a seriedade do movimento.

Em 1963, ele tinha dois motivos de orgulho: o de ser dono de uma cabeleira revolta que ia até sua cintura e o de nunca tomar banho, “um luxo!”. Talvez a fase mais feliz de sua vida ocorreu entre o lançamento do Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band e o White Album, quando ele viajava o Brasil inteiro com uma calça de veludo preta, uma camiseta amarela, um casaco, um tênis e uma mochila nas costas.

- Eu vivia como um mendigo, morava na rua, tirava comida do lixo, o beatnik é isso, nunca trabalhei e não trabalho até hoje, eu sou ladrão, eu meto mão e saio andando! – e confessa, inclusive, pequenos furtos que cometeu em uma grande livraria da região, a fortuna que confiscou: um Box de DVDs do Led Zeppelin e o outro da Janis Joplin. Um roubo em nome da democratização da cultura.

Ele ainda relembra que na época em que Ronnie Cord cantava “Subi a Rua Augusta a 120 por hora”, chegou a juntar o Zompeta, o Mão de Vaca, e vários outros amigos seus para fazer o lançamento de um manifesto hippie, lá na Galeria Ouro Fino. Hoje ele contraverte, com ironia, seu protesto: “Protestar contra o quê? Tudo papo furado, o Brasil é o melhor país do mundo, e naquela época mais ainda! Um país incrível onde tem de tudo! Você vai no lixo e tem comida, quer ver como tem comida aqui dentro? Eu pego para você ver!”.

Talvez Verdi não se lembre, mas, grande parte dos ideais beatniks se baseiam no anti-conformismo, em não se conformar com o momento em que se vive. Se for assim, ele ainda mantém um coração beatnik que grita por socorro e que, ao mesmo tempo, chora:

- O Roger Waters diz “Goodbye cruel world”, e é verdade, esse mundo é cruel. Mundo triste.

Verdi mora sozinho, minto. Ele divide o apartamento com os seus fantasmas, que não são poucos. Já não consegue mais abrir direito a porta do quarto, e a sala de estar, o banheiro e a cozinha foram dominados pelos folhetos de papéis, de revistas e pedaços de jornais. Cada dia aumenta mais um pouco o volume do lixo que recolhe nas ruas e carrega em suas costas. É que Verdi encontrou saída para a ansiedade e insegurança ao construir seu forte de papéis, onde sempre tem quem escute as suas histórias, sejam elas verdadeiras ou não. Já, para a solidão, foi preciso de um remédio mais forte. Solidão não é para qualquer um.

- Há quem corte o gogó daqui até aqui, há quem se enforque, quem pinte e borde, então, como eu complemento essa minha solidão? Com drogas. Adoro, adoro e adoro.

Conheci Verdi, não o compositor, mas sim o flâneur, o andarilho, o errante, o lunático, o incompreendido, o beatnik velho e incansável, em uma noite de quinta-feira no canteiro do Center 3. Ele, que tem resposta pronta pra tudo, só não quis responder a última pergunta:

- Beatles ou Rolling Stones?

- Os dois!

- Só um!

- Ah, Santinha! Não me faça essa pergunta! Para mim é uma pergunta terrível! Olha, eu vou sair fora: Jimi Hendrix! Sai bem, não sai?

O saudosismo de jaleco

(ao som de "Quem te viu, quem te vê" – Chico Buarque)



A obsoleta balança de ponteiros, já enferrujada, contrasta com os novíssimos adesivos de “Aceito Visa” e “Pague com Mastercard”. Como num protesto silencioso, as ferrugens da balança analógica parecem com esforço tentar alcançar os adesivos, sem grande sucesso. Não adianta revirar os olhos para o progresso do capitalismo, pois ele atinge a todos, e de qualquer maneira. Com a Pharmacia com “ph” do seu Milton não foi diferente.

De bigodes fartos, cabelos cinza, óculos de aro grosso e a caneta devidamente pendurada no avental branquíssimo, Milton Luiz Toledo, 74 anos, não esconde o coração saudosista. E deve ser por isso que ainda mantém a farmácia, herdada do pai, do mesmo jeito que era quando ele apenas brincava de peão atrás dos balcões.

A mais antiga drogaria do bairro, a “Pharmacia Bella Vista”, fundada em 1935, até hoje ocupa o mesmo casarão onde foi erguida, no número 1.007 da Augusta, esquina com a Peixoto Gomide. Mas foi só dois anos depois que o oficial de farmácia Ernesto Toledo passou a comandar a drogaria. Vindo de Xavantes, interior de São Paulo, em Alta Sorocabana, Ernesto trouxe a esposa, dona Carmela, que após apenas três meses recém-chegados daria à luz seu primeiro filho. Chamaria-o de Milton.

O casarão número 1.007 foi o berço, a labuta e o lazer de seu Milton. Suas lembranças mais marcantes da Rua Augusta são as da própria infância. De uma rua tão presente em sua memória, mas que nem parece mais a mesma. Meninos juntavam-se nas calçadas para brincar com bolinhas de gude, ou então iam para o meio da rua jogar bola. Era possível atravessar a rua com a maior facilidade, e, quando o relógio marcava nove horas da noite, eram poucos os carros que irrompiam na calmaria noturna. Além disso, progresso para aquela época era representado pela imponência do bonde. As três linhas que percorriam a Rua Augusta – Jardim Europa, Jardim Paulistano e Avenida Brasil – provocavam tanta trepidação quando estavam em movimento que era preciso esperar o bonde passar para aplicar uma injeção.

O tempo passou e não foi só a ortografia da Pharmacia que ele alterou. Sua própria função social sofreu mudanças. Afinal, não era raro seu Milton ouvir a campainha tocar desesperadamente de madrugada e tirar seu pai da cama para resolver alguma urgência. Clientes batiam na janela pedindo socorro para fazer todo o tipo de curativo, procurando cura para alívio de dor persistente e até aplicação de soro contra picada de cobra. Um verdadeiro pronto-socorro.

Apesar de achar o ofício “sacrificante”, com a morte do pai seu Milton passou a assumir o controle da drogaria para ajudar a mãe. Acabou tomando gosto pela profissão. Sua

facilidade para o comércio ajudou-o na empreitada. Aliás, o comércio era outro ponto forte das Pharmacias com “ph”. Na época pré-supermercado, onde você acha que as pessoas compravam sabonete, creme dental, desodorante e outros produtos de perfumaria, cosméticos e higiene? Sim, nas Pharmacias. E essa onda das lojas ficarem abertas até mais tarde em véspera de feriados? Ou então abrir de sábado e domingo? Se, antes da década de sessenta, você se esquecesse de comprar seu presente de Dia das Mães e deixasse para fazê-lo às vésperas – como um bom brasileiro –, somente uma Pharmacia poderia salvar. Seu Milton relembra que as épocas em que mais vendia eram as de vésperas de Natal, Dia das Mães e Dia dos Namorados. As prateleiras de presentes e perfumaria se esvaziavam graças ao hábito de deixar tudo para a última hora.

- Se a gente tivesse escrito, dava para fazer um livro com tantas memórias, você já imaginou? – ele alisa os bigodes e me indaga, pensante.

Em pouco tempo os palacetes da Augusta começaram a abrir cada vez mais espaço para os prédios comerciais, e seu Milton também pode acompanhar a febre da Augusta. Nos meados da década de cinquenta, as casas comerciais da Rua Augusta passaram a chamar a atenção do mundo, a Rua virou até matéria de jornal no exterior. O Alto Augusta passou a abrigar as boutiques mais chiques de São Paulo, que migraram todas para o centro. Para as mocinhas que queriam saber qual era a última moda em Paris bastava dar uma volta pela Augusta e conferir o que as vitrines estampavam.

A Drogaria Bela Vista participou das mudanças do bairro, e nessa época contava com uma clientela fiel, que se deleitava das vantagens das já extinguidas contas mensais. É com gosto que seu Milton relembra os clientes famosos que já frequentaram sua Pharmacia, como a Baronesa de Ararí, ou ex-governador do estado, Altino Arantes.

Mas, em 1966, a concorrência chegou para a Rua Augusta em forma de prédio. Instalado na Avenida Brigadeiro Faria Lima, região dos Jardins, o primeiro shopping Center do Brasil trazia a inspiração de um novo conceito de comércio. O Iguatemi paulistano inaugurou o boom dos shoppings Center no país. Foi assim que todas as boutiques da Augusta mudaram de endereço para os novos centros comerciais, dando início ao que o seu Milton chamaria de “começo da decadência da Augusta”.

A Augusta já não era mais famosa como em meados dos anos 50, e a perda dos holofotes parecia apenas acentuar as diferenças entre Alto e Baixo Augusta.

- Tinha gente que falava que a Rua Augusta é dividida em duas partes: pra lá da Paulista rumo aos Jardins que é a parte chique; e pra cá, sentindo Centro, que é a parte “pé de chinelo”, porque tinha essas casas comerciais mais simples, mais humildes. Essa parte não era tão famosa como a parte de lá.

Apesar dos comentários, seu Milton garante que a Rua não continua mais assim. Segundo ele, nos anos 70 começaram a vir os bancos para a redondeza da Paulista, tornando o local um centro financeiro muito movimentado. E, assim, o progresso começou a “descer” também para o Baixo Augusta, “mas chegou só até a Rua Fernando de Albuquerque, porque de lá pra baixo não melhorou nada, só tem essas casas de massagem, só isso aí ó...”, lamenta.

A Pharmacia Bella Vista acompanhou os altos e baixos da Augusta. Na época em que o pai do seu Milton comandava a drogaria, eram atendidos de 100 a 120 clientes por dia. Já no início dos anos 60, durante a febre da Augusta, seu Milton chegou a atender de 300 a 330 clientes. Atualmente, vivendo a concorrência predatória das grandes redes de drogarias, o movimento voltou a ser como na época do pai de seu Milton.

Com desânimo e resignação, o farmacêutico avalia friamente que a tendência do seu negócio, em um curto espaço de tempo, é fechar ou então mudar de ramo:

- Está difícil, você não tem condição de concorrer com as grandes redes, e eles estão aumentando cada vez mais. Quando meu pai veio pra cá, havia duas ou três farmácias aqui na Consolação toda. Hoje, há mais de 20 se você contar no raio de 1 km.

A violência e os frequentes furtos que acompanham a Augusta, e São Paulo inteira, tiram ainda mais o pouco de ânimo que resta em seu Milton.

Hoje a Rua Augusta tem poucas coisas das quais o seu Milton gosta. Talvez ele mude de ramo, talvez vá embora e abandone seu berço/labuta/lar. Fato é que vira e mexe ele recolhe-se nas suas lembranças. Lembranças de uma Rua Augusta que só ele tem. Dessa, sim, ele gosta.

Alisamentos e antidepressivos
(ao som de "Preta Pretinha" – Novos Baianos)

Giva

CABELEIREIROS
&
BRONZEAMENTO

C 3151-0437 / 8290-2478
Rua Augusta, 883



Conforme a noite ia caindo e as lojas, boutiques, sebos e academias do Baixo Augusta iam fechando, algo que me impressionava era a quantidade de salões de cabeleireiros com a plaquinha “Aberto” na porta. Os vários salões em pleno funcionamento depois da meia noite só tinham uma explicação: a Dona Augusta atende a todos os seus filhos, e nesse horário quem reina são as travestis e garotas de programa que dormem durante o dia e precisam cuidar de seus cabelos, unhas e maquiagem.

Descendo as ladeiras augustianas, fui parar no salão de cabeleireiro Giva, número 888, Baixo Augusta. O salão, que abre às nove da manhã e fecha às duas, expunha um letreiro luminoso em laranja “Cabeleireiros & Bronzeamento” ilustrado por uma morena poderosa de traços fortes e madeixas negras devidamente alisadas e ao vento, como em comerciais de shampoo. Eram quase oito da noite e o estabelecimento se encontrava vazio. O ambiente pouco iluminado era composto por espelhos e cadeiras antigos que se misturavam com a vitrine do salão, repleta de manequins com modelitos curtos e ousados, o que contribuía para um ar desleixado e kitsch.

O barulho da televisão reinava no salão, e logo percebi que durante a conversa iria ter que disputar a atenção de minha entrevistada com a ladainha da novela das sete. Com as cadeiras desocupadas, Nair de Castro, 20 anos, aproveitava a folga para ficar vidrada no televisor. A morena de silhueta robusta, madeixas e unhas rubras levemente descascadas, equilibrava-se em seus tamancos de plataforma enquanto acendia um cigarro e me mostrava sua personalidade forte e franca, do tipo debochada, sem papas na língua.

A cabeleireira me contou que a dona do salão atualmente mora na Itália, é a morena de cabelos esvoaçantes que aparece na foto do letreiro luminoso. E solta despreocupadamente: “Ah, na verdade ela é um homem”. Adepta de madeixas avermelhadas inspiradas em um clipe da cantora Shakira, Nair acredita que o cabelo diz muito sobre uma pessoa e confessa que quando estava com o cabelo loiro não se sentia ela mesma, estava pálida, parecia doente. Ela apostou na coloração vermelha para tingir as madeixas, mas também não está se encontrando e já pensa em jogar um preto por cima.

Ela puxa duas cadeiras para sentarmos e, espiando a televisão de canto de olho, me conta que trabalha no salão Giva desde 2008. Saiu do emprego anterior porque a antiga patroa devia um ano e oito meses de aluguel. Nair faz de tudo no salão: corta, faz escova progressiva, reflexos... Mas confessa que não sabe se era exatamente essa a profissão que queria ter seguido.

“Você vai querer saber tudo mesmo?”, questionou com expressão de surpresa quando

pedi para que me contasse como começou a trabalhar como cabeleireira. Começou a me explicar que se tornou cabeleireira por acaso, para ajudar uma amiga que precisava de auxiliar de cabeleireiro. “Isso acabou com o meu casamento, me separei em uma semana”. Até então, com 18 anos, Nair não trabalhava porque seu marido não a deixava, “Ele me dava de tudo pra eu não sair na porta de casa”, relembra. O início foi difícil para Nair porque os outros cabeleireiros do salão não a aceitavam. Mas como era esforçada, só de ficar lendo os rótulos dos produtos foi aprendendo. Com um mês já sabia puxar reflexo, fazer alisamento. Assim foi aceita.

Outra adversidade que Nair encontrou foi conseguir o diploma. Os salões para os quais ela trabalhava não a deixavam fazer o curso para obtê-lo porque tinham medo de perder clientes para ela. “Muitas vezes a única coisa que os cabeleireiros de salão faziam era cortar ou escovar, o resto era tudo eu que fazia, eu tingia, fazia reflexo, dava cor. Era duro porque você fazia todo o trabalho e quem recebia o elogio era a cabeleireira que só secou, aquilo me dói”. Foi aí que Nair pediu demissão, se matriculou em um curso e começou a trabalhar na Ouro Fino. Depois da Galeria passou por outros salões até chegar ao Giva.

A sinceridade de Nair não é deixada de lado enquanto trabalha. A paulistana diz na hora se acha que a escolha feita pela cliente para mudar o visual vai ficar boa ou não. Sem pestanejar dispara para mim: “Assim, por exemplo, eu acho que você não ficaria legal de reflexo desde a raiz, tiraria sua personalidade, ficaria melhor se fizesse umas mechas californianas nas pontas”.

Sua sinceridade vai mais longe: “Tem cliente que eu peço para sair da cadeira!”, confessa. Nair explica que tenta manter um diálogo com as clientes, mas que nem sempre isso funciona. E conta a história de uma cliente que, apesar de ter o cabelo pixaim e gostar dele liso, ainda não era adepta da escova progressiva que Nair tanto aconselhava. Como a cabeleireira perdia muito tempo com a cliente, deu um ultimato: “Eu falei pra ela que se não fizesse uma progressiva eu não cuidava mais do seu cabelo! Ela acha que a gente tem que morrer para conseguir alisar o cabelo dela!”.

Para Nair, um bom cabeleireiro também tem que ser psicólogo. Ela acredita que o cabelo também pode ser associado ao estado emocional das pessoas, inclusive, alguns de seus clientes mudam direto o cabelo quando ficam depressivos. Teve um cliente para o qual falou: “Nossa, você deve estar muito mal amado, você está cortando cabelo três vezes por semana!”. Depois dessa, ele mudou de salão. Mas Nair não se arrepende: “Ele já estava me irritando, cortando cabelo que não existe!”. Além disso, a cabeleireira explica que a energia negativa que a pessoa carrega acaba passando para ela, porque o cabeleireiro concentraria toda a energia que está no cliente: “Se o cliente está nervoso você vai acabar ficando irritado igualzinho”.

(Nair interrompe a conversa, dá uma olhadela na televisão, que mostrava o casal da novela das sete, e, com ar de sonhadora, suspira: “Ah, eles vão se apaixonar...”)

A transformação que o cabeleireiro pode realizar em uma pessoa é a parte da profissão

de que Nair mais gosta: “Gosto de pegar uma pessoa feia, acabada, destruída e deixá-la uma princesa, de tal maneira que não parece mais ser aquela que sentou na cadeira minutos atrás”.

Ela também conta que muitas vezes chegam ao salão clientes com problemas emocionais, desamparados e tristes, achando que não têm mais o direito de se cuidar. Então ela conversa e faz entender que a vida não é assim: “Muitas vezes a pessoa chega deprimida e abatida por um problema que a está destruindo, e você consegue mudar a vida daquela pessoa”.

Apesar de já estar há algum tempo na Augusta, Nair lamenta que a rua tornou-se um ambiente muito pesado e conta que muitas vezes se sentiu humilhada pelas garotas de programa e travestis que fazem ponto e frequentam o salão. As garotas soltam provocações do tipo: “Para você ganhar o que eu ganho em meia hora, tem que encher as mãos de calos, enquanto não preciso fazer nada”. A cabeleireira concorda que as prostitutas ganham muito dinheiro mesmo, mas também sabe que o dinheiro das garotas é gasto bem mais rapidamente que o seu. E questiona: “Então de que adianta você vir aqui me humilhar porque ganha mil reais em um dia, mas não tem dinheiro para pagar o almoço no dia seguinte?”.

Ainda indecisa sobre qual será a próxima tonalidade de seu cabelo, Nair é bem firme quando nega o meu pedido de tirar uma foto sua: “Sabe o que é, eu não tiro fotos, é uma coisa minha”, ela avisa.

Deixo o salão, e a cabeleireira, com o olhar perdido dentro da televisão. Resta a Nair sonhar com destino do casal da novela enquanto o próximo cliente não chega.

Convite a um último porre
*(ao som de "Por um Rock and Roll mais Alcoólatra e Inconsequente" – Rock Rocket
e "I wanna be your dog" – Iggy Pop)*



São Paulo não pára. E no Baixo Augusta as incessantes 24 horas tornam-se mais interessantes conforme o relógio alcança a meia-noite. Uma infinidade de bares, botecos, pé sujos, saunas, american-bars e casas noturnas abrem as portas, dominam a noite com suas luzes de neon, e fazem a (má) fama da Augusta.

Conforme passamos pelo Conjunto Nacional e descemos a rua, os bares começam a brotar nas esquinas, como Ibotirama, Tapas, Vitrine, Cuca Ideal... Palcos de um esquentar para a noite que está por vir. Logo começam a surgir as casas noturnas e puteiros, dividindo o mesmo quarteirão. A “rua do rock” também poderia ser rua do retrô, do clubber, do emo, dos gays, das putas, dos travessos, dos malucos, dos playboys, dos motoqueiros, dos junkies e incompreendidos em geral. Tem Augusta pra todos.

Apesar de o putz-putz da música eletrônica ainda predominar nas casas noturnas, cada vez mais o rock’n’roll retoma seu espaço nas pistas e baladas, tendo uma concentração expressiva na Augusta. Além dos clubes que passaram a reservar noites só para ele, surgiram novas baladas dedicadas exclusivamente aos filhos do rock. Há opções que satisfazem todos os gostos: desde partidários do punk até os indies, glam rockers, stoners, metaleiros, fãs de rockabilly, electro rock e de todas as vertentes possíveis.

Não nego que quando penso na Augusta, riffs de guitarra me vêm à cabeça. Guitarras acompanhadas por paredes com estampa de oncinha, chão encarpetado de vermelho, prateleiras do bar repletas de garrafas pela metade, e um ambiente escuro e sombrio. Acho que o Inferno Club pode ser a representação ideal do que rola por lá. Jovens (e também um pessoal mais “maduro”, por que não?) de “estilo e atitude”, tatuados, maquiados, vestindo camisetas de bandas, loucos por música e que, acima de tudo, procuram na noite augustiana voltar aos seus instintos primitivos através da música, mais especificamente através do libertário rock’n’roll.

E numa noite de uma sexta-feira qualquer, onze horas ainda é cedo para a Augusta. Mas é a hora em que me encontro postada em frente ao Inferno¹, número 501 da rua dos desejos. A porta, ainda vazia com apenas uns segurança à espreita, exhibe no cartaz: “Rock Rocket e Peluda – Dance to the Underground”, o nome das bandas que prometem embalar as próximas horas.

Responsabilidade grande essa, já que em meio a tantos Nx Zero, Jota Quest, Restart e outros happy rock da vida, parte do público encontra-se desanimado com o cenário atual

do rock nacional. E é para esses pessimistas que o Rock Rocket deixa o recado: “Há quem diga por aí, que o rock’n’roll morreu. A esses eu grito no ouvido, você ainda não me conheceu”, eles gritam no primeiro verso de “Filho de Rock and Roll”.

Não me lembro ao certo como o som da banda paulistana foi chegar à minha playlist. Só sei que fui conquistada pela sinceridade bêbada das canções, que me confessavam histórias sobre terminar a noite “dançando pelado na mesa de um bar”, tomar “fora de prostitutas, esnobado por cachorros, atacado por ratazanas”, “fumar maconha na estrada”, ou ainda sobre a procura obstinada por um bar onde “pode ter ratos, pode ter barata, e a garçõete pode ser travesti... mas a cerveja, barata!”.

Nascido da vontade de não ser mero espectador, mas participar ativamente da noite paulistana, o Power Trio já está na ativa desde 2002, e carrega dois álbuns na bagagem – “Por um Rock and Roll mais Alcoólatra e Inconsequente”, de 2005 e o autointitulado “Rock Rocket”, lançado em 2008 –, além de um compacto em vinil que saiu em Londres e no Brasil.

O som é direto e desprezioso, rock cru e garageiro. Com guitarras marcantes de riffs simples e letras hedonistas repletas pelo lema “Sangue Suor e ‘Serveja’”, fica clara a influência punk de Ramones e Stooges e as pitadas de surf music em suas músicas. Dá para comparar o som dos caras a uma noitada adolescente: Sair a caminho do bar mais sujo da cidade atrás de um porre de cerveja barata, para apenas curtir um rock’n’roll e depois, se tiver sorte, até pegar umas garotas. Sempre de uma maneira irreverente, cômica e sem pudores.

Ao vivo, o trio apresenta uma performance visceral, com forte presença de palco. Os músicos não param: o guitarrista, Noel, sobe na bateria do Alan, sola junto ao baixista, Jun, e, na última música da apresentação, o single “Roqueiros também amam” chama a platéia para participar de um ritual hipnótico ao invadir o palco e cantar junto com a banda enquanto se empurra numa quase roda punk.

Entre a passagem de som e o esquentar pré-show é que consigo bater um papo com a banda. O trio escolhe um dos vários bares/lanchonetes espalhados por São Paulo localizados numa quebrada da Augusta onde não conseguiria chegar sozinha novamente. Com uma Heineken na mão e o gravador na outra, o papo era o tal ensaio fotográfico que o Noel – até hoje o vocalista “provisório” da banda – tinha feito para um site gay. Mais precisamente “O Caralho do Rock”.

- Essa entrevista não é pra site gay não, né? –, me pergunta Jun tirando sarro do colega.

O baixista ainda reclama que está perdendo “o show de uma das bandas de que mais gosto do mundo” (a britânica punker “old school” The Boys), porque ainda havia a apresentação da noite pela frente. Entre cervejas, cigarros e dois X-Salada Bacon, os músicos me contam como foi surgindo o cenário de rock na Augusta.

Quando vocês começaram a fazer shows aqui?

Alan: Em 2002 não tinha a Augusta na verdade, acho que nem o OUTs² nem existia! Tinha a FunHouse³, o Empório Cultural onde tinha show de rock toda quinta-feira...

Noel: A gente começou a fazer mais shows em 2003 e 2004, aí já tinha o Juke Joint⁴, na Frei Caneca, uma pena que não rola mais...

Alan: É! O bar era um buracão, uma coisa que não existe mais hoje: um butecão escuro com punk rock, hoje em dia é só boteco bonitinho e caro.

Noel: Pra você ter ideia, o banheiro não tinha teto, e a porta só tinha a maçaneta, não tinha porta!

Jun: Nossa, dava pra mijar olhando as estrelas!

Noel: Mudou, agora tem mais bar de rock do que tinha antes, tem várias casas de show.

Alan: E a cerveja agora é seis conto, a long neck ainda! Antes não tinha nem long neck, era só lata.

Noel: Mas agora tem bem mais casa de show pra tocar e até com uma qualidade de som melhor: tem OUTs, Inferno, Beco⁵, Studio SP⁶, Vegas⁷, e tudo isso em um único quarteirão!

Quando vocês começaram a tocar com maior frequência na Augusta?

Noel: A gente começou a tocar aqui junto com o OUTs, o bar abriu e nós começamos a tocar lá.

Alan: O OUTs foi o bar de rock pioneiro no Baixo Augusta, eu lembro que tinha uma festa de quarta-feira que se chamava “Noite do Bebum”: você pagava 20 reais e a cerveja era na faixa a noite inteira. Aí eu queria marcar um show do Rock Rocket lá porque nós tínhamos tudo a ver com o tema da festa. Liguei para o dono do bar pedindo pra tocar, e ele falou que não rolava banda. Falei que a gente tocava sem cobrar, ele falou: “Ah, mas aí vocês vão beber tudo! Não vão pagar nem os 20 reais pra entrar e vão acabar com a bebida, vamos marcar outro dia!”.

Qual a maior diferença que vocês notam desde que começaram a tocar?

Alan: O preço da cerveja!

Noel: A Augusta tá mais bombada de uma maneira geral, tá vindo muita gente diferente, antes era mais um nicho rock e tal e hoje tá cheio de gente de todos os tipos...

Alan: É, e tem pessoal do hip hop colando aqui também, uma baita diferenciação.

Jun: Hoje em dia ela tá cheia de playboy!

Noel: Acho que é isso basicamente: cerveja cara e cheia de playboy! Um atrai o outro.

Jun: A playboyzada inflacionou a região.

Noel: Mas ainda tem um clima de rua, um clima meio bagaceira, aquela aura...

Jun: A decadência ainda continua conservada.

Alan: É um lugar aonde você vai que tem puta, farinha, roqueiro, traficante, travesti... E ao mesmo tempo todo mundo consegue conviver juntos. Hoje em dia, até tá acontecendo umas brigas, mas antes eu nunca via, era um lugar seguro, não tinha o mínimo problema.

Noel: É que agora ultimamente tem tido skinhead brigando aqui...

Alan: Outra vez também um mendigo saqueou uma mina.

Jun: Mas isso também sempre aconteceu em São Paulo, não é particularidade da Augusta...

Dá pra dizer que o Rock Rocket cresceu com a Augusta?

Alan: Dá sim, o primeiro show do Rock Rocket que teve um público bacana foi no OUTs, e eu que marcava: pegava as quintas-feiras, que eram livres lá, e ligava pra umas bandas das quais eu gostava. Liguei pro Wander Wildner e coloquei o Rock Rocket pra abrir, fiz a mesma coisa com o Cachorro Grande. Ficava de olho numas bandas de fora que estavam com data marcada de show perto de São Paulo e chamava-as pra tocarem aqui. E essa foi a nossa entrada, porque a gente não conhecia ninguém direito, mas acabamos entrando no cenário.

Noel: A gente toca bastante fora, mas tem alguns lugares em São Paulo que nós sempre fazemos show, e os três lugares garantidos que temos pra tocar em Sampa são na Augusta: o Beco, Inferno e o OUTs. E por incrível que pareça as três casas, que inclusive ficam no mesmo quarteirão, possuem públicos diferentes entre si. O público do Beco a gente ainda não conhece (mas já estamos com show marcado lá!), o do OUTs é mais locão e o do Inferno mais blasé.

Tem alguma música de vocês que tem a cara da Augusta?

Alan: “O que você quer aqui (um boquete pra eu dormir)”!

Noel: Inclusive a parte “atacado por ratazanas” aconteceu aqui na região, na esquina da Consolação com a Paulista.

Jun: Eu acho que uma música que simboliza os bons tempos da Rua Augusta...

Noel: Cerveja Barata?

Alan: Mas agora a cerveja é cara!

Jun: Acho que é “Por um Rock and Roll mais Alcoólatra e Inconseqüente”. A Augusta apareceu numa época em que era desse jeito: o pessoal ia aos shows pra ver bandas, pagava barato e via muitas bandas boas começando. Essa música tem a cara dos bons tempos da Augusta.

Os músicos viram o último gole de cerveja e estão prontos, e em cima da hora, para o show da noite. Eles abandonam os bêbados do bar/lanchonete e seguem para o Inferno. São duas e meia da manhã, a primeira banda já tocou – só mais tarde descubro que meus ouvidos tiveram a sorte de perder o show de abertura. A casa está lotada e preparada para ver o Rock Rocket subir ao palco e iniciar o convite a um último porre.

¹ O Inferno está situado na Augusta, no número 501, bem no centro de uma recente revolução do entretenimento paulistano. O Inferno traz mais ebulição ainda à já efervescente Rua Augusta, que entre botecos, garotas de programa e sofisticadas baladas vem se revelando o ponto mais heterogêneo da cidade. (www.infernoclub.com.br)

² O OUTS é um rock bar idealizado por freqüentadores do circuito musical alternativo, fundado com o propósito de divulgar todo e qualquer tipo de arte, com apresentação de bandas alternativas, exposições de artistas plásticos e ao som de djs residentes e convidados da “cena” paulistana. (www.clubeouts.com.br)

³ “Dá para apreciar a FunHouse sem ser do esquema indie. O som – rock alternativo de primeira – faz as belas roqueiras racharem o piso de tanto pular na pista pequena. Parece festa boa da faculdade.” - Revista Playboy (Agosto 2003)

⁴ “O Juke Joint todo mundo sabe, fica na rua Frei Caneca, 304. Não aceita cartão, nem cheque. Não é bonito e cheira mal, tampouco, trata bem seus clientes. Tudo isso para que vocês se sintam em casa”. (jukejoint.zip.net/)

⁵ Deste então, é o responsável por chacoalhar o cenário indie-electro-rocker da capital gaúcha. Chega 2011 e o Beco crava sua bandeira em São Paulo. Desde 17 de março, colocando as picapes a rodar, a pista a ferver e dando boas-vindas aos Becólatras da terra da garoa. Tudo isso no coração da Rua Augusta. Só o Beco Salva! (www.beco203.com.br)

⁶ Em 2008, em busca de melhores instalações, o Studio SP foi transferido para um galpão na Rua Augusta, região central de São Paulo, e se transformou em um dos pontos de referência mais importantes da revitalização da área que ficou conhecida como Baixo Augusta. A relação com o bairro é tanta que a casa é a sede oficial do Bloco Carnavalesco Acadêmicos do Baixo Augusta. (www.studiosp.org)

⁷ Casa de rock e música eletrônica da Rua Augusta, que atrai o público de modernos e descolados. O Vegas tem um estilo de decoração kitsch, com referências visuais a cassinos e cabarés. As noites de rock contam com bandas conhecidas do circuito underground tocando ao vivo. (www.vegasclub.com.br)

Meia noite em um puteiro
(Ao som de "Geni e o Zepelim" - Chico Buarque
e "Menina gata Augusta" - Jorge Ben)



Meia noite e doze. Quase quinze minutos de atraso e a travesti com peruca comprida loira de franjinha alisada me olha com desprezo do alto de sua cadeira na bilheteria do Espaço Satyros II, e me avisa que não poderei ver a peça. O espetáculo já começou. Tudo culpa da cerveja e da cachaça Seleta que parei para tomar na primeira padaria que avistei, a Monarca Café, esquina com a Luiz Coelho. A rua é longa e até chegar ao seu início, na Praça Roosevelt, achei que uma bebida me faria companhia nesta extensa caminhada.

Resultado, mudança de rumo: desbravar os inferninhos da Augusta. Mas, logo antes mesmo de chegar à Rua Caio Prado, tenho um encontro inesperado com uma de suas figuras míticas: o Fofão da Augusta. Nunca havia visto a lenda ao vivo, só sabia de suas histórias, mas, num vislumbre, quando cruzei com suas bochechas inchadas e rosadas, pude ter a certeza de que era o Fofão em pessoa.

O travesti ficou famoso no underground paulistano por sempre frequentar o Baixo Augusta. Já foi até convidado para ser hostess de casas noturnas da região. Vira e mexe é possível encontrá-lo vendendo livros de cordel no semáforo, pedindo esmola na esquina ou pelos cantos, dormindo em algum colchão. Seu rosto grande e gordo, de bochechas, boca e olhos exageradamente enormes, está sempre maquiado. O boato que rola é de que sua face deformada seria fruto de uma aplicação de silicone industrial mal sucedida. Ele passa reto por mim e vai exibir sua cara inchada para os outros transeuntes.

No quarteirão entre a Dona Antônia de Queirós e a Rua Costa, um laçador – aquele cara que fica nas portas dos puteiros chamando as pessoas para conhecer a casa – me convida para entrar no “Las Jegas”. Localizado no número 875, vizinho do também puteiro “Emmanoele”, o meretrício possuiu letreiros em neon azul e vermelho que estampam o nome sugestivo do local. Logo na entrada há jegues pintados nas pastilhas verde e vermelha dos balcões de caixa. Seus donos também possuem outro bordel na rua, o “Says”.

É meia noite e meia, o laçador garante que a casa lota de sábado, conta que tem show de hora em hora, que o inferninho só fecha às dez da manhã e que já tem gente curtindo lá dentro. Dez reais a entrada com direito a duas cervejas. Fui laçada. Entro no american bar minúsculo, a cerveja é Itaipava e, exceto pelos funcionários e uma cara já bêbado escolhendo outro drink no balcão, sou a única pessoa no salão. As meninas ainda estão chegando, das poucas que se encontravam por lá duas conversavam, enquanto outras tiravam um cochilo nos sofás.

- Ahhh, toca rock hoje? – pede uma das meninas de saia curta para o barman/DJ/faz tudo da casa.

- Pode deixar, já tem na lista! – ele responde.

- Os clientes que gostam de rock sempre gastam mais! Quando toca funk o pessoal se aproveita, começa a passar a mão na gente mesmo, acha que é festa! – conta a moça enquanto beberica sua caipirinha e cochicha com a amiga.

O clube obedece aos padrões de qualidade do nível Augusta de ser. O espaço é bem pequeno, você entra e dá de cara com o típico american bar com balcão comprido e banquinhos altos escondendo a garçonete baixinha e peituda, que parece ser a cafetina do local. Logo aos fundos há uma sala circular com um palco de piso preto e branco e pole dance ao centro. Vários sofás vermelhos são estrategicamente posicionados nas bordas da sala, e toda a sua parede é repleta de espelhos. A televisão, transmitindo um filme pornô trash, e os azulejos brancos sujos do chão completam o inferninho.

Não importa se o nome é Las Jegas, Emmanoele, Casarão, Biblos, Says, Castelão, Caribe, Cabana Café, Maison, Balneário ou qualquer outro das dezenas de inferninhos da Augusta. Todos ostentam o mesmo ar da decadência local.

O palco continuava vazio, e uma das moças explica que ele pode ser usado para eventuais danças se pintar vontade nas meninas, mas que o forte mesmo são os stripteases particulares, que acontecem no escuro dos sofás no fundo da casa e no meio de todo mundo. A única que ousava brincar no pole dance era Ivanna, uma transexual loiríssima de traços nórdicos que me parecia uma mistura de viking com Barbie. A boneca disfarçava a força de seus traços com delicadeza de seus movimentos. Era a rainha absoluta na arte de se pendurar no poste e ir descendo devagar, hipnotizando os olhos mais desinteressados. Ivanna dançava ininterruptamente, mas parecia carregar uma tristeza no olhar. Uma tristeza sutil, misteriosa e disfarçada, mas perceptível para quem não olhava apenas para seus shortinhos jeans e meia-calça.

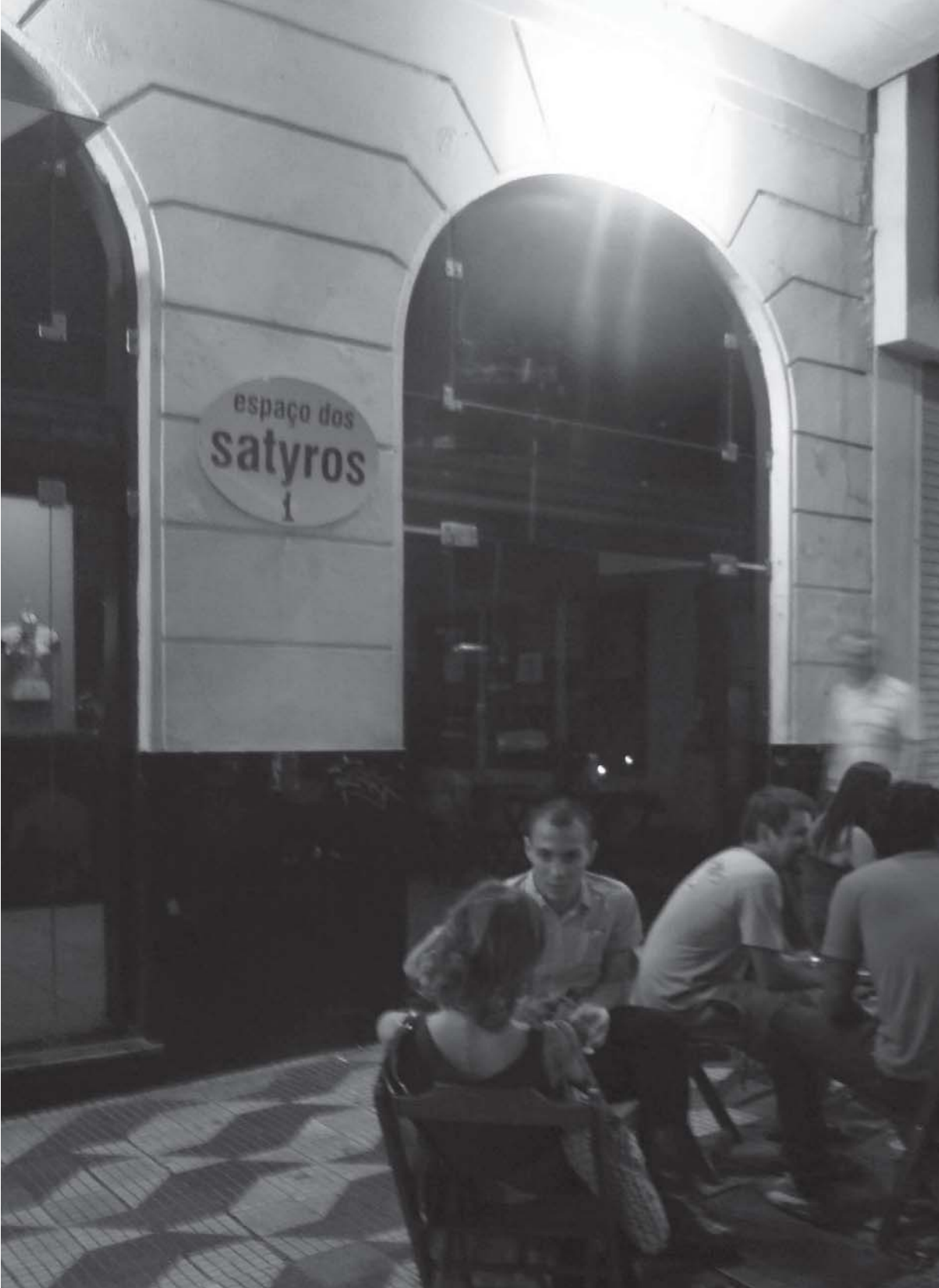
O público frequentador dos inferninhos augustianos é muito diversificado. Vai desde o casal curioso, que fica como voyeurs nos sofás ou às vezes chama uma garota para um ménage à trois. Aos garotos de dezoito anos recém completados, com pouca grana e muita testosterona, que de tão afobados divertem as meninas. À galera moderninha que quer farrear em um local diferente, aproveitar os preços relativamente baixos do local comparado às outras casas noturnas da região, subir no palquinho e dançar alguma música da Madonna no pole dance. Ao caminhoneiro de beira de estrada à procura de uma acompanhante, que já chega no puteiro tirando as meninas para dançar, pagando drinks, pedindo lap dance e apalpando o quadril que, vestindo uma calcinha fio dental de oncinha, rebola em seu colo.

A “área de fumante” fica no andar de cima do estabelecimento. É preciso subir uma escada bamba para chegar ao terraço onde a faxineira Mara e o gerente Oswaldo ocupam as cadeiras de plástico, enquanto fumam um cigarro na brisa do noite. O espaço é pequeno, e a área destinada aos fumantes é um corredor que dá de frente para o que parece ser a área de serviço, com banheiro, geladeira e fogão. Os quartos para onde as garotas levam seus clientes ficam depois da área de serviço.

De repente começa um sobe e desce de meninas, há um quarto ao lado onde meus olhos flagram uma garota nua trocando de roupa. O cômodo cheio de armários funciona como vestiário das meninas, é lá onde a mágica acontece. Elas entram garotas comuns, sem graça, com o rosto lavado, roupas desinteressantes e saem putas. Com micro shortinhos cheio de rasgos na bunda, decotes sem fim, blusas de barriga de fora, salto alto, sombra nos olhos e batom nos lábios, elas se pintam como os índios o fazem antes de irem para a guerra. Formam uma fila no espelho quebrado, cada uma segurando a sua própria chapinha, esperam a vez de sentar-se na bancada e alisar as madeixas rebeldes.

As meninas da Augusta não são lindas, não são feias. As meninas da Augusta não têm rosto. Elas têm coxa, peito, bunda e buceta. Têm ancas grandes, quadris largos, têm carne para ser apertada, enroscada, rosnada, encoxada, embuchada, arranhada, cheirada, mijada, beijada, esfregada, gozada, surrada. As meninas da Augusta são todas uma só. São todas a representação do gozo, do proibido, do coibido, do errante, do mundano. São as ajudantes de Baco. São amadas e odiadas. As meninas da Augusta são ousadas, são usadas, são usáveis, são gastas, são esquecíveis. As meninas da Augusta são profissionais, são comerciantes, são prestadoras de serviço. Afinal, todos precisam e fazem sexo, mas há aqueles que escolhem consegui-lo com facilidade, pagando. Para esses as meninas da Augusta prestam seus serviços. A média varia de 80 a 150 reais, mais 22 reais de aluguel do quarto, por 40 minutos de programa. O preço é negociado diretamente com o cliente, o que acontece no programa também: sexo oral com ou sem camisinha, beijo de língua, sexo anal, e o direito de gozar na boca, em seus seios ou onde o cliente preferir. Sexo pré-fabricado. Sexo no cartão de crédito.

Um culto a Dionísio
(ao som de "Augusta, Angélica e Consolação" – Tom Zé)



O ano é 2003, e a Roosevelt não é praça. Ela é, na verdade, uma enorme estrutura de concreto em forma de pentágono que cobre outros quatro pavimentos. Concreto, concreto e concreto. A arquitetura “curiosa” faz da grande construção de cimento um espaço perfeito para o consumo de drogas, prostituição, dormitório e barraco de sem-tetos, banheiro ao ar livre e depósito de lixo. À noite, o breu toma conta, o que a torna também palco para situações de violência. Qualquer morador da Roosevelt, em sã consciência, não se atreveria a atravessá-la, daria a volta pela Nestor Pestana ou pela Martins Fontes se quisesse chegar à República.

Os fundadores da Companhia de Teatro Os Satyros estão preocupados. É a segunda ameaça de morte que recebem em menos de um mês, e, com a estreia do espetáculo “Filosofia na Alcova”, eles teriam que, novamente, negociar com os traficantes a possibilidade de ultrapassar as permitidas 23h, e fechar mais tarde.

- Você viu? A Eletropaulo mal trocou as lâmpadas e eles já trataram de quebrar todas as novas com estilingue, não sobrou uma! -, reclamava Ivam enquanto caminhava absorto pela Praça, mãos no bolso, esperando a solução chegar.

- Será que hoje a gente consegue ficar aberto até às 2h00? - indagava Roberto, que há uma semana adiava a conversa com os traficantes para negociar até que horas a Companhia funcionaria na noite da estreia.

Sete horas da noite e a Roosevelt já ficava extremamente escura e inabitável, intransitável. O desafio de oferecer um espaço de teatro aberto de segunda a segunda tornava-se ainda mais impalpável quando o público tinha medo de frequentar o ambiente onde se localiza a sede da Companhia.

O ano é 2011, e encontro-me sentada no sofá do escritório d’Os Satyros, esperando meu entrevistado chegar. Assim que subo as escadas até o primeiro andar do número 214, dou de encontro com uma sala simples e ampla, cheia de cartazes antigos de peças teatrais e pôsteres disseminando a “democracia satyriana”.

Na sala há cinco funcionários. Um do qual eu só escuto a voz, outro no telefone, dois discutem a configuração nova do site da Companhia e outro escuta os pedidos da travesti alta de pele morena e cabelos loiríssimos argumentando que precisa de mais dançarinas no seu espetáculo. Depois de duas idas ao banheiro e um cafezinho, um deles vira pra mim:

“A jornalista bebe?”, minha resposta afirmativa é o sinal para descermos até o bar ao lado e tomarmos uma cerveja enquanto Ivam não chega.

Dan e Elder me acompanham até o La Barca, misto de barzinho a meias luzes e café que reúne atores e espectadores, enquanto especulam sobre o porquê de um dos diretores da Companhia insistir em querer uma geladeira de verdade, funcionando, com gelo e tudo, no meio do palco. Os dois parecem ser bem familiarizados com a vida noturna da região. No quarteirão em frente à Praça há uma vasta opção de bares peculiares e aconchegantes, como o PPP, “Papo, Pinga e Petisco”, palco do primeiro show de Elis Regina em São Paulo, e o Parlapatões, conhecido por sua fama de “não fechar nunca” e ficar aberto até o último cliente ir embora.

- Eu passo muito tempo aqui, não faz bem! Tem muito artista, e esse povo é tudo doido! – exclama Dan.

- Olha, só não tiro os sapatos, mas já me sinto em casa! O difícil mesmo é sair daqui da Praça Roosevelt – retruca Elder.

- A gente se programa para sair, ir para algum lugar diferente, mas acaba passando aqui e vai ficando... – concorda Dan, enquanto acende um cigarro.

À medida que a noite cai, aumenta a música, a conversação e o número de cadeiras de plástico que saem bares à fora e dominam as calçadas. Atores, músicos, trabalhadores, travestis, boêmios, intelectuais e artistas de teatro param para beber e conversar a conversa que seria, várias vezes, interrompida pelo (mesmo) mendigo insistente que não desistia de tentar conseguir alguns trocados.

Meu entrevistado chega e trocamos de boteco, vamos para o bar intimista e a luz de velas do próprio Espaço Satyros I. Entre um café e um croquete, Ivam se confessa um urbano apaixonado pelo burburinho dessa mistura de gente, raças e cores do centro de São Paulo. Há quatro anos na Augusta, e 10 no Centro, seu prédio é o primeiro da rua, o número 66. Do alto do quinto andar, Ivam estima, quem diria, a humanidade presente no centro urbano. Ele aprecia sair de manhã para comprar jornal e, no caminho até a banca, ir cumprimentando o cara do açougue, da padaria, do bar... E mais que isso, cumprimentá-los por seus nomes, até mesmo os moradores de rua, ele sabe com se chamam.

Foi nesse cenário que Os Satyros, fundado em 1989, escolheram para erguer sua sede. Mas, antes de fixar-se nos terrenos do Baixo Augusta, em 1992 a Companhia partiu para um longo período na Europa. Na época, o Brasil, comandado por Fernando Collor de Melo, ainda tinha em sua memória recente lembranças da ditadura, havia uma incerteza em todos os sentidos políticos e econômicos, e não havia nenhum espaço para cultura, nenhuma lei de incentivo ou política cultural. Então, os artistas eram quase marginais, e quem trabalhava com artes: ou ia para a Globo, ou não era ninguém.

Convidados para representar o Brasil em alguns festivais europeus, eles aproveitaram o momento nacional nada favorável, e sonharam a possibilidade de ter uma sede fora do país. O tipo de atitude que você só toma quando se tem vinte e poucos anos. Apesar de terem conquistaram muitas coisas no velho continente, não estava nos planos d’Os Satyros ficar pra sempre por lá.

Retornaram a São Paulo em 2000. Direto para a Roosevelt. Encontraram, de cara, um ambiente escuro, hostil, onde o tráfico, a violência, a sujeira e a prostituição eram muito maiores que a Companhia de Teatro. Vieram para o Centro da cidade pela paixão por Sampa, e por sempre apostar no processo de renovação que, naturalmente, transformaria o lugar.

- Foram quatro anos de brigas e lutas para conquistar o espaço, mas nunca tivemos dúvidas de que essa região se transformaria em um local iluminado e bacana, porque é um processo normal – explica Ivam, e saca o celular do bolso para me mostrar sua nova obsessão: fotografar palácios deteriorados, que ele tem certeza que serão restaurados, por serem patrimônios históricos e arquitetônicos importantes.

Foi assim com Soho, bairro do centro de Manhattan, um lugar abandonado que passou a ser o refúgio dos artistas de Nova York nos anos 70, e hoje é uma das regiões mais elegantes do mundo. A partir de um processo artístico a região de Soho transformou-se no que é hoje, e o mesmo tende a se repetir no centro paulistano. Todo o processo de revitalização do Baixo Augusta se iniciou em volta dos movimentos artísticos da Praça Roosevelt, e foi tomando as ruas. A ressignificação do espaço degradado e decadente, através da arte.

Participando ativamente dessa “revitalização”, os Satyros foram a primeira Companhia de Teatro a apostar (desafiar) no Baixo Augusta. Desde o primeiro ano, já tiveram uma boa acolhida da crítica e um olhar diferenciado, mas, só em 2003 começaram a atrair bastante público à Praça, e isso se consolidou em 2005. Com a montagem da peça “Vida na Praça Roosevelt”, a Companhia ganhou público e prêmios. A cidade passou a percebê-los, e o teatro a assumi-los.

- Depois disso passamos a não ter mais problemas com o tráfico – conta Ivam, lembrando da época em que tinha que negociar com os traficantes o horário de fechar o Espaço: em final de semana eles podiam ficar até mais tarde, em meio de semana não.

A partir daí, os participantes do movimento teatral da Praça passam a ser vistos pelos moradores como os embaixadores dessa “revitalização”, e o poder público começa a prestar atenção na região, e a cogitar uma reforma. A ideia era tornar o local um espaço aberto, que fizesse a ligação entre a região da Roosevelt com a Augusta.

- Foi um processo muito bacana e democrático do poder público com o que estava acontecendo aqui. Demorou pra caramba, ainda não terminaram, mas eu acho que é uma vitória desse movimento que começou lá atrás, e a gente não vê a hora de tirar esses tapumes e termos uma praça horizontal – vibra, e comenta que a previsão é de a Praça ficar pronta até março de 2012.

Não existiria palco melhor que o Baixo Augusta para Os Satyros montarem seus espetáculos. A região tem tudo a ver com os artistas, todo processo de teatro de grupo e da construção da história do teatro de São Paulo passou por aqui. A Augusta sempre teve esse lado efervescente e irreverente, gerações e todos os grandes movimentos, como a Bossa Nova paulistana e a Jovem Guarda, cruzaram a rua que passou a transpirar o “inconsciente coletivo” da arte. “É uma rua que vive absolutamente na contramão de qualquer coisa,

mesmo o Teatro Augusta, que está no circuito, exhibe peças que não são tão comerciais”, diz Ivam.

O ápice do experimentalismo augustiano tem um de seus pontos mais expressivos nas redondezas da Praça Roosevelt. Desde o horário das peças, a meta é fugir do lugar comum e oferecer opções além das convencionais. Para isso, a Companhia convida o público a imergir noite adentro nos espetáculos que começam às 00h ou 2h da manhã. Os Satyros buscam tirar o espectador da sua zona de conforto, quebrar a imagem de que o teatro é às nove da noite em poltrona de veludo aconchegante.

- Queremos mostrar o teatro como você não conhece, e que só é encontrado aqui. Na arte geralmente tudo é muito lindo, mas nós também temos o outro lado. Ao mesmo tempo em que temos coisas absolutamente incríveis, cheirosas e prazerosas, também defecamos, temos entranhas e excrementos, então você junta essas duas coisas e faz disso uma experiência.

Para entender a “filosofia satyriana”, é preciso conhecer dois elementos importantes que Nietzsche introduz em “A origem da tragédia”: o apolíneo e o dionisíaco. O apolíneo é a luz, as formas, a limpeza, o belo, o branco e o organizado. Já o dionisíaco é o oposto disso, é o sangue, a embriaguez e o deformado. A arte total e verdadeira bebe desses dois elementos: na mesma proporção que surge o apolíneo, ela também tem o dionisíaco.

Os Satyros acreditam plenamente que são necessários esses dois elementos para as pessoas possam se encontrar. “Cultuamos o belo, mas a sujeira também é importante. Então, o dionisíaco sempre foi importante para a Companhia, que busca escancará-lo”, declara Ivam Cabral.

- Você precisa desse lado, por isso que existe o Carnaval, festas e excessos. Por isso que a gente bebe e se droga, precisamos de excessos e de apertos para entender o estado de conforto – ele reflete, enquanto brinca com os restos de seu croquete no prato.

Seu palco se mostra ainda mais perfeito, já que a Augusta também é dionisíaca, ela apresenta esse lado da embriaguez, do desnorteante, da desordem. A proposta satyriana de incorporar o dionisíaco se mostra, por exemplo, na escolha de assentos propositalmente desconfortáveis para seus espectadores. Eles buscam o desagradável, que “também pode ser muito prazeroso se você entende esse contraste que a gente está tentando propor”, justifica Ivam.

Acho que as pessoas têm entendido. Afinal, “Filosofia na alcova”, por exemplo, estreou na Praça Roosevelt em 2003, e está em cartaz, ininterruptamente, até hoje.

- Como você tinha tanta certeza da revitalização do Baixo Augusta?

- Esses processos são naturais, é sempre assim, parece que tudo vai acabar e aí vem um processo de renovação, reconstrução, reformulação. Aí aquele lugar fica lindo de novo, e

é chique morar lá. Historicamente, vimos esses processos acontecer em muitos locais: Nova York, Londres, Paris e Berlin revitalizaram um espaço que um dia foi degradado, e já imaginávamos que isso fosse acontecer aqui.

- Está havendo a desapropriação de vários inferninhos para acontecer a revitalização da região. O que você acha disso?

- É uma pena, porque putas e artistas sempre conviveram muito bem juntos em qualquer lugar do mundo, em qualquer momento da história. Acho que os dois combinam, são pares, e é uma pena vencer o poder do capital. Mas, isso também é o que vai acontecer com a gente, nós vamos ser expulsos daqui, não tenha dúvidas.

- Por que vocês serão expulsos?

- Porque o nosso espaço é alugado. Quando chegamos aqui o espaço era barato, atualmente já não é mais tão barato, e daqui a pouco vai ser muito caro, então a gente vai ser mandado embora. Quando arrumarem os prédios daqui, vai ficar tudo a preço de ouro, e a gente não vai ter dinheiro pra pagar, e isso vai acontecer.

- Qual é a sua visão do futuro do Baixo Augusta?

- Aqui vai ser um lugar muito elegante e limpo, a tendência é a higienização. Sempre vence o apolíneo, sempre vence o capital, mas eu não acho que isso seja mal, é normal. Ao artista cabe o pior de tudo, que é limpar a sujeita da humanidade. Então, a gente limpa, o povo vem ocupar o que limpamos, e aí a gente vai limpar outro lugar, então tudo certo!

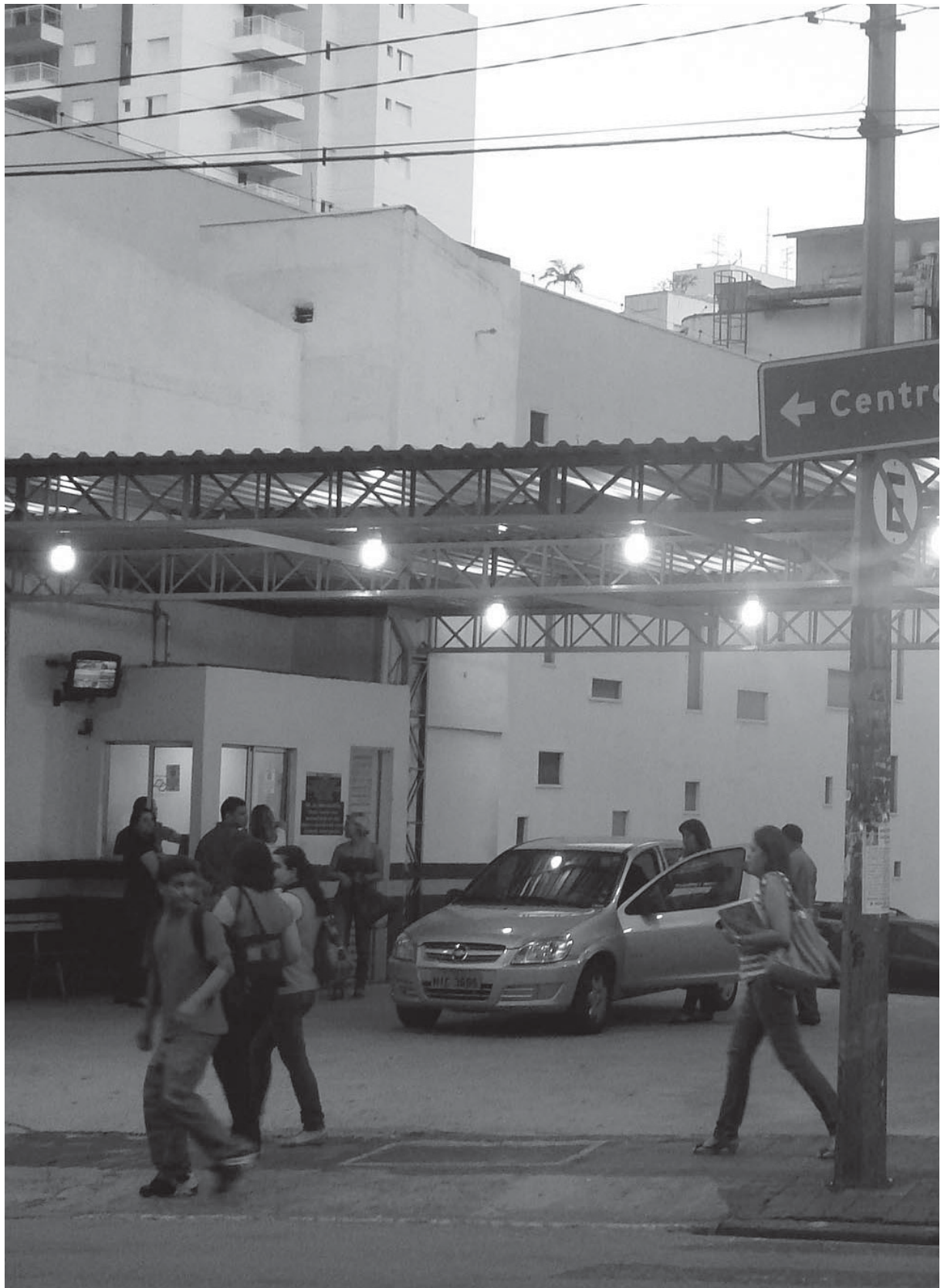
- Tudo certo?

- Sim, porque, simbolicamente esse é o papel do artista, acho que somos a escória da sociedade mesmo, porque é a gente que vai fazer a crítica, a gente que vai pontuar esses processos de mudança, então eu acho legítimo, mesmo, e torço para que isso se revitalize, fique lindo, e aí a gente vai para outro lugar. Por exemplo, eu tenho a certeza da revitalização da região da Luz, agora lá tá surgindo um Sesc, vários teatros... Aquele lugar vai ficar muito famoso em breve, vai ser um pouco do que aconteceu aqui, a partir da arte alguma coisa vai acontecer, a aí vão surgir prédios elegantes...

- Por enquanto você só me deu uma visão apaixonada pelo centro. O que você não gosta daqui?

- Então, aí a gente pode falar do mal da prostituição e da droga, que tenho visto cada

vez mais. Acho assustador ver o que está acontecendo com a cocaína, todo mundo está cheirando, as pessoas me oferecendo droga na minha porta. Mas meu! E o livre arbítrio? Eu não vejo nesse processo, de verdade, a decadência. Eu vejo que a grande São Paulo tem 20 milhões de habitante. É muita gente, somos muitos países para uma cidade. Só, então, nossos problemas sempre serão maiores, mas, na proporcionalidade disso, acho que a gente está no ganho. Sou um cara otimista, meio “pollyanna”, acredito no homem, no ser humano, e que a gente tem saída.





O amor termina na Augusta
(ao som de "Não existe amor em SP" – Criolo)

VADIAS
ADORAM!



O Criolo me diz que o amor não existe em SP. Anônimos me dizem que o amor até existe, mas que ele termina na Augusta, pois, assim como a Paulista, começa no Paraíso e acaba na Consolação. Já eu, acredito que o amor começa e termina na Augusta. A toda hora e a todo o momento novos amores surgem e antigos se desmancham. Na verdade o meu amor pela Augusta foi instantâneo: assim que pisei, me apaixonei, especialmente pelo wild side. Quando eu saía do metrô, era inevitável escolher as escadarias do “sentido Centro”, até mesmo se meu destino eram os Jardins. E quando fazia tempo que não visitava a rua, sentia até um arrepio pelo corpo ao voltar a pisar em suas calçadas e aspirar sua atmosfera atípica.

Se você quer sentir o que é a Augusta, então coloque The Stooges pra tocar, mais precisamente a música I wanna be your dog (até Facundo Guerra concorda comigo). Mas coloque no volume máximo, até sentir aquele zumbido gostoso no ouvido, e as batidas graves soarem dentro de você. É sentir a nicotina se espalhando pelo seu organismo, como no primeiro cigarro da manhã. Sentir o cheiro de cerveja choca misturado com mijo e asfalto. Andar pelas calçadas da rua que nunca dorme e esbarrar com os tipos humanos mais incríveis perambulando por aí. É cada passo ser uma aventura, pois um nóia ou um outro louco qualquer pode te abordar para arrumar confusão ou simplesmente te pedir um cigarro. É você saber que a cada esquina há um meio de arrumar cocaína, que a cada quarteirão há um meio de obter sexo, que a cada boteco há um meio de se embriagar e que haverá sempre, em um bar com música boa, um meio de se refugiar. É um submundo, abrigo de quem está à margem do politicamente correto e do socialmente aceito.

Mas o amor vai acabar, porque minha Augusta vai morrer. Ela vai virar uma dama, mas eu a preferia vadia. Seu crepúsculo, aos poucos está dando lugar para o sol nascer e a sujeira se dissipar. Muito se fala da “revitalização” que está por vir, mas se esquece de avisar que vidas serão varridas para o novo “sopro vital” se instalar.

Minha Augusta vai morrer. E não há nada que eu possa fazer, porque a rua é um corpo vivo, que, da mesma maneira que não pode ser “revitalizado”, não segue comandos. Ela própria determina sua direção, muda e já a altera novamente. Subversiva, ela já não é mais, se é que um dia ela chegou a ser. A Augusta pela qual me apaixonei já era esvaziada, transgressora de boutique. Mas foda-se: nem por isso era menos apaixonante. Uma Augusta onde o coibido é glamourizado, na qual bares e festas privadas aconteciam em antigos bordéis. Era possível descer as escadas e ver os quatinhos onde o sexo acontecia como mercadoria.

Tudo era maquiagem na Augusta pela qual me apaixonei, mas que nem por isso perdeu seu charme. A atmosfera que a rua exala é bem utilizada pelos donos de estabelecimentos como um atrativo para cativar novos frequentadores. Aproveita-se o sabor proibido de certos espaços, resignificando-os como mercadorias e, no processo, limpando-o de tudo o que é verdadeiramente podre e desagradável. A cultura alternativa e o underground, antes marginais, são absorvidos pela sociedade. Tem até quem diga que o Baixo Augusta virou “simba safári”: pessoas passam de carro pela rua só para ver as diferentes tribos andando nas calçadas e nas filas das baladas.

Olhamos o consumo dos outros para poder entendê-los, e com a Augusta não é diferente, porque ela nada mais é do que consumo. Existe uma indústria do consumo por trás da rua, que não é linear, vai e volta, reabsorve, reincorpora, ressignifica. Seus cinco quarteirões da metade Centro são transformados pelo consumo. Consumo de música (seja ela mainstream ou underground, muita gente é atraída pra ver bandas fazerem suar as paredes das casas de shows de pequeno porte), consumo de roupas (sejam elas de brechós vintage, especializadas em “camisetas com personalidade” ou lojas colaborativas e de designers famosos, geralmente cultuados pela alta cúpula fashion da cidade), consumo de sexo (nos inferninhos que ainda resistem), consumo de arte (seja no Teatro Augusta, Satyros, Cine Unibanco ou até mesmo no Comedians, o primeiro teatro de stand-up comedy paulistano) e o consumo de álcool, entorpecentes e diversão (seja nas novas e famosas casas noturnas, ou nos botecos sujões como O Pescador, Bar do Matão e o falecido Ecléticos).

O consumismo paulistano e a crescente imagem de “rua cool de São Paulo” provocaram a demanda de estabelecimentos culturais, de lazer e comércio, que impulsionaram o setor imobiliário. Agora se investe intensamente em construções luxuosas a fim de atrair novos moradores e espantar os antigos. O problema dessa “revitalização” está exatamente em determinar que tal situação é marginal, que não faz parte de mim e por isso deve ser afastada. O problema é não querer enxergar que eu existo porque o “marginal” existe. Eu só me defino na diferença do outro.

Minha Augusta vai morrer. A graça de suas contradições será extirpada. Vai perder sua hibridez tão interessante, não no sentido de seus dois lados apresentarem uma oposição hostil, serem incomunicáveis e desarmônicos. Porque, quando se fala que há dois mundos na Augusta, é para assinalar seus contrastes, não para antecipar antagonismos e segmentações. Reiterar as diferenças e oposições da rua de mão dupla, dona de metades da mesma natureza que dialogam uma com a outra. Não incompatíveis, jamais. Na rua mais democrática e, ao mesmo tempo, um dos lugares mais cruéis de São Paulo, incompatível é massificar.

Augusta | rua de mão dupla

Laís Montagnana

Nem toda rua é, apenas, uma rua. Na maioria das vezes, rua e paisagem são apenas cenários de histórias que por ali se passam. Mas, em alguns casos, uma rua também pode fazer história.

Com 3.008 metros de extensão divididos em 18 travessas, a Rua Augusta tem seu início, já “maldito”, na Praça Roosevelt, e seu término, com ares residenciais da high society, na esquina com a Estados Unidos. A Augusta é uma importante via da capital paulistana, que liga as ruínas históricas do centro da cidade com a zona oeste e, no meio do caminho, cruza com a Avenida Paulista, maior centro comercial de São Paulo e sede dos maiores bancos da América Latina.

Na verdade, é a Avenida Paulista que corta a Augusta em duas metades: “enobrece” uma e “amaldiçoa” a outra. Reza a lenda urbana que uma baronesa muito rica teria enterrado seu medalhão de ouro em uma parte da Rua Augusta do sentido Jardins, e amaldiçoado o lado que vai para o Centro. Essa pode ser apenas uma lenda, mas fato é que essa rua tão augusta reflete como poucas a diversidade humana e social que identifica a maior peculiaridade da cidade. Suas metades, às vezes tão paradoxais, são complementares. Existe um pouco dos dois lados da rua em cada uma das Augustas: é como se uma metade abastecesse a outra.

Resta, então, flunar nas ladeiras augustianas e desbravar algumas particularidades dessa rua de mão dupla.